

A SBPC EM FORTALEZA

O Brasil e
seus cientistas

EDITORIA ABRIL - N. 567
18 DE JULHO DE 1979 Cr\$ 40,00

veja

CORTESIA
DO EDITOR

Regina Duarte
em "Malu Mulher"

A MULHER DESCASADA



NÃO COMPRE ALAMBIQUE POR DESTILARIA.

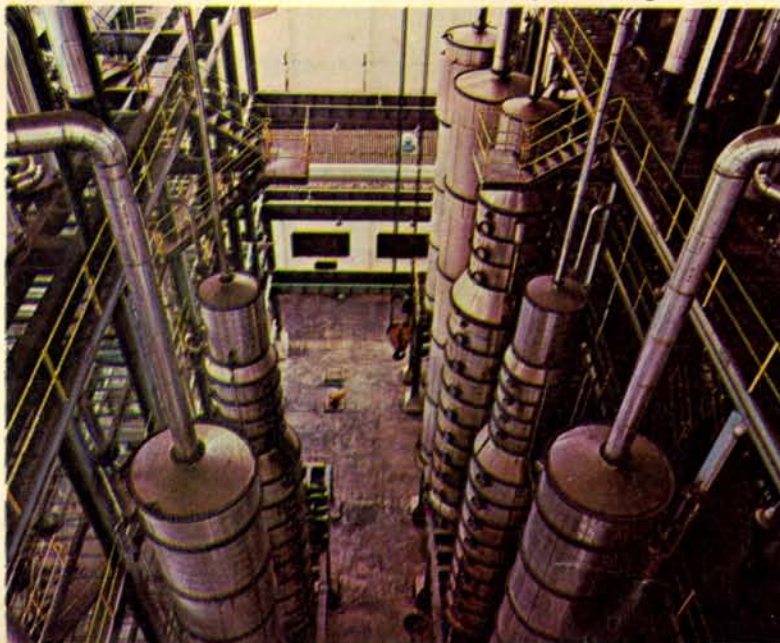
Para quem vai ter que produzir bilhões e bilhões de litros de álcool, todo cuidado é pouco.

Exigindo tubulações, torres de destilação, trocadores de calor feitos com tubos de aço inoxidável da Persico Pizzamiglio, você ficará

tranquilo.

Fique sabendo, que no Brasil, somos os únicos que os produzimos em fornos contínuos, com atmosfera controlada. E daí? Bom, é por isto que os nossos tubos duram quase quatro vezes mais que os outros.

É também uma tranquilidade saber que os mais importantes fabricantes de destilarias usam-nos exclusivamente. Você sabe que o custo das tubulações representam 15% do valor do equipamento, e que ser exigente não vai custar muito.



Aliás, a médio e longo prazo vai é ficar muito mais barato. Mãos ao álcool, que o Brasil precisa deste petróleo doce. Quanto aos tubos de aço, que sejam os inoxidáveis Persico Pizzamiglio. Exija a lebre, não se contente com o gato.

 **tubos de aço**
PERSICO
PIZZAMIGLIO

Você não vê. Mas nós estamos aí.

Av. Paulista, 1009 - 21.º andar
Tel. 287-9955 - Telex 21388
São Paulo - SP

Dá para agüentar

Para o professor americano, a inflação é um problema mas não existe crise econômica nem o petróleo fará nascer capim pelas ruas

Por Judith Patarra

Prêmio Nobel de Economia em 1970, Paul Anthony Samuelson, 64 anos, é o autor de um dos maiores *best-sellers* já produzidos pela ciência econômica. Seu "Economics", inevitável volume nas bibliotecas dos estudantes da chamada "lúgubre ciência", publicado em 1948, já vendeu mais de 3 milhões de exemplares em 52 países e 22 idiomas. Considerado o principal representante do pensamento pós-keynesiano nos EUA, Samuelson continua acreditando ser vital a participação dos governos na regulação da vida eco-

nômica, embora há muito o antigo vigor tenha sido substituído por atitudes mais adequadas a técnicos do *establishment* liberal. Ainda assim, adora dizer que o "livre mercado, o *laissez-faire*, é um sistema de coerção pelo dinheiro".

Samuelson sustenta, há décadas, uma notória polêmica com Milton Friedman e seus seguidores, adeptos, segundo ele, da crença de que as forças do mercado se encarregam de solucionar qualquer problema econômico. "Eles professam uma religião que não é a católica", costuma dizer Samuelson, completando o comentário com um irônico pensamento de Anatole France sobre o direito de os ricos dormirem sob a ponte, tal qual os pobres. Desse modo, o professor do Massachusetts Institute of Technology (MIT), onde detém o título de Institute Professor, o mais alto na hierarquia da conceituada instituição, dedica razoável desprezo às teorias monetárias, preocupando-se menos



Samuelson: inflação x crescimento, a dura escolha

com os números que com os problemas de bem-estar da humanidade.

Filho de um farmacêutico polonês, Samuelson pouco tempo dispõe para o tênis e a literatura policial, seus passatempos prediletos. Apesar de abatido pela viuvez recente, ele continua bem-humorado e acessível, o que foi comprovado por VEJA nesta entrevista em que ele analisa os mais atuais fenômenos econômicos — especialmente os conflitos entre inflação e crescimento.

O petróleo não é tão importante

VEJA — A economia mundial está em crise?

SAMUELSON — Não há crise. É possível que os Estados Unidos enfrentem uma recessão antes das próximas eleições presidenciais. Mas, quando os

Estados Unidos espirram, o mundo já não pega pneumonia. Além do mais, ainda não houve uma plena recuperação desde a última recessão mundial, na Europa e no Japão. Não há razão, pois, para que eles entrem em recessão por nossa causa, embora seja possível que se assustem e nos acompanhem. Não os aconselharia a fazer isso e até aposto que tal fato não ocorrerá.

VEJA — Em que medida o petróleo é responsável pelos problemas econômicos do mundo?

SAMUELSON — O problema do petróleo é importante, pois os preços reais da energia subirão. Mas, para mim, isso significa um crescimento de 3,5% ao ano — em vez de 4% — durante os últimos anos do século XX, nos Estados Unidos e na Europa. O petróleo não provocará o fim do crescimento econômico nem capim começará a nascer pelas ruas... O problema do petróleo, no fundo, não é tão importante.

VEJA — Certa vez, o senhor escreveu que manter baixas taxas de crescimento para conter a inflação poderia ser uma vitória de Pirro. Em sua opinião, qual dos dois problemas é o mais grave?

SAMUELSON — Essa é a questão mais difícil, principalmente no caso dos Estados Unidos e da Europa ocidental. As escolhas são duras. Alemanha, Suíça e Japão, de 1973 a 1978, progrediram muito na luta contra a inflação. Mas houve desemprego nos três países.

A Suíça, por exemplo, ainda não retornou ao nível de produção anterior a essa recessão. É preciso decidir sobre os custos da batalha, embora eu acredite que uma economia mista — como a americana e a européia — possa e deva agüentar a pressão. Trata-se, também, de uma questão política — lembre-se, nós não temos generais. É o povo que escolhe seus dirigentes e uma decisão excessivamente dura, que resulte em queda nos índices de produção, nos lucros e no emprego, leva o eleitorado a preferir, em seu lugar, um aumento da inflação. Enfim, como se sabe, a economia é tanto arte como ciência. Aliás, é mais arte que ciência.

Não se mata inflação com slogans

VEJA — *A inflação é, hoje, um problema generalizado. O senhor diria que a causa da inflação está no próprio sistema econômico?*

SAMUELSON — Primeiro, deixe-me classificar diferentes tipos de inflação. Há a hiperinflação alemã, de 1920 a 1923, que também ocorreu em forma semelhante na Hungria e na China. A classe média e a universidade desapareceram. Os trabalhadores recebiam o pagamento às 9 horas da manhã e tinham que gastá-lo, de início, até o meio-dia, depois antes das 11 horas, até que o escambo — a troca direta de mercadoria por mercadoria — tomou conta do sistema. Essa inflação, a pior que existe, geralmente acontece após uma guerra perdida, ou durante uma revolução, e está ligada a uma desenfreada emissão de dinheiro. O segundo pior tipo de inflação — desculpe-me dizê-lo — é o da América Latina, com sua média anual entre 40% e 60%. Por alguma razão, países como o Brasil, Argentina e Chile convivem com essa inflação há gerações — é preciso ser bem velho para lembrar de outros tempos. O fenômeno penetra a sociedade, as instituições, as estruturas de pensamento. E, como não surgiu da noite para o dia, também não desaparecerá rapidamente. Já o tipo de inflação da maioria das economias mistas, nos Estados Unidos e na Europa ocidental, tende, nesta década, a ficar em 8%, 10% ou 12% ao ano.

VEJA — *Mas isso não se deve à estrutura da economia?*

SAMUELSON — Parte da razão — e espero estar errado, por ser algo profundo e um pouco pessimista —, de fato, reside na própria natureza dessa

economia mista. Um *welfare state* — sistema de assistência social e previdenciária administrado pelos governos da maioria das nações industrializadas — fica sujeito a tal doença. Não obriga o indivíduo a aceitar um emprego sórdido para ter o que comer. Paga a ele sem que trabalhe. Até durante as recessões, os empregos desagradáveis, que pagam salário mínimo ou pouco mais, não encontram candidatos. Hoje, nos Estados Unidos e Europa, se os automóveis não encontram compradores, os operários da indústria automobilística continuam a receber seus salários, no caso, dos sindicatos e do governo. O que significa, então, o desemprego se, com ele, os salários não mais são pressionados para baixo? Bem, a maioria de nós não gostaria de voltar ao velho sistema. Mas temos que aceitar que, ao lado das boas coisas do novo sistema, há essa tendência em relação aos preços: eles tendem a subir sempre.

VEJA — *A inflação é, como querem muitos economistas, um problema monetário?*

SAMUELSON — Nessa conversa sobre inflação, não tenho me referido à oferta de moeda. Geralmente, alguns economistas dizem que inflação é uma questão de excesso de oferta monetária. Isso não se discute. Mas, mesmo que se pense assim, é preciso perguntar pelas razões estruturais e políticas. Por que em sociedades, como a argentina e a brasileira, o suprimento de moeda não cresce a taxas compatíveis com a estabilidade de preços?

VEJA — *Que importância o senhor atribui ao componente psicológico da inflação? Boicotes de consumidores a produtos com preços em elevação costumam dar resultado?*

SAMUELSON — Há alguns anos, as donas-de-casa americanas deixaram de comprar carne em supermercados. Não acredito que isso tenha afetado o preço da carne. Mas foi, enfim, uma forma de criar novos hábitos e de reduzir o consumo de um produto que estava custando muito caro. Boicotes, contudo, não duram muito. Além disso, não se mata — nem se cria — a inflação com slogans. Claro, se alguém sair gritando que amanhã começa uma guerra, as donas-de-casa correrão para abastecer suas despensas. Mas, em linhas gerais, as expectativas inflacionárias só se reduzem a longo prazo.

VEJA — *O controle da inflação é de responsabilidade do governo ou deve ser partilhado por toda a sociedade?*

SAMUELSON — Nosso governo não é diferente de nós. Para mim, o governo americano é algo como Nós, Inc. Uns culpam James Schlesinger pela confusão energética, outros culpam Carter, e outros ainda culpam o Congresso. Mas todos espelham a divisão de opiniões que há na rua principal de qualquer cidade do país. Não temos inflação porque os membros do Federal Reserve Board (*o Banco Central americano*) sejam estúpidos, maliciosos ou mal-informados. Acho que fazemos tal pressão política para evitar medidas mais duras que a inflação só pode mesmo se manter.

VEJA — *O senhor diria que os governos latino-americanos são também Nós, Inc.?*

SAMUELSON — Não acredito que, nesse caso, se possa ter a mesma visão. Mas, ainda que vocês se livrassem dos governos autoritários, a inflação permaneceria. Brasil e México são quase casos únicos em que um modelo inflacionário crônico resultou em certo grau de progresso material, ainda que muito mal distribuído. Devo lembrar, contudo, que isso não é surpreendente. O capitalismo não tem mente, não pergunta o que se deve fazer com tal região mais atrasada ou com tal indivíduo menos hábil. Enfim, não quero dizer que a inflação é inevitável ou que não ocorreria numa democracia. Também nada garante que, para combater a inflação, é preciso parar de crescer. Às vezes, há progresso material sem inflação, em outros casos há progresso com inflação e nada impede que ocorra baixo crescimento com inflação. Não existem, quanto a isso, modelos simples.

O controle que vale só a curto prazo

VEJA — *O senhor acredita que os governos possam administrar, com eficácia, preços e salários?*

SAMUELSON — Examinando as evidências dos quinze ou vinte principais países do mundo, vê-se que o controle de preços e salários funciona muito bem a prazo muito curto — três meses, talvez cinco. A partir daí, esse controle perde eficiência. E ganha-se, naturalmente, uma invencível barreira burocrática. Há, ainda, outra desvantagem: no momento em que o controle é suspenso, a inflação aumenta. Guardaria esse controle para emergências, embora ele não resolva o problema da estagnação — essa estranha combinação de in-



Em qualquer temperatura, a experiência bem dosada.

**Esso Super,
Super Óleo.**

A Tecnologia sob Medida.



lação com estagnação do crescimento econômico.

VEJA — Até que ponto reajustes salariais em períodos inferiores a um ano dificultam o controle da inflação em economias com índices de preço em torno de 40%?

SAMUELSON — Com uma inflação dessas, é preciso encontrar mecanismos rápidos para ajustar os salários. De outro modo, retira-se do trabalhador uma parcela significativa de salário real. Além disso, seria superficial culpar os reajustes pelos 40% de inflação. É tudo parte do mesmo círculo vicioso.

A viagem em volta da inflação mundial

VEJA — No mundo de hoje, qual seria a média anual inevitável para a inflação internacional?

SAMUELSON — Nada é inevitável. A economia não é uma ciência exata, mas, se eu partisse para uma viagem ao redor do mundo e voltasse dez anos depois, diria que só com sorte seria possível esperar uma inflação inferior a 8%. Seria mais pessimista no caso da Escandinávia, Holanda, Bélgica. Talvez Alemanha e Suíça estivessem melhor. Quanto à América Latina, não apostaria em grandes mudanças. Veja o Chile. Ali funciona o que se pode chamar de fascismo capitalista. O governo é duro em relação a intelectuais, professores universitários, sindicatos, movimentos de esquerda. A condução do país está entregue a técnicos em economia. Esses técnicos professam uma religião — que não é a católica. É a religião da Escola de Chicago: o mercado cuidará de tudo, rezam os malucos de Chicago, sob as bênçãos do professor Milton Friedman. Realmente, a inflação chilena deixou de atingir 600% ao ano. Mas a liberdade de mercado que lá se adotou é a liberdade de ter pessoas infelizes, morrendo de fome. Creio até ser possível que o Chile alcance uma moderada estabilidade nos preços. Só que isso não significará que, no Chile, vive um povo feliz.

VEJA — É possível haver eficiência numa economia de mercado que conviva com monopólios e oligopólios?

SAMUELSON — Um sistema de mercado cego e impiedoso pode ser eficiente. Se o sistema está realmente aberto ao mercado mundial, é provável que ele impeça a dominação de monopólios. Hong Kong, onde não há barreira algu-

ma, é um exemplo disso. Enfim, pode haver efetiva competição se deixarmos o sistema de mercado funcionar livremente. Contudo, esse sistema pouco se importa se as pessoas morrem de fome. Em pleno *laissez-faire*, na Irlanda de 1845, mais de 1 milhão de pessoas morreram de fome. Meu sonho é obter algo da eficiência do velho capitalismo e misturar com algo da humanidade do *welfare state*. Assim, onde a competição pode funcionar devemos dar-lhe uma chance, abolindo regulamentos. Sem esquecer, contudo, seus efeitos. Sou favorável à eficiência, mas temos que resguardar a possibilidade de ser obrigados a remendar os pedaços dilacerados pela crueldade do sistema de mercado. Em todo caso, não sei se esse meu sonho poderá, um dia, se tornar realidade. A estagflação sugere o quanto será difícil não perder em eficiência quando se ganha em equidade e igualitarismo — noções que me são caras.

VEJA — Não é frágil defender uma volta à economia de mercado quando a obsolescência programada, o superfluo e o luxo vêm caracterizando a produção?

SAMUELSON — O mercado é um sistema de destruição criativo. Muitos produtos que substituem importações, quando se criam barreiras aduaneiras, são encostados contra a parede no momento em que se adota o livre comércio. Ou competem ou desaparecem. E o final dessa história não é o caos, a privação, a pobreza. Ao contrário, surge uma oportunidade de podar galhos mortos. É verdade que, nesse processo, muitos proprietários podem se tornar trabalhadores assalariados. Mas isso bem dividido permite a prosperidade. Há, no entanto, poucos sistemas políticos capazes de agüentar uma mudança desse tipo da noite para o dia. Afinal, as pessoas se acostumaram a anos de protecionismo. Desse modo, chegar certa manhã e abrir os portões seria dinamite política. Em resumo, não acho que se deva temer o mercado, por sua natureza, como um inimigo universal. Mas daí a abrir todas as comportas vai uma boa distância.

VEJA — A tendência estatizante que muitos localizam na economia moderna leva-os a imaginar que o mundo ocidental está diante de um novo sistema: o estatismo burocrático. Como o senhor vê esse fenômeno?

SAMUELSON — Não há cronograma inevitável para a burocratização. Veja a Suécia, por exemplo. O socialismo de

lá não se expressa pelo fato de o governo possuir usinas siderúrgicas — o governo sueco até tem uma, mas isso não importa. Acho mesmo que muitas coisas deveriam ser retiradas da burocracia e devolvidas ao mercado. Com vantagens, teríamos o melhor de ambos os mundos. No caso da América Latina, não sei. A maior parte dos fascismos capitalistas a que já me referi é corrupta. Há suborno, tráfico de influências, etc. E nunca se sabe quanto de descontentamento há sob a superfície.

Por que a Índia ainda continua pobre

VEJA — De que forma os países subdesenvolvidos poderão superar o estágio em que se encontram?

SAMUELSON — Não será mediante um pedaço de papel, com uma declaração de independência. Se um país africano deixa de ser colonial e se declara socialista, apresentando um plano quinquenal de melhoria das condições de vida do povo, isso não significa nada. Não passa de uma declaração de boas intenções. É preciso aumentar a produtividade. Uma boa coisa do fim do colonialismo é que o velho alibi — a culpa do atraso está em Londres, Madrid ou Nova York — se esvazia após trinta anos de independência. A Índia continua pobre e esse é apenas um exemplo de que uma declaração de independência não é suficiente. Entre outros fatores, os países que andaram bem depois da independência têm em comum algo extremamente importante: um consenso civil. Não se pode lutar nas ruas e, ao mesmo tempo, pretender o progresso material.

VEJA — O senhor defenderia experiências de liberalização de comércio como forma para que esses países atingissem a produtividade desejada?

SAMUELSON — O Brasil, por exemplo, poderia experimentar um pouco dessa sugestão para ver como as coisas reagiriam. O país poderia estabelecer um programa gradual de redução das barreiras protecionistas em sua própria vantagem — não como uma contribuição para a política de boa vizinhança. Sua eficiência aumentaria. Acredito que o Brasil, nesse caso, esteja melhor que o Chile. As fábricas brasileiras têm boas condições para exportar. A Ford quase se decide a produzir o motor do modelo Pinto no Brasil. Sabe por que não o fez? Não tinha segurança quanto à estabilidade política do Brasil. ●



Faça o seu investimento
em jóias de boa família.
Veja se têm sobrenome
H. Stern.



Matriz - Rio de Janeiro:
Av. Rio Branco, 177
Av. Atlântica, 1782
Rua Santo Afonso, 445
Rua Visconde de Pirajá, 207
Galeria do Hotel Nacional
Aeroporto Internacional
Aeroporto Santos Dumont

Brasília:
Conjunto Nacional Brasília
Hotel Nacional

São Paulo:
Praça da República, 242
Rua Augusta, 2340
Shopping Center Ibirapuera
Shopping Center Iguatemi

Santos:
Parque Balneário Center

Londrina:
Praça 7 de Setembro, 146

Manaus:
Aeroporto Internacional
Shopping Center Tropical Hotel

Salvador:
Aeroporto Internacional
Hotel Meridien
Bahia Othon Palace Hotel

Foz do Iguaçu:
Aeroporto Internacional
Hotel das Cataratas

150 lojas em todo o mundo.

New York St. Thomas (V.I.) • Paris Lisboa Algarve Madeira Frankfurt Düsseldorf Tel Aviv
Jerusalem • Asunción Bogotá Buenos Aires Caracas Cartagena Lima Montevideo Quito Santiago

Só existe um carro que combina

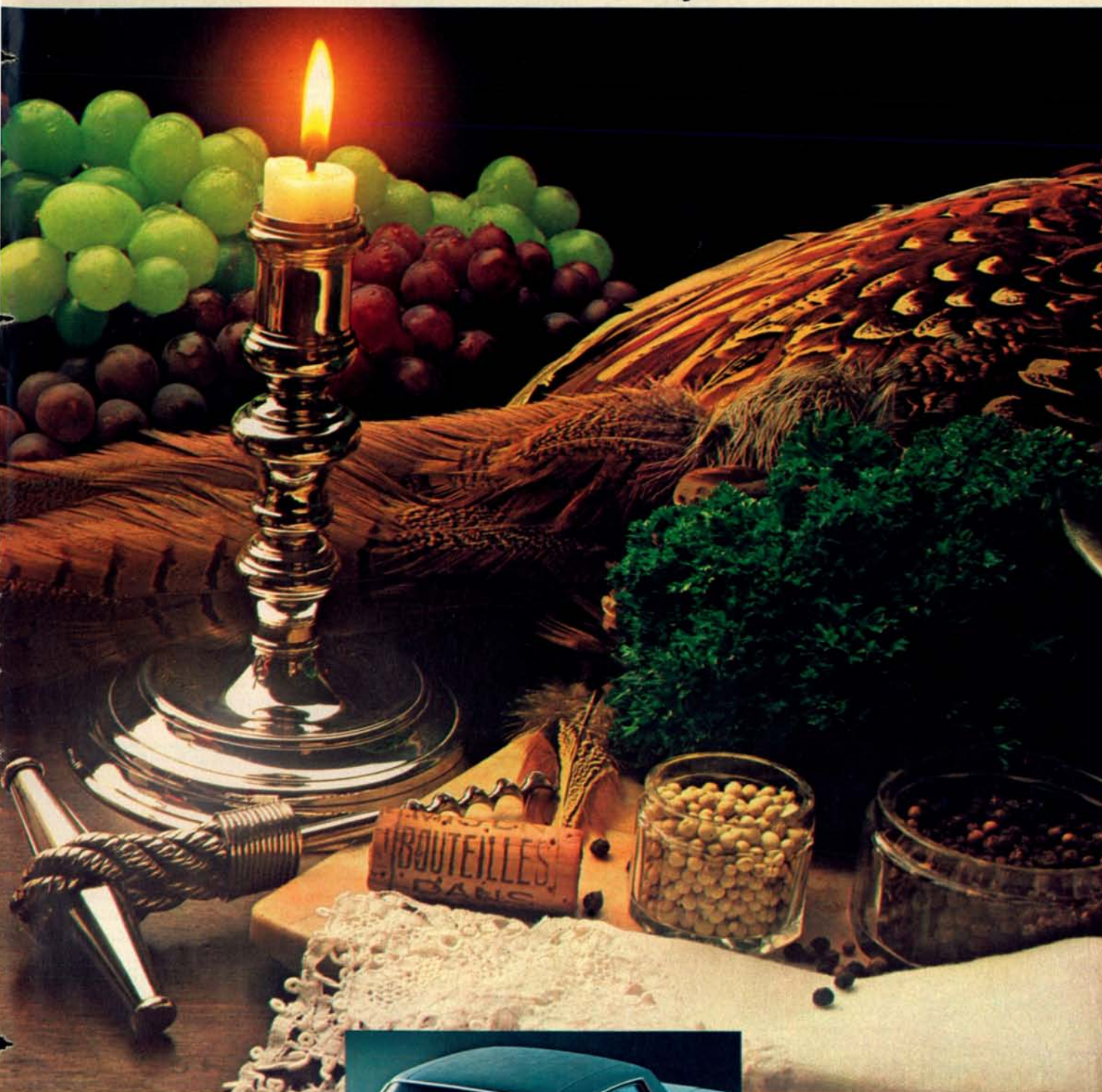


*O prazer de um grande
vinho cuidadosamente escolhido,
servido na temperatura exata
e no copo certo.*

*A beleza de objetos de
prata simplesmente elegantes.*

*O valor de um livro
antigo. A delicadeza de uma
renda feita com arte, a finesse*

com este padrão de exigência.



de certos pratos. Para quem sabe apreciar tudo isso, só existe um carro.

Landau 79.

O carro que soma a excelência mecânica ao acabamento impecável. O luxo discreto,



como convém, à segurança e ao silêncio que trazem tranqüilidade para aproveitar bem a vida.

Entre num Landau 79, o carro que satisfaz seu padrão de exigência.

FORD LANDAU



veja

ASSINATURAS

Nome _____

Endereço _____

Bairro _____

Cidade _____

CEP _____ Estado _____

veja _____

52 SEMANAS
Cr\$1.360,00

Assinale com um X a forma de pagamento escolhida e forneça os dados correspondentes:

☐ cheque anexo (nominal, a favor de Editora Abril Ltda.) nº _____ do Banco _____

☐ debite em meu Cartão de Crédito.

DINERS nº _____

CREDICARD nº _____

válido até ____/____/____

assinatura _____

(deverá ser idêntica à de seu Cartão).

notificar a mudança de endereço: forneça o novo no item de endereço e cole a etiqueta da capa neste espaço.

Aguarde 4 semanas para começar a receber VEJA.

Para qualquer informação, telefone para:

SP-263-4011

RJ-244-2022 - 244-2152



Envie para:
EDITORA ABRIL
LTDA.

Divisão de Marketing Direto
Cx. Postal 11.830 - CEP 01000
São Paulo - SP

Energia

As únicas medidas certas para o problema da energia são o estabelecimento de limite para importação de petróleo e a autorização para que os contratos de risco sejam totalmente abertos.

M. M. Guimarães

São Paulo, SP

Considerando que o Brasil possui vários rios e quedas d'água ainda inexplorados; considerando que o Programa do Alcool virá resolver nosso problema de carburante; considerando ainda que somos um país privilegiado em matéria de luz solar — é incompreensível que o país abdique da obtenção de uma energia mais barata e esteja investindo somas imensas na construção de usinas nucleares.

Paulo Bezerra de Lima

Maceió, AL

Para reduzir o consumo de combustível bastaria que fossem limitadas, além das corridas de automóvel, as reuniões nos hipódromos, que atraem grande número de pessoas. Também deveriam ser reduzidos os jogos de futebol.

José Antônio Tardelli

Caxias do Sul, RS

Acabar simplesmente com as corridas de automóveis não seria uma medida sensata. A minha sugestão é utilizar esse esporte como forte propulsor do Pró-Alcool, autorizando somente veículos movidos a álcool para tais competições.

José Veriano Campos

Rio de Janeiro, RJ

Violência policial

Fiquei horrorizado com os métodos de tortura citados na reportagem "O Planalto vai às celas" (VEJA n.º 566). Mas fiquei aliviado em saber que o presidente da República interferiu para apurar essas barbaridades.

Clésius M. R. Aquino

Araraquara, SP

Infelizmente, como termina a reportagem de VEJA, o pedido de apuração do caso não passará de apuração.

Ana Maria Carvalho

São Paulo, SP

Horripilante a maneira como foi morto o servente Aézio pela polícia carioca.

João Pereira Neto

Senador Pompeu, CE

Surpreendeu-me, na reportagem "O Herzog dos pobres", ler que o advogado "aceitou a causa da viúva e move ação para responsabilizar a União pela morte do serven-

te". Parece-me que a entidade a ser responsabilizada deveria ser o Estado do Rio de Janeiro.

João Carlos de Rezende Martins

Rio de Janeiro, RJ

Na reportagem "O Planalto vai às celas" parece-me impropriedade a irritação do presidente Figueiredo. Não partiram dos presidentes, no passado recente, os maiores desrespeitos ao povo, como fechamentos do Congresso e a criação do senador biônico? Essas medidas afrontosas à Constituição foram, a meu ver, a autorização tácita para que os escalões inferiores do país também agissem à margem das leis.

Pedro Olinto Schleider do Carmo

Curitiba, PR

Caso Atalla

É incrível que, num país onde a palavra de ordem é "apertar o cinto", surja um maluco querendo, como se fossem grãos de areia, 7,7 bilhões de cruzeiros para cobrir seus gastos. Que Atalla não queira também a falência do Brasil.

José Agnaldo dos Santos

Salvador, BA

Vemos, com alívio, o governo destinando, aos empresários poderosos, o mesmo tratamento que sempre usou com os pequenos, obrigando-os a cumprir com seus deveres sociais e fiscais. Chega de premiar a incompetência administrativa somente porque há muito dinheiro envolvido ou porque se conhece gente importante.

Nancy F. Cortopassi

Salvador, BA

Citado como um dos "clássicos" do "hospital", em VEJA n.º 565, venho prestar os seguintes esclarecimentos: 1) O Banco Econômico não pleiteou nem recebeu qualquer assistência financeira do Banco Central, ou de qualquer entidade pública; 2) O Banco Econômico, ao recusar o pagamento dos cheques, depositou imediatamente em juízo o valor total dos mesmos — Cr\$ 198 milhões —, submetendo o caso à Justiça cível e criminal; 3) Os cheques administrativos foram apreendidos por ordem judicial, a requerimento da polícia, como instrumento de crime; 4) A única sentença judicial até hoje proferida no caso — e transitada em julgado — reconheceu que o Banco Econômico foi vítima de um conluio fraudulento e de abuso e infidelidade do gerente, em conivência com terceiros.

Frank Sá

Rio de Janeiro, RJ

"O demolidor"

Com relação à nota "O demolidor" (VEJA n.º 565), aproveito a oportunidade para

VARIANT II



© VOLKSWAGEN DO BRASIL S.A.

Raça e valentia porque nem todos os caminhos são flores.

Tem hora que a gente não pode vacilar. A distância é grande, a estrada é toda cheia de buracos, barro, curvas fechadas e, ainda por cima, chove.

Mas é preciso chegar lá. E é por isso que a gente vai de Variant II.

Porque é nas situações mais difíceis que a Variant II prova o seu desempenho, sua resistência e segurança. Seu robusto motor de 1600 cc, refrigerado a ar, responde com potência de sobra

e muita agilidade. Dotado de raio negativo de rolagem, o avançado sistema de suspensão, independente nas quatro rodas, associado à transmissão biarticulada por juntas homocinéticas, responde pela estabilidade direcional e maciez do veículo em quaisquer condições de terreno. O melhor é quando você descobre que muitas das inovações da

Variant II foram criadas em função do espaço e do conforto que sua família exige. Tudo isso para você ter um carro para sair, com a certeza de chegar bem, onde quer que seja, mesmo sabendo que nem todos os caminhos são flores.



**A marca que conhece
o nosso chão.**

esclarecer a ação desta Prefeitura no que tange ao monumento a Somoza na praça Nicarágua de nossa cidade. (...) Peço a compreensão para o fato de que a ação desta Prefeitura foi no sentido de resguardar a peça (de gosto estético duvidoso, no entanto), que reflete, de alguma forma, algo que poderá no futuro ser importante para a cidade. Ao saber que grupos tentavam lá ir a fim de vandalizar o monumento, o prefeito, sem nenhuma idéia de julgamento de doutrina ou posição que não a de alcaide cioso da vestimenta urbana de sua cidade, retirou a placa, resguardando-a em depósito apropriado para posterior decisão por quem de direito.

Israel Klabin, Prefeito
Rio de Janeiro, RJ

Nicarágua

Na luta movida pela Frente Sandinista, é o povo que se levanta contra a opressão e loucura de Anastasio Somoza. Os Estados Unidos pensam em intervenção militar, mas não devem se meter. Devem deixar o povo prosseguir em sua luta.

Kleider Melo Filho
Brasília, DF

Que Deus dê a Somoza o mesmo destino do ex-xá do Irã.
Osiris Gomes do Nascimento
Brasília, DF

O ditador Anastasio Somoza, por todas as atrocidades que está cometendo, merece até ser contratado por Khomeini para cumprir a tarefa que este louco deseja.

Juveni Viana Dias
Eunápolis, BA

"Sexo e política"

Na edição de 2/5/1979, VEJA errou ao citar, em Piracicaba, apenas "dois únicos jornais diários", na matéria "Sexo e política", uma vez que esta empresa mantém, desde agosto de 1974, o jornal *Tribuna Piracicabana*, com edição diária.

Evaldo A. Vicente
Piracicaba, SP

Prestes

Ao tomar conhecimento de que a TV Bandeirantes transmitiria uma entrevista com Luís Carlos Prestes (VEJA n.º 565), não hesitei em assisti-la, já que faço parte da população que não conheceu a democracia no país em idade para apreciá-la. Para surpresa minha, na mesma noite, deparei ainda com Franco Montoro na Tupi, Fernando Henrique Cardoso na Record e o próprio Prestes também na Globo. É realmente com grande satisfação que vejo a televisão brasileira aumentando seu nível.

José Eduardo N. Martins
São Paulo, SP

Brizola

O ministro do Exército foi de inegável presteza ao advertir o senhor Leonel Brizola por supostas declarações que feriram o brio dos nossos militares. Agora, depois de verificada a falta de verdade das declarações, gostaria de ver novamente no vídeo o senhor ministro Walter Pires, tendo a mesma presteza e coragem, para uma retificação de sua nota.

Melquesedeque A. Filho
Brasília, DF

Bancos

Decepcionante a nova lei bancária (VEJA n.º 563). Até parece que existe um complot do Banco Central contra as Caixas Econômicas.

Lúcio Flávio Rocha Maciel
Pompéu, MG

Lituanos

O artigo "Fé subterrânea" (VEJA n.º 564) retrata fielmente a situação da igreja do silêncio na Lituânia.

João Tatarunas
São Paulo, SP

Cartas para: Diretor de Redação, VEJA, Caixa Postal 2372, São Paulo, Capital. Por razões de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente.

Le sourire Meridien... c'est nous



**Meridien
Copacabana.**
O hotel do
savoir-faire
para as
pessoas do
savoir-vivre.

 **HOTEL
MERIDIEN
COPACABANA**



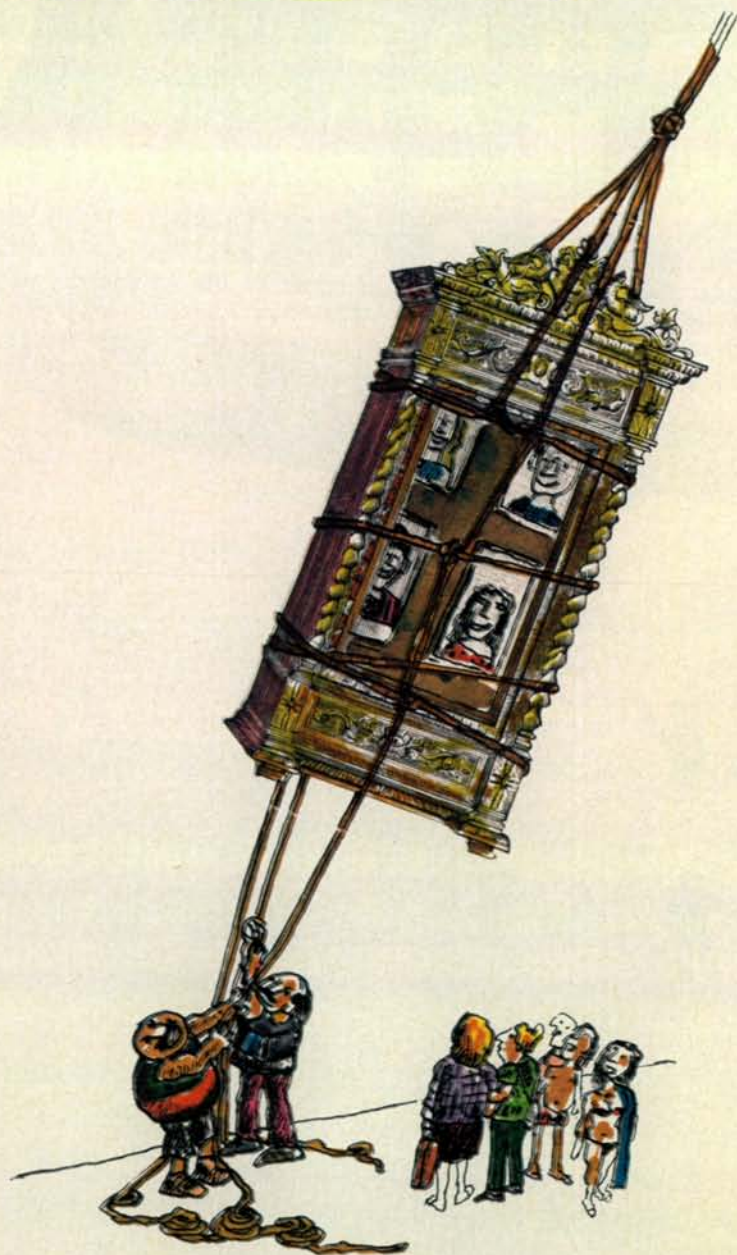
Os fios e cabos Pirelli transportam a luz e a palavra melhorando a vida das pessoas.

A luz, a palavra e a vida.

PIRELLI
50 ANOS
Divisão Cabos: a luz e a palavra.

Bata em sua mulher
hoje mesmo — amanhã
ela pode estar no poder

CHAI-KAI



*O espelho da mudança
Envaidece
A vizinhança.*

Livre-Pensar é só pensar

Quando você se arrisca e diz exatamente toda a verdade, não escondendo nada do que sabe, não só não é considerado um homem extraordinariamente honesto como ganha a fama de extraordinariamente estúpido.

Toda fotografia antiga é uma ironia.

Quando um cara morre e as pessoas dizem: “Foi desta pra melhor”, elas acreditam mesmo que ele melhorou ou apenas que não podia piorar?

Pode ser que samba, não. Mas, pelas brigas que vejo aí nas universidades, traição, falso testemunho e corrupção certamente se aprendem no colégio.

Aborígene é a maneira pejorativa de os conquistadores chamarem o dono da propriedade.

Mistério metafísico: por que será que todas as pessoas de bom senso pensam exatamente como nós?

Símile do ano 2000: “Mascava mais chiclete que um chinês”.

É crime previsto em lei atirar qualquer detrito do alto dos edifícios. Mas à NASA, que é bom, ninguém proíbe nada parecido.

Quando um cidadão letrado consegue abjurar a poesia em letra de forma, atingiu seu mais alto grau de sensibilidade poética.

A verdade é que, olhado pelo prisma do homossexual, o heterossexual é um bandalho.

O destino ajuda mais os insolentes.

A velhice traz experiência ou é a experiência que traz velhice?

Estatuto da terra

1. Em nenhum caso poderão ser desapropriadas terras com menos de 200 milhões de quilômetros quadrados, a fim de evitar o minifúndio, que seria faltalmente ocupado por diminutos japoneses que o Japão vem produzindo especialmente com esse fito.

2. Serão totalmente desapropriadas as conversas terra-a-terra.

3. Certas regiões especialmente ricas em minérios continuarão em poder de seus atuais donos multinacionais. Mas o povo brasileiro pode considerá-las terras prometidas.

4. As terras indígenas ficarão em poder dos próprios índios, que pagarão apenas os aumentos progressivos dos

impostos, proporcionais ao valor folclórico das ditas terras.

5. Não pagarão impostos: a) a terra de Siena; b) a terra-mãe; c) a terra que se junta em montes enormes nas obras do metrô, demolições, etc.; e d) crises políticas aterradoras.

6. Os proprietários de terras aguadas e pantanosas estarão isentos de impostos sobre a terra, pagando-os apenas sobre a lama, as cobras, os sapos e lagartos.

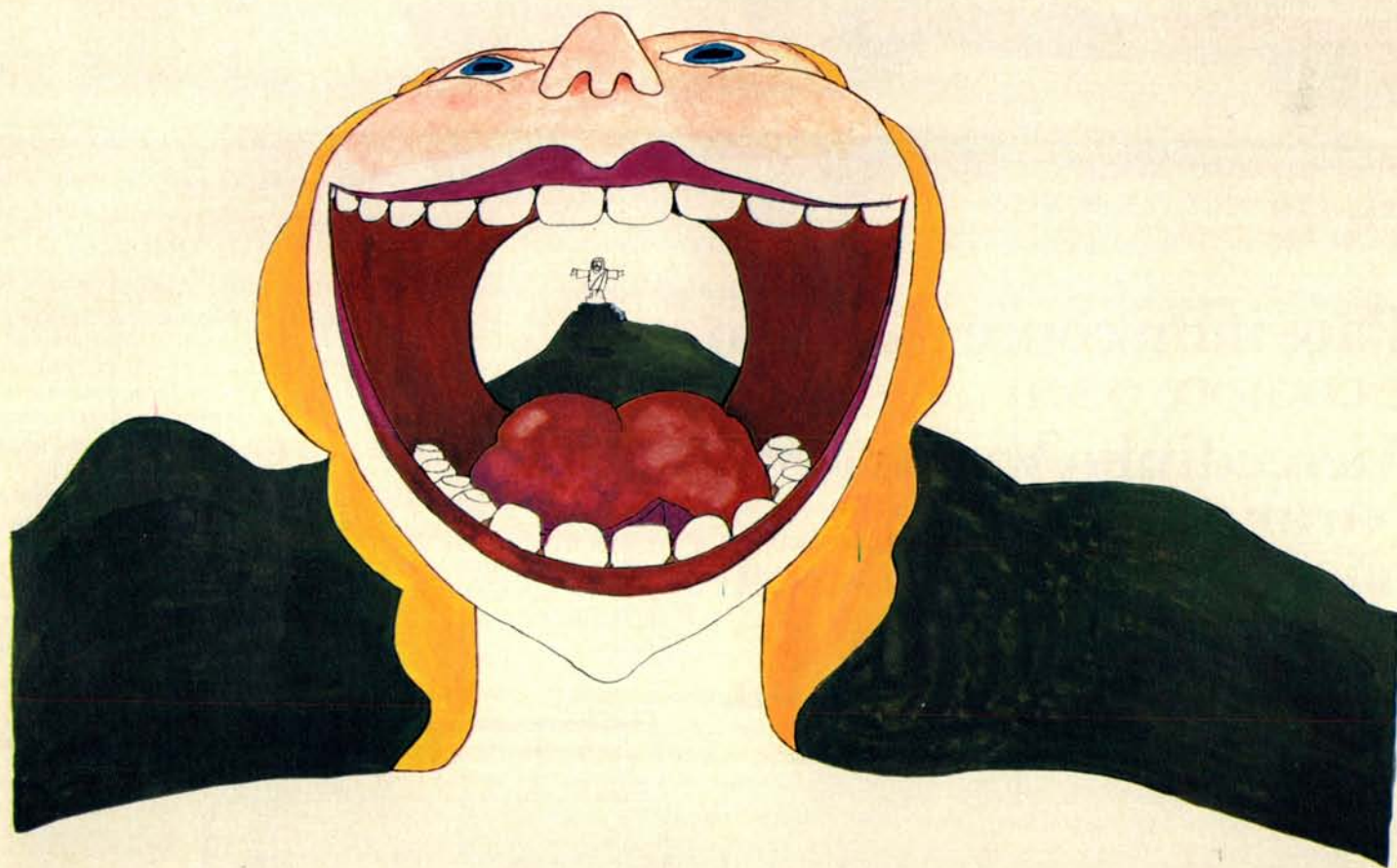
7. Em nenhum caso, o gravame impositivo sobre a terra poderá exceder 4 670 vezes o valor da terra. A avaliação será feita por pessoas de reconhecido gabarito moral e alto conhecimento

técnico, como, por exemplo, advogados encarregados de aposentadorias do INPS, inspetores do Detran e cassados por corrupção com seus direitos plenamente restaurados.

8. Os trabalhadores que ocultarem alguns quilômetros quadrados de terra, com o fim de iludir o fisco e os fiscais, serão considerados inidôneos para usufruir da generosidade da reforma agrária. O mesmo acontecerá aos que não souberem explicar o que é agrária.

9. Todas as terras devolutas serão distribuídas nos grandes centros urbanos que é onde mais falta terra.

10. Até a promulgação desta lei, não se dão nem se aceitam aterros.

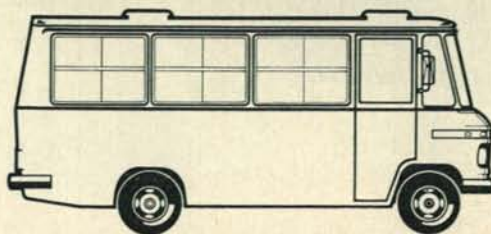




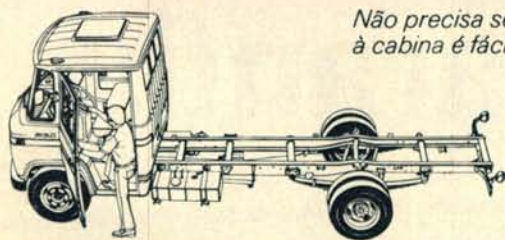
**Pare num concessionário
e compre o seu
Mercedinho. Você não vai
parar no trânsito,
não vai parar na oficina
e não vai parar
de comprar Mercedinho.**

Não há quem não goste de ver o Mercedinho chegando. Compacto, ágil, parece que o Mercedinho trabalha sempre descansado. E vai ver que trabalha mesmo: um Mercedinho não se aperta mesmo quando o trânsito está devagar, quase parando. No meio da confusão, o Mercedinho sai pela tangente, como um carro pequeno. Estaciona de primeira, entrega a mercadoria e parte para outra.

Num Mercedinho, os hortifrutigranjeiros chegam muito antes de a feira começar. As crianças vão à escola e voltam mais rápido. Os materiais de construção são entregues dentro do canteiro de obras. Os móveis são entregues na porta — dezenas de portas num mesmo dia. Tanto faz que tenha carroçaria aberta ou fechada, que seja um furgão integral ou um microônibus, o Mercedinho é sempre o mesmo e bom Mercedes-Benz 608D. Com ele, você não pára de fazer dinheiro.



*O conforto e a
segurança viajam
num microônibus:
o Mercedinho.*



Não precisa ser atleta: o acesso à cabina é fácil.

Depois de escolher o Mercedinho, não precisa escolher carga nem caminho.

Nascido e criado na cidade, mas pronto para cobrir percursos interurbanos, o Mercedinho não pára à toa. Graças ao exclusivo princípio de injeção direta nele adotado, o Mercedinho consome pouco combustível. É resistente, durável e apresenta o mínimo de possibilidades de paradas por avaria. Com cinco marchas à frente, todas sincronizadas, e uma à ré, o Mercedinho vai levando.

O volante tem boa empunhadura, a direção é suave, a ventilação e a visibilidade são excelentes, a isolamento térmica e acústica do motor é ótima. Como a cabina tem fácil acesso, você entra fácil num Mercedinho e, como tem suspensão própria, independente da carroçaria, você não quer sair mais. Vá em frente. No pára-e-anda da cidade, o Mercedinho não pára de mostrar a qualidade Mercedes-Benz.

O Mercedinho é como filho esperto: a gente sempre quer mais um.

Um Mercedinho bem aproveitado paga a prestação, faz lucro e continua sendo um patrimônio sempre valorizado. Como parte da família Mercedes-Benz, seu valor de revenda é alto pela própria natureza. E as principais peças do seu motor OM-314 são intercambiáveis com peças de outros motores Mercedes-Benz. (Logo, logo, quando você ampliar sua frota, você vai ver que enorme vantagem está aí.)

Venha experimentar o Mercedinho no seu concessionário. Pergunte tudo o que você sempre quis saber e qualquer um dos quase 200 concessionários Mercedes-Benz está pronto para responder. Você vai ficar freguês: mais cedo ou mais tarde você vai voltar para comprar o segundo, o terceiro, o quarto, o quinto...



Mercedes-Benz



Certificado de garantia.

A Fábrica Nacional de Compressores, com 25 anos de atuação no mercado de refrigeração brasileira, pode dar a seus clientes um certificado de garantia que tem notação internacional.

Com a nova e dinâmica administração, a FNC além de atender prioritariamente às necessidades do mercado interno, também está exportando seus produtos para a Argentina, Uruguai, Chile, Bolívia, Paraguai e Continente Africano.

Para a Nigéria, especificamente, onde estão em fase de instalação 7 conjuntos de câmaras frigoríficas,

novo contrato acaba de ser firmado para o fornecimento de mais 42. Estas encomendas fazem parte do Programa Oficial da Rede de Armazéns Frigoríficos do Governo da Nigéria, o que significa uma substancial entrada de divisas para o nosso país.

Quando um produto é exportado, adquire imediatamente um selo de qualidade, que se traduz em experiência e tecnologia desenvolvida, com resultados comprovados.

A FNC sabe da qualidade de seus produtos. E está pronta a dividir esta certeza com você.

FNC
Fábrica Nacional de
Compressores S.A.

Av. Octaviano Alves de Lima, 12.100
CEP 05142 - C. Postal 11.753 -
S. Paulo - PABX - 261-0511 - Telex 11-21771
FNCO - BR - End. Telegr. - FANASSORES

Pense no frio como proteção.



Diretores: Edgard de Sílvia Faria, Richard Civita, Roberto Civita



Revista Semanal de Informação

Diretor de Redação: José Roberto Guzzo

Diretor Adjunto: Elio Gaspari

Redator-chefe: Carmo Chagas

Editores: Alexandre Machado, Emílio K. Matsumoto, Geraldo Mayrink, Mário de Almeida, Roberto Pompeu de Toledo

Editor-Asistentes: Affio Beccari, Antônio C. Augusto, Augusto Nunes, Claudio Cerri, Decio Bar, Humberto Werneck, Jairo Arco e Fleix, Jorge Escosteguy, J. A. Dias Lopes, José Paulo Kuffer, Luiz Henrique Fruct, Luiz Weiss, Osvaldo Martins, Paulo Moreira Leite, Regina Echeverri, Renato Pompeu, Ricardo A. Setti, Roberto Benevides, Selma Santa Cruz, Sérgio de Oliveira, Tales Alvarenga

Tradutor: Hersch Schechter

Departamento de Informações

SÃO PAULO: Repórteres: Antônio Carlos For, Antônio Carlos Guida, Carmem Cagno, Francisco Militari, Lipo Martins Almeida, Lucila Camargo, Mônica Soutello, Suzana Verissimo, Tânia Maria Mendes, Sônia Santos (produção); Sebastião Magalhães de Almeida (Análise de Investimentos)

RIO DE JANEIRO: Repórteres: Chezar Junior Ventura; Editor-Asistentes: Carlos Alberto de Almeida, Flávio Pinheiro; Repórteres: Artur Xexeo, Eva Spitz, Fábio Rodrigues, Joaquim dos Santos, José Castello Branco, Lucia Rito, Miriam F. Lage, Octavio Barata Costa, Roberto Lopes - r. do Passado, 58, 11.º andar, fone: 244-2022, telex: 02122674 -

BRASILIA: Chefe: Dirceu Briola; Editor-Asistentes: Carlos Alberto Sandenberg, Hélio Marcos Doyle, Paulo Sotero; Repórteres: Eliane Cantanhede, Jaime Sautchuk, Marcelo Netto, Moacir de Oliveira Filho, Osvaldo Amorim, Raymundo de Souza Costa - Ed. Central, s/des, 1301 e 1303, Setor Comercial Sul, fone: 224-9200, 10022 (081)1464 -

BELO HORIZONTE: Chefe: Carlos Lindenber; Repórteres: Gleizer Naves, Mário Lara - r. Alvaros Cabral, 908, fone: 335-4129, telex: (031) 1085 -

CURITIBA: Chefe: Hélio Teixeira; Repórteres: Pedro Franco Cruz, Teresa Furtado - r. Fernandes de Barros, 491, 1.º andar, fone: 262-8942, telex: (041)5278 -

RECIFE: Chefe: João Roberto; Repórteres: Ricardo Noblat; Repórter: José Barreto - r. Itabuna, 304 - Rio Vermelho, fone: 447-0580, telex: (0711)1180 -

PARIS: Chefe: Pedro Cavalcanti; Repórteres: Ricardo Noblat, Roberto Garcia - r. Nova York, 10022 -

WASHINGTON: Chefe: Ricardo Noblat; Repórter: José Barreto - r. Itabuna, 304 - Rio Vermelho, fone: 447-0580, telex: (0711)1180 -

MÉXICO: Chefe: Ricardo Noblat; Repórter: José Barreto - r. Itabuna, 304 - Rio Vermelho, fone: 447-0580, telex: (0711)1180 -

LABORATÓRIO FOTOGRÁFICO: Jussi Lehto (gerente)

Serviços Internacionais: Newsweek/Associated Press/Latin-Reuters/France Press/Matérias Internacionais via Varig, Air France, Aerolineas Argentinas

DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE

Diretor de Publicidade: Persio Brait Piani

Gerente de Publicidade: Fábio Albamonte Amaral

Representantes: Horácio V. N. de Andrade, José L. Decourt Ricci, Sérgio Terçaroli

Coordenador de Produção e Publicidade: João Carlos de Oliveira

Belém, gerente: José Maurício Alves Fernandes; Belo Horizonte, gerente: Marisa Tavares; Brasília, gerente: Luis Edgard P. Tostes; Curitiba, gerente: Adão Schiochet; Florianópolis, gerente: Geraldo Nilton de Azevedo; Porto Alegre, gerente: Elcio Engeli; Recife, gerente: Edmundo Moraes; Rio, gerente: Kiebler Vieira Buhz; Salvador, gerente: Antônio Aylor Farnesi, Paulo Roberto Avil, Ricardo Sampaio da Cruz; Salvador, gerente: Juracy Costa

Diretor do Depto. Central de Publicidade: Osvaldo de Almeida Filho

Diretor do Rio de Janeiro e Escritórios Regionais: Sebastião Martins

DEPARTAMENTO COMERCIAL

Diretor: Valtir Richetti

Gerente de Assinaturas: José A. Soter

ADMINISTRAÇÃO

Gerente: Antonio F. Chammass

Secretário Editorial: Sérgio Pompeu

Assessor do Diretor Responsável: J. R. Franco da Fonseca

Diretor Responsável: Edgard de Sílvia Faria

INTERNATIONAL ADVERTISING SALES REPRESENTATIVES

COORDINATOR FOR INTERNATIONAL ADVERTISING: Global Advertising, Inc. 218 Olive Hill Lane, Woodside, California 94062, (415) 951-2408 -

GLOBALAD - UNITED STATES: Media Force International, Strube Coughlin Associates Inc. The Chamin Building - 380 Lexington Avenue, Suite 1121 New York, New York 10017, (212) 667-2150 -

EUROPE: H2I International Ltd. 28 Great Queen Street, London WC2B 5BB, (01) 242-6346 -

JAPAN: Tokyo Representative Corporation - Sekiya Building 3-18-7 Higashinakano, Nakano-ku, Tokyo 164, 364-1004 and 362-7581 Telex: J26860 -

KOREA: INTERNATIONAL Marketing Corporation C.P.O. Box 6533, Seoul 74-7535 Telex: JATTI K2421 Attn: IMC, Gyeonggi-do Seoul -

Australia: John Havre 286 Toorack Road Yarra, Melbourne 3141, 24-3462-7.

VEJA é uma publicação da Editora Abril Ltda. / Redação, Publicidade, Administração e Correspondência: av. Osvaldo Alves de Lima, 4400, C.G.C. 80.597.812-0001-88, tel.: 266-2011 e 266-0022, caixa postal 2372, telex: 011122094 -

São Paulo / Telex em Nova York: 024881, 227670; Escritório: Belém, r. IV de Novembro, 126, Edifício Chamé, s/des, 1313, tel.: 222-5507 -

Belo Horizonte, r. Alvaros Cabral, 908, tel.: 337-0351, telex: 02111085, telegrams: Abilpress /

Brasília: SCS-Propriedade 8, Edifício Central, 13.º andar, s/des, 1301/8, tel.: 24-9150, telex: 0811464, telegrams: Abilpress /

Curitiba: r. Fernandes de Barros, 491, 1.º andar, tel.: 262-8933, telex: 04115278, telegrams: Abilpress /

Florianópolis: Felipe Schmidt, 51, tel.: 242-6346, telex: 02111085, telegrams: Abilpress /

Recife: r. Siqueira Campos, 45, Edifício Lúcia Medeiros, 8.º andar, tel.: 224-4957, telex: 02111184, telegrams: Abilpress /

Rio de Janeiro: r. do Passado, 58, 11.º andar, tel.: 244-2022, 244-2027, 244-2107 e 244-2151, caixa postal 2372, telex: 02122674 /

Salvador: r. Itabuna, 304 - Parque Chapéu Amarelo - Barro do Rio Vermelho, tel.: 247-9999, 247-0580 e 247-9762, telex: 07111180, telegrams: Abilpress /

Distribuidor nos EUA: M&Z Representativas, 112 Ferry Street, New York, N.Y. 10108, tel.: 212-687-1841, telex: 02122674 -

Preço de assinatura anual: 32 semestres R\$ 1.492,00 / Departamento de Assinaturas: r. Emílio Goeldi, 701, tel.: 263-4011, São Paulo /

Distribuição para assinaturas: Distribuidora Imagem Real Ltda. - São Paulo, 235 /

Av. J. J. Faria, 191 - São Domingos, 212 - Antônio de Barros, 441 - João Pereira, 197 - Domingos de Moraes, 183 -

Barão de Camargos, 452 - Cláudio, 91 - no ABC: av. Industrial, 117 (Barra Andoré) -

Rio de Janeiro: r. Sacachua Cabral, 141, pedidos pelo correio: caixa postal 145, São Paulo /

Temos em depósito as últimas edições. Todos os direitos reservados. Impressão e distribuição com exclusividade no país pela Abril S.A. Cultural e Industrial, São Paulo. /

Registada no D.C.D.P. do Departamento de Polícia Federal sob o nº 038 P 208-73

Dois anos atrás, por motivos que até hoje não tiveram um esclarecimento oficial convincente, o congresso anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) não pôde ser realizado, como estava previsto, na cidade de Fortaleza. O governo não queria os cientistas reunidos — e, retirado o apoio material do poder público; a SBPC decidiu realizar o congresso em São Paulo, por sua própria conta e risco, valendo-se de uma espécie de mutirão para suprir as necessidades práticas da reunião. Na semana passada, nesta mesma Fortaleza de onde foram banidos em 1977, os cientistas brasileiros puderam realizar sua 31.ª reunião anual — desta vez, na mais perfeita paz e num clima adequado ao livre trânsito de idéias, como aliás já ocorrera em seu congresso anterior. A política, certamente, esteve presente em Fortaleza, mantendo-se a tradição de fórum do pensamento que a SBPC tem acumulando nos últimos anos. Discutiu-se a reintegração dos cientistas punidos pelo governo durante a vigência do AI-5 e temas estritamente políticos, mais uma vez, atraíram grande parte das atenções. Mas a SBPC, essencialmente, preocupa-se agora com o seu universo natural: a ciência. Nem por isso sua reunião anual deixa de ser um momento particularmente vigoroso na vida nacional. Sinais eloquentes da mudança dos tempos, a tranquilidade e a segurança da reunião de Fortaleza fazem bem não apenas aos cientistas, mas sobretudo ao país.

Em maio, quando a Rede Globo



FOTOS CENTRAL/MANUEL NOVAES

A SBPC em Fortaleza: bom para o país

mandou para o ar seus quatro novos programas semanais, VEJA dedicou a eles sua capa: tratava-se de uma ambiciosa tentativa de substituir os enlatados estrangeiros por produtos nacionais. Poucas semanas se passaram e VEJA volta ao assunto na sua capa desta edição — mas agora não se trata de uma questão de TV. Um dos quatro programas, “Malu Mulher”, e sua intérprete, Regina Duarte, na verdade avançaram além dos limites do espetáculo tecnicamente bem-feito e que trata de temas até agora inéditos no vídeo. Ele toca especialmente a uma numerosa legião de mulheres brasileiras, as desca-sadas, que podem ser vistas em muitos lugares públicos (não em todos, pois costumam ser barradas na porta), embora pouco se saiba sobre seus sentimentos, frustrações e aspirações. O seriado e a atriz, bem como as personagens reais que ele retrata, são mostrados na reportagem que começa na página 44.

J.R.G.

Índice

ESPECIAL 44

AMBIENTE	68	GENTE	52
ARTE	108	HUMOR	14
BRASIL	20	INTERNACIONAL	30
CARTAS	10	INVESTIMENTOS	98
CIDADES	61	LITERATURA	110
CIÊNCIA	76	MEDICINA	55
CULTURA	78	MÚSICA	102
DATAS	42	PONTO DE VISTA	114
ECONOMIA E NEGÓCIOS	84	RELIGIÃO	42
ENTREVISTA	3	TEATRO	65
ESPORTE	70	TELEVISÃO	66

CAPA: Foto Walter Ferreira

Tiragem desta edição: 318 000 exemplares

Edição gráfica da capa: Elías Andreato

Contra a papelada

O ex-ministro Hélio Beltrão foi escolhido por Figueiredo para coordenar um programa que vai tentar combater os excessos da burocracia

O presidente João Baptista Figueiredo pareceu contente ao ver o recém-chegado: "Até que enfim você veio", exclamou. Meia hora depois, na tarde de quarta-feira, o advogado e empresário Hélio Marcos Penna Beltrão, 62 anos, ex-ministro do Planejamento do governo Costa e Silva e atual presidente do Grupo Ultra, deixou o gabinete presidencial como responsável pela execução da última novidade administrativa do Palácio do Planalto — um "programa de desburocratização do país". Beltrão tem certa tradição no ramo: em 1967, ele concebeu a reforma administrativa que criou a atual Secretaria de Planejamento da Presidência (Seplan) e as secretarias gerais dos ministérios. Essas mudanças aliviaram de algum modo a carga burocrática que diariamente desaba sobre a máquina administrativa federal. Mas o próprio Beltrão reconhece que a reforma produziu escassos resultados.

Agora, o ex-ministro volta à trincheira com projetos mais ousados. "O objetivo é aproximar o homem que requer do homem que decide", diz, "e evitar a perda de tempo de quem não pode perder tempo nem para despachante." Para desafogar o expediente dos ministros, sempre às voltas com mesas abarrotadas de papéis para assinar, promete ampliar a delegação de poderes. Há algumas semanas, exemplifica Beltrão, o ministro Karlos Rischbieter, da Fazenda, queixou-se a ele de que gasta a metade de

seu tempo produzindo burocracia e a outra metade cuidando do que produziu.

Paralelamente, o ex-ministro pretende convencer o governo de que o mamute da burocracia brasileira se ali-

burocratização um sentido eminentemente popular", sonha Beltrão. Enfim, ele planeja reduzir as aflições que o colosso burocrático impõe aos pequenos empresários. "Sem dúvida, a burocracia é também responsável pela alta taxa de mortalidade infantil das pequenas empresas brasileiras", acredita.

DESPACHANTE SOLIDÁRIO — No encontro com Figueiredo, Beltrão descartou uma sugestão para que fosse criado um ministério encarregado de coordenar a guerra à burocracia. "Se quero desburocratizar, não tem sentido a criação de mais um ministério", argumenta. Além do mais, ele era ministro em 1967 — e nem por isso a reforma que empreendeu foi bem-sucedida. Escaldado, agora preferiu o posto de assessor do presidente — que, a seu ver, deve comandar pessoalmente a cruzada —, sem qualquer remuneração. Ou seja, se o projeto fracassar, não terá custado 1 centavo ao Tesouro. "Prefiro ser encarado como quem vai fazer

um trabalho gratuito", esclarece Beltrão — que, em 1959, ao assumir a vice-presidência do magazine Mesbla, se transformou no primeiro brasileiro a ultrapassar a barreira salarial de 1 milhão de cruzeiros antigos por mês.

Desta vez, Beltrão prepara-se para uma batalha de longa duração, sobretudo por saber que a guerra que o espera será travada num país com 15 000 cartórios, um número incalculável de despachantes e 1,3 milhão de funcionários



Beltrão: general da luta contra o mamute

menta, em parte, "da presunção de que todos estão mentindo até prova em contrário". A instituição da "firma reconhecida", filha da mentalidade cartorial que assola o país, está na alça de mira de Beltrão, da mesma forma que os atestados de vida, os atestados de residência, os oito diferentes documentos exigidos para a renovação da carteira de motorista e outras exigências que atormentam rotineiramente milhões de cidadãos brasileiros. "Quero dar à des-

publicos, dos quais cerca de 400 000 ligados à administração federal. Nesse quadro, é inevitável que se multipliquem as distorções da burocracia (*veja o quadro*), como é natural que suas vítimas acompanhem com bastante simpatia e algum cetismo os movimentos do novo assessor presidencial.

Afinal, ao nascer um cidadão brasileiro já ganha seu primeiro papel — um atestado de hospital para que ele, no prazo de quinze dias, possa ser registrado no cartório mais próximo, onde ganha seu segundo papel. A esta altura, o nome do jovem cidadão estará registrado e numerado no fichário da empresa em que seu pai trabalha, no sindicato que ajudou nas despesas do parto, no INPS. Aos 25 anos, depois de acumular papelada em escolas e, eventualmente, empregos, ele terá obrigatoriamente não menos que quarenta documentos diferentes — sem contar os opcionais, como carteira de motorista ou passaporte. Terá, também, acumulado razoável quilometragem em filas que se estendem à frente dos guichês. Sim, as sociedades precisam de controles para funcionar, e esses controles exibem uma notável capacidade de procriação. Mas não é preciso exagerar, como começam a reconhecer os próprios despachantes. Há pouco mais de um mês, um deles, bastante conhecido no Rio de Janeiro, remeteu um telegrama a Hélio Beltrão cumprimentando o ex-ministro por sua pregação contra os excessos e desmandos da burocracia brasileira. Mesmo porque, entre os muitos doces de que se alimenta a máquina burocrática estão os planos de desburocratização. ●

Placas, siglas, carimbos, certificados...

No país dos despachantes, não faltará trabalho ao ex-ministro Hélio Beltrão. VEJA destaca algumas pérolas do tesouro da burocracia:

■ No anexo do Palácio do Planalto, além de um banheiro para homens e de outro para mulheres, há um terceiro, em cuja porta uma tabuleta informa: "Autoridades". Não se sabe a quem entregar a solução do impasse no caso de duas autoridades de sexos diferentes — por exemplo, o senador Jarbas Passarinho e a senadora Eunice Michiles

— visitarem o Planalto e desejarem usar o banheiro ao mesmo tempo.

■ Até há alguns meses, um dos banheiros dos andares nobres do Palácio do Planalto tinha na porta um aviso em xerox, com o apelo: "É favor usar a descarga".

■ O II Plano Básico de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, de 1975, enumera nada menos de 450 siglas — entre elas uma certa CIRM (Comissão Interministerial para os Recursos do Mar) e um cabalístico CRAAM (Centro de Radioastronomia e Astrofísica).

■ No Hospital das Clínicas de São Paulo, o maior do país, a compra de qualquer coisa precisa da aprova-

ção da Secretaria da Fazenda. No organograma da administração estadual, o hospital está diretamente ligado à Casa Civil do governo.

■ O gabinete de Dom Pedro I em 1831 tinha seis ministros. Agora, existem 22, dos quais cinco têm gabinete no Palácio do Planalto. Para acomodar os demais, foi preciso construir uma esplanada.

■ Em 1976, o carioca Luiz Viveiros de Castro recebeu pelo Correio a guia de "Nada consta" e os cumprimentos do Detran pelo fato de não ter sido multado no ano anterior. Só que o carro mencionado na correspondência — chapa EE-1875 — não pertencia ao homenageado que, aliás, não tem carro algum.



O ministro Soares na fila...

POPULISMO

Gestos inócuos

O ministro na fila e o governador de Volks

Às 5h10 de terça-feira, o ministro da Previdência, Jair Soares, amanheceu como um cidadão qualquer na fila formada há muitas horas diante do posto do Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS) de Taguatinga, cidade satélite de Brasília. Astutamente incógnito, pois tivera a lembrança de trazer jornalistas, Soares descobriu que só uma parte dos enfileirados conseguia ser atendida, pois o posto, além da fila, cultivava um sistema de atendimento privilegiado para pessoas recomendadas. Irritado, Soares demitiu o diretor do posto

e voltou a seu trabalho de ministro.

Às 5h10 de sexta-feira, a repórter Eliane Cantanhede, de VEJA, foi para a mesma porta transposta três dias antes por Soares — e a situação era quase exatamente a mesma. Tinham desaparecido os cartões privilegiados, mas lá estavam setenta pessoas, das quais só a metade conseguiria a consulta desejada durante a manhã. Quem quisesse garantia de atendimento antes do meio-dia devia fazer como Rosilda Divina de Freitas, de 30 anos, que, preocupada com seus "problemas de coração", chegou à fila às 2h30.

SALOMON CYTRYNOWICZ



... e a fila sem Soares: igual

É possível que o ministro Soares tenha desperdiçado seu tempo ou seu sono com a patrulha funcional de terça-feira. Fez exatamente o mesmo que o ex-presidente do INPS, Reinhold Stephanes, com o mesmo resultado inócuo. Isso porque qualquer cidadão sabe que diante do INAMPS há filas e não é necessário acordar cedo para se confirmar essa suposição em Taguatinga. Além disso, por infelicidade, a aparição de um mortal, ainda que membro do Ministério, não é providência suficiente para dar ao Instituto poder suficiente para acabar com a pobreza existente em lugares como Taguatinga.

Para as pessoas que estavam na fila de terça-feira, a patrulha do ministro foi saudável e talvez por isso se possa supor que seu gesto, mais publicitário que eficaz, tenha dado os resultados desejados. Além disso, Soares, com a incerta característica das fiscalizações populistas, acompanha uma tendência que nasce no Palácio do Planalto e parece se espalhar até por administrações emedebistas. O governador do Rio de Janeiro, Antônio de Pádua Chagas Freitas, decidiu abandonar seu Galaxie e agora corre a cidade num Volkswagen. Chagas, ex-companheiro do Partido Social Progressista do grande demagogo paulista Adhemar de Barros, deu um caráter de advertência a seu gesto. Se cumprir a promessa, deixará o Palácio num dia em que o Estado não alimentará mais carros oficiais a gasolina e os burocratas andarão de Volks.

PARTIDOS

Ainda no limbo

Nem o presidente sabe se extingue Arena e MDB

O presidente João Baptista Figueiredo recebeu para jantar na última quarta-feira um lote peculiar de convidados — catorze políticos levados à Granja do Torto pelo deputado paulista Alcides Franciscato, da Arena, um velho amigo da casa. O grupo distinguia-se por duas características: todos seus integrantes são emedebistas, deputados e ex-deputados da ala moderada, e nenhum deles ostenta notáveis biografias políticas, dentro ou fora do partido da oposição. Prato de resistência do encontro, a reforma partidária gerou mesmo uma votação secreta. Doze dos catorze eleitores votaram pela extinção dos atuais partidos.

Como votaria o próprio presidente, não se sabe. Ele ainda não decidiu se

o nascimento de novas legendas passa necessariamente pela morte das que hoje existem. Portanto, ninguém conhece o desfecho da questão partidária. “Não existe uma decisão final do governo”, repete o ministro da Justiça, Petrônio Portella, a quem se atribui a convicção íntima de que o veredicto presidencial será pela extinção das agremiações criadas em 1965. Tal indecisão evidencia que, embora o partido favorável à extinção continue forte no Planalto, o presidente não está insensível aos argumentos dos advogados da permanência de Arena e MDB, entre os quais se ali-



Guimarães: almoço na cervejaria

nam arenistas de respeitável calibre, como o governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães.

CLARO E PATENTE — Do outro lado da divisa partidária, um político igualmente credenciado, o senador mineiro Tancredo Neves, ao redor de quem gravitam arenistas e emedebistas das mais variadas etnias políticas, ansiosos todos por um lugar no partido “independente”, também move-se com cautela quando chamado a explorar o território do pluripartidarismo. Sua preocupação, no momento, é negar qualquer ato de infidelidade à sua legenda partidária — e, nesse sentido, escreveu uma carta que ocuparia toda a coluna do jornalista Carlos Castello Branco, na edição da

última terça-feira do *Jornal do Brasil*. “Quero, de uma vez por todas, deixar bem claro e patente que não estou organizando nem pretendo organizar um novo partido”, assegurou o senador. Uma declaração verdadeira, mas de certo modo insincera. Pois Tancredo reconhece que, na eventualidade do desaparecimento das atuais legendas, não lhe seria difícil articular a formação de um partido que chama de “barca da Cantareira, que atraca dos dois lados” — uma alusão a seu objetivo de amortecer possíveis confrontos entre o governo e a esquerda.

Contra a extinção dos partidos, continua a combater o presidente do MDB, deputado Ulysses Guimarães. Na última quarta-feira, em Londrina, Paraná, ele geria um encontro nacional da agremiação, o que o obrigou a percorrer uma agenda de atividades paralelas, que incluía um almoço com operários da Cervejaria Skol. Do encontro resultou uma “Carta de Londrina” — o primeiro documento do MDB que não estigmatiza os que se empenham na criação de outras legendas. A oposição descobriu, finalmente, como diz a “Carta”, que “há democratas planejando novos partidos”. Entre esses concorrentes, Guimarães certamente não inclui o senador Tancredo Neves. A declaração de Londrina informa, no entanto, que já é impossível ignorar que alguns soldados da oposição preferem discutir abertamente seu futuro com o chefe dos adversários.

ANISTIA

Sinal de alerta

Presos do Rio articulam uma greve de fome

Como presidente da comissão parlamentar incumbida de pronunciar-se sobre o projeto da anistia, o senador alagoano Teotônio Vilela, do MDB, aproveita as férias legislativas para manter o assunto à tona. Esse era o objetivo de sua expedição aos presídios onde se encontram os condenados pela Lei de Segurança Nacional (LSN), iniciada na semana passada. Mas, enquanto recolhia argumentos contra o projeto adotado pelo Palácio do Planalto, o senador recebeu uma informação que pode rapidamente ganhar mais espaço no noticiário que sua própria caminhada: os quinze presos com quem se encontrou no Rio de Janeiro resolveram iniciar uma greve de fome, para “mobilizar a sociedade contra o projeto

A vez de Erell

Agora, o advertido foi o embaixador de Israel

Transplantado ao Brasil com o pedido para que o governo permita a abertura de um escritório oficial da Organização pela Libertação da Palestina (OLP), o conflito do Oriente Médio continua a provocar fagulhas diplomáticas em Brasília. Há duas semanas, o Itamaraty advertira aos embaixadores árabes de que desagradavam ao governo as inflamadas declarações públicas do representante palestino no país, Farid Sawan. Na semana passada, a chancelaria foi obrigada a disparar outra advertência — na direção oposta. O consulado de Israel em São Paulo havia distribuído aos jornais uma nota na qual afirmava que, “como a ONU não reconheceu nem a Liga dos Estados Árabes nem a OLP como seus membros efetivos, não há obrigação, de qualquer nação, de permitir a abertura de representações destas duas organizações em seus países”.

O Itamaraty considerou que, entre as prerrogativas de um consulado, não está a de emitir comunicados políticos e, na terça-feira, convocou o embaixador de Israel, Moshe Erell, ao Palácio dos Arcos para adverti-lo. No dia seguinte, o próprio Erell tomou a iniciativa de pedir uma audiência à chancelaria. Ao sair, entregou aos jornalistas um comunicado reafirmando os termos da nota consular. A impropriedade de Erell seria então publicamente criticada pelo Itamaraty, que em nota oficial lembraria as “gestões recentemente realizadas junto a uma e outra parte com vista a que se abstivessem de um debate público impróprio para funcionários estrangeiros em funções oficiais no Brasil”. Mas a reprimenda não significa uma inflexão da atitude brasileira em face de palestinos e israelenses. Pois, nessa mesma quarta-feira, o presidente Figueiredo recebeu uma delegação de dirigentes da comunidade judaica no Brasil que foram levar-lhe sua “preocupação” com a possibilidade de ser a OLP oficializada no país.

• Moshe Erell



ROGÉRIO REIS/JB

Consultas no recesso: sob a chuva, Vilela chega ao presídio do Rio

do governo”. É quase certo que a greve comece nesta quarta-feira. Os presos no Rio não conquistaram, como era praxe nos protestos articulados no ano passado, a adesão prévia dos condenados pela LSN que cumprem pena em São Paulo, Recife e Salvador. Mas acreditam que o apoio virá naturalmente, depois de alguns dias. Tanto que se prepararam para editar um jornal mimeografado diário, que prometem distribuir a partir de 5 de agosto, quando o Congresso já estiver discutindo o projeto, para divulgar a mensagem da “anistia ampla, geral e irrestrita”.

A visita de cinco horas que Vilela fez à penitenciária carioca Milton Dias Moreira, onde estão agora catorze dos 54 condenados pela LSN, ajudou involuntariamente na decisão pela greve. Pois o senador reiterou a seus interlocutores que “todas as forças políticas e sociais do país devem lutar para tornar mais abrangente o projeto do governo”. A políticos com quem falou depois de visitar os presos de São Paulo e do Rio de Janeiro, no entanto, Vilela informou que a oposição admite votar a favor desse mesmo projeto de anistia, com as emendas específicas que nele puder introduzir.

TODOS POR UM — Essa decisão do MDB, que na prática significa o reconhecimento do Congresso como o local adequado para as correções ao texto do projeto, não é corriqueira. Pois, se é fora de dúvida que o Planalto não aceita negociar todos os limites da anistia, concorda com uma emenda pela qual sejam beneficiados os acusados de crime políticos até a data da promulgação

da lei, 7 de setembro, e não mais até 31 de dezembro de 1978, como estipula a proposta original. Ao rechaçar uma emenda desse teor, o MDB estaria contribuindo para manter mais pessoas punidas. E isso ocorreria necessariamente se a oposição empatasse todo seu capital num substitutivo ao projeto do governo — que obrigaria a aprovação da anistia por decurso de prazo.

À sua maneira, o MDB trata de armar-se para arrancar maiores concessões, embora sem ilusões quanto ao desfecho do combate. A oposição tentará, por exemplo, eximir os funcionários afastados pelos atos institucionais de seus empregos públicos, notadamente os professores e pesquisadores, da exigência de requererem, eles próprios, a readmissão, como prevê o projeto. O físico carioca José Leite Lopes, para citar um dos nomes mais conhecidos da lista de professores aposentados, já anunciou que prefere continuar lecionando em Estrasburgo, França, “a submeter-se a essa humilhação”. Nos meios acadêmicos, articula-se, porém, uma saída honrosa: todos os cientistas assinariam um mesmo e único requerimento, no qual se pediria a reintegração conjunta dos demitidos. Assim, os professores fariam chegar ao governo um documento capaz de facilitar a reintegração de quem deseja voltar mas se sente inibido com a recusa inicial dos colegas mais famosos e às vezes mais afortunados. A condição da volta coletiva seria a de que, em hipótese alguma, corra o risco de ser barrado na USP o sociólogo Florestan Fernandes, considerado uma espécie de símbolo do intelectual brasileiro expurgado.



SALOMON CYTRYNOWICZ

De olho na direita

*A advertência do Planalto
às organizações anticomunistas
que praticam atentados*

Na madrugada de domingo, dia 8, militantes anticomunistas invadiram a sucursal do semanário *Em Tempo* em Belo Horizonte, utilizando-se de uma chave falsa. Em seguida, derramaram ácido sulfúrico sobre mesas, cadeiras, papéis, documentos, máquinas de escre-

do resolveu fazer uma advertência diante do atentado. Na terça-feira, em nota oficial expedida pelo Palácio do Planalto, o presidente deplorou a invasão da sucursal do *Em Tempo* e condenou



Ácido sulfúrico na sucursal do *Em Tempo* e pregos em Brasília

ver, um aparelho de telex e todos os arquivos, causando prejuízos estimados em 400 000 cruzeiros. Foi o terceiro atentado contra a sucursal do semanário em menos de um ano — e o 29º de inspiração anticomunista ocorrido em Belo Horizonte nos últimos dois anos, época em que se registra um evidente recesso do terror de esquerda. Em nenhum deles a polícia mineira conseguiu avançar sequer na descoberta de eventuais suspeitos. Muito menos na elucidação dos atentados.

É sintomático que a violência anticomunista tenha recrudescido a partir do momento em que ganhou contornos mais definidos o projeto de abertura do governo Ernesto Geisel. O principal alvo, em geral, têm sido os órgãos da pequena imprensa de oposição radical, identificados com setores da esquerda que começam a mostrar sinais tímidos mas evidentes de ressurreição. Contudo, o presidente João Baptista Figueire-

a “violência como instrumento de ação política”.

CERTA SIMPATIA — Em Belo Horizonte, na quinta-feira, o governador Francelino Pereira recebeu em audiência os diretores do jornal e outras vítimas de ações terroristas de direita, prometendo não poupar esforços para descobrir os responsáveis pelo atentado. “Vamos ver se desta vez eles aparecem”, comentou um dos diretores do *Em Tempo*, João Batista dos Mares Guia. As reservas são justificadas. Afinal, não há notícia de um atentado de direita ocorrido nos últimos anos que tenha sido elucidado pelas autoridades policiais.

Por quê? “No combate à guerrilha urbana”, responde um general bem situado no Ministério do Exército, “entra-nhou-se um arraigado sentimento anticomunista não apenas nos DOI-CODI como entre os policiais civis mais en-

volvidos no combate. Isso explicaria uma certa simpatia de seus integrantes por essas ações da direita.” Segundo o mesmo general, os recentes atentados não têm como alvo o Estado, como foi o caso das atividades da esquerda, e portanto não há ainda a necessidade de uma intervenção direta das Forças Armadas. Caso eles comecem a prejudicar o projeto político do governo, porém, considera-se “provável” uma intervenção militar direta.

Mais que inofensivas ao Estado, as ações do terrorismo de direita chegam a ser consideradas por algumas autoridades inócuas até mesmo quanto à segurança física dos cidadãos. “O Comando de Caça aos Comunistas (CCC) não passa de um grupo lírico, verdadeiros poetas que só sabem escrever cartas”,

disse no ano passado o general Alcindo Pereira Gonçalves, então secretário da Segurança do Paraná, diante de um atentado sofrido pela sucursal curitibana do mesmo *Em Tempo*, no mês de julho. Um qualificado funcionário do Palácio do Planalto prefere fazer comparações. “Os terroristas que deixaram uma bomba no saguão do Aeroporto dos Guararapes, anos atrás, não se importaram com o número de vítimas que poderiam fazer”, disse o funcionário, referindo-se à frustrada tentativa de matar o presidente Costa e Silva, ocorrida em 1966, no Recife. “Os sujeitos que atacaram a redação desse jornal não queriam, aparentemente, produzir nenhuma vítima.”

TIROS NO ANIVERSÁRIO — É possível. Mas serão simplesmente líricos os que, na noite do dia 7 de junho de 1977, metralharam as janelas da casa do à época presidente da Ordem dos Advogados em Minas Gerais, Raimundo Cândido, durante a comemoração, com familiares e amigos, do aniversário da filha? Há outros exemplos não tão poéticos e igualmente impunes. No dia 7 de julho passado, três bananas de dinamite com um despertador e uma pilha de 1,5 volt foram colocados sob uma poltrona do teatro da escola-parque, em Brasília, onde a Companhia Teatral Ruth Escobar apresentava uma peça. Caso não tivesse sido descoberto e desativado a tempo pela Polícia Federal, o petardo destruiria tudo o que se encontrasse num raio de 20 metros.

Em Brasília, por sinal, uma certa Brigada Anticomunista tem-se utilizado,



CELIO APOLINÁRIO

além de bananas de dinamite de grana-das e pregos retorcidos para promover seus atentados. Foram tais pregos, soldados em forma de cravos, que furaram os pneus de dezenas de automóveis em frente ao Clube de Imprensa, em fins de março passado, por ocasião de um ato público de apoio aos metalúrgicos de São Paulo.

Como em outros casos, a polícia não consegue pistas e o destino final dos inquéritos, quando são abertos, é a gaveta. "É uma grande molecagem o que a Secretaria da Segurança vem fazendo com a gente", desabafou na semana passada o advogado Geraldo Magela, 39 anos, que trabalha em Belo Horizonte na defesa de presos políticos. Na madrugada do dia 13 de setembro de 1978, uma bomba destruiu seu automóvel, estacionado em frente ao edifício onde reside. Até hoje ele aguarda os resultados do inquérito.

SEQÜESTRO — Um dos casos mais notáveis de agressão terrorista de direita e de ineficiência policial foi sem dúvida o que sofreu, na noite do dia 22 de setembro de 1976, o bispo de Nova Iguaçu, dom Adriano Hypólito. Seqüestrado por seis homens que se identificaram como membros da Ação Anticomunista Brasileira, dom Adriano foi espancado, despido, pintado de vermelho e abandonado, nu, horas mais tarde em uma rua do bairro de Jacarepaguá.

Dom Adriano lamenta o desinteresse da polícia pelo caso, principalmente porque ele tinha fornecido algumas pistas que considerava importantes. Dez dias antes do seqüestro, o bispo recebeu em sua casa a visita de um oficial que se identificou como coronel Moraes, comandante do Regimento Sampaio, da Vila Militar. Dizendo-se leitor assíduo de *A Folha*, publicação da Diocese de Nova Iguaçu, o visitante "insistiu que o jornal era subversivo" e reiterou que a segurança da baixada Fluminense estava sob a responsabilidade dele, coronel Moraes. O bispo disse que não deu muita importância à visita. Mas após o seqüestro reconheceu as vizinhanças da Vila Militar como o local onde tinha sido agredido. "Por que logo lá?", pergunta dom Adriano, "se o mais lógico seria o oposto, principalmente depois das 9 horas da noite, quando na Vila Militar a vigilância é cerrada?" Perguntado pelo escrivão, durante os depoimentos no inquérito, se tais informações deveriam ser registradas, o delegado respondeu que não, pois se tratava de fatos sem importância. Pouco depois o caso foi encerrado "por falta de dados".



A Convergência reunida: discussões públicas pelo socialismo

RADICAIS

Pequenos e ruidosos

Alguns grupos de esquerda já atuam abertamente no país, com jornais e programa político

Os muros de algumas capitais já exibem a caligrafia de uma enérgica militância política radical — como, por exemplo, a explosiva pichação "Abaixo a Ditadura". As bancas de jornais vendem publicações periódicas (e legais) que defendem a organização de partidos dos mais variados matizes de esquerda — trabalhista, socialista ou popular revolucionário. Em bairros proletários, há gente que se reúne para discutir plataformas socialistas.

Não se trata, é claro, de uma "invasão vermelha". Os jornais são quase artesanais, suas tiragens minúsculas e sem periodicidade garantida. As reuniões raramente ultrapassam em número a, por exemplo, uma assembleia de condôminos de um edifício de apartamentos. Contudo, também é certo que a multifacetada esquerda brasileira volta a respirar, com uma constante proliferação de grupos ou grupúsculos que rivalizam entre si. Esse progressivo regresso à superfície atravessou variadas discussões intestinas, com grau também variado de seriedade. Até 1976, por exemplo, os estudantes da São Paulo envolveram-se durante um ano em torno de uma delicada discussão: saber se já era o momento ou não de utilizar nas manifestações públicas a palavra de or-



O TRABALHO

Bancas da Libelu: pelos presos

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

 COCA DIARIAMENTE
RADIO TIRANA

JANEIRO DE 1979

ANO XLV

TUDO COMO DANTES.

O jornal do PC do B: ainda pela "revolução armada"

dem "Abaixo a Ditadura". Tipicamente, a polêmica acabou num racha — nome dado, em esquerdês, a qualquer divisão por que passe uma organização.

82 COMITÊS — Vendem hoje pouco mais de 5 000 de seus 10 000 exemplares de tiragem, o quinzenário *O Trabalho* expressa em suas páginas os pontos de vista do grupo estudantil Liberdade e Luta — conhecido apenas como Libelu e cuja palavra de ordem central e prioritária é, justamente, "Abaixo a Ditadura". Em torno do jornal, aliás, reúne-se um dos raros grupúsculos de esquerda no Brasil que já atuam abertamente. Mais ativos que numerosos, Libelu e *O Trabalho* alegam a existência organizada em seu movimento de uns 500 militantes em todo o país, quase todos jovens com a idade média de 25 anos, saídos quase sempre da classe média do Milagre Brasileiro. "Atualmente estamos concentrados na campanha pela libertação dos presos políticos de Itamaracá, no Recife", afirma o estudante Josimar Melo, um dos dirigentes da Libelu. Para esta campanha, foram mobilizados 82 comitês em oito Estados, reunindo aproximadamente 900 pessoas encarregadas de, através de banquinhas nas ruas das capitais, angariar fundos e adesões a um abaixo-assinado pela libertação dos presos.

A Libelu e *O Trabalho* são contra qualquer tipo de participação nos partidos legais existentes — em 1978 fizeram campanha pelo voto nulo. Ignoram o projeto de anistia parcial do governo e dedicam-se à estafante tarefa de tentar organizar grupos de oposição em todo e qualquer sindicato, quer nos controlados por pelegos, quer nos já controlados por coligações esquerdistas. Em

UNIDADE PROLETÁRIA

Nº 31
ano - IV

órgão de união e luta dos trabalhadores • ABRIL • 1979 • 5,00

ABALARAM

Na clandestinidade: o porta-voz oficial do MR-8

DEBATE

NOVEMBRO 78

31



No exterior: as origens do grupo União Comunista

matéria de idéias, parecem destilar alguma forma de "trotskismo" — corrente fundada nos pensamentos do líder comunista Leon Trótski, exilado e assassinado no México por ordem de Stálin em 1939.

DISCOS VOADORES — Várias e diminutas famílias trotskistas, aliás, surgem na semiclandestinidade. A mais curiosa, seguramente, é a que se filia aos princípios de J. Posadas, um trotskista sobremaneira preocupado com a existência de discos voadores. Segundo os ensinamentos "posadistas", os discos voadores vêm de uma sociedade superior à nossa; se é superior, só pode ser socialista; portanto, se uma horda de discos voadores dirigir-se para a Terra, não será uma invasão, mas uma libertação.

Outros parentescos trotskistas registram-se no movimento Convergência Socialista, fundado por aproximadamente 200 pessoas em janeiro do ano passado, em São Paulo. Como a Libelu e *O Trabalho*, a Convergência faz mais barulho que outra coisa, ainda que seja menos radical em sua plataforma para a organização de um Partido Socialista. "Somos a favor de uma frente de oposição e apoiamos alguns candidatos do MDB em 1978, como Benedito Mar-

cílio, em São Paulo", afirma Júlio Tavares, um dos militantes do movimento cujo jornal, *Convergência Socialista*, sai todas as quinzenas com uma tiragem de 10 000 exemplares. Tavares sustenta que a Convergência reúne atualmente cerca de 3 000 militantes e simpatizantes.

Apesar ou talvez precisamente por reivindicar uma atuação aberta e legal, a Convergência chegou a interessar, em outubro do ano passado, os órgãos de segu-

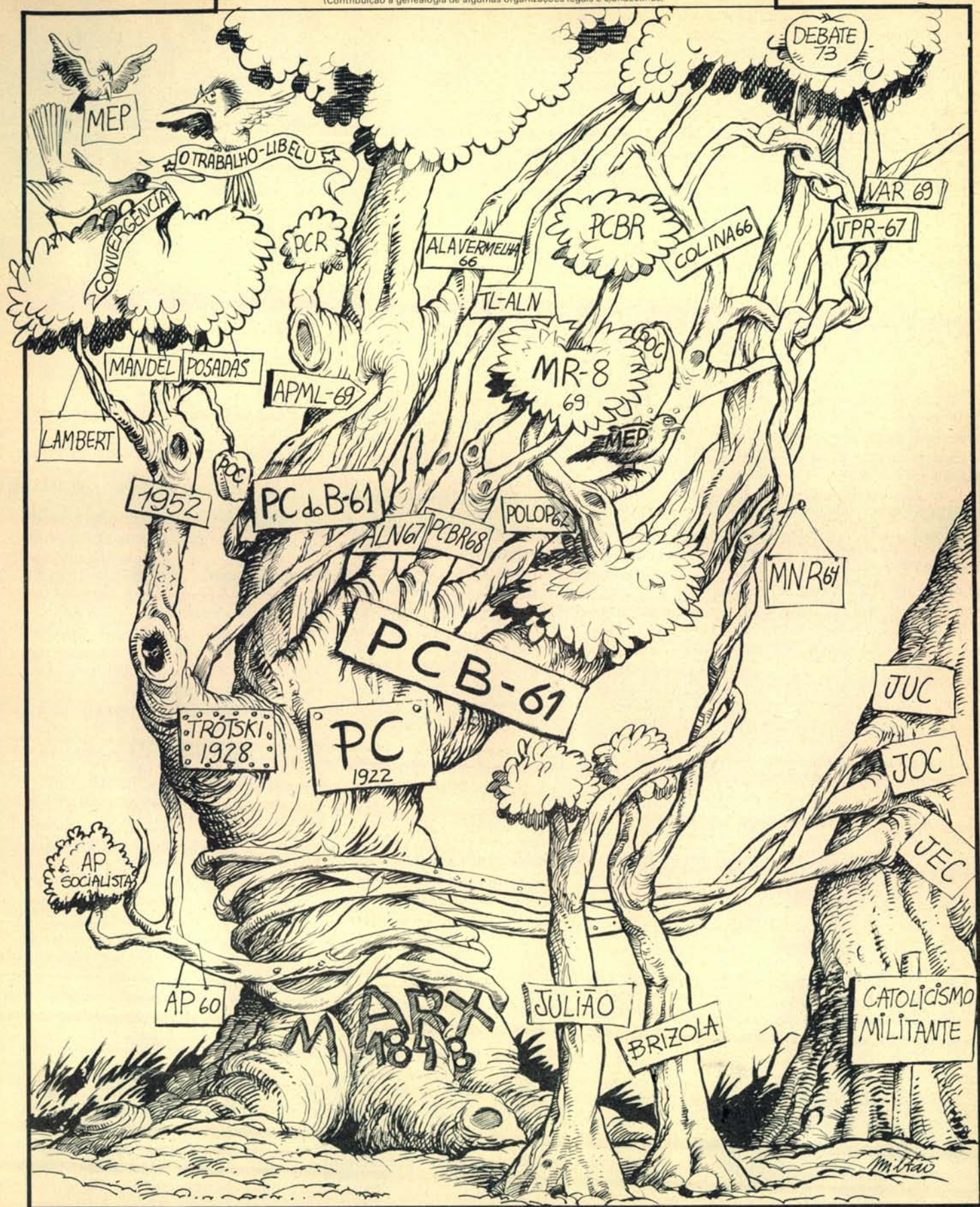
rança. Duas dezenas de seus membros foram presos e processados por atividades subversivas.

COM TIRANA — O raquitismo dos movimentos e organizações legais ou semilegais não é gratuito. Na verdade, está intimamente ligado à história recente e conturbada da esquerda brasileira. Nenhum, ou raros, são os que têm ligações históricas com assaltos a bancos, arremessos de bombas ou atividades afins — portanto, estão fora do círculo de ferro montado pelos órgãos de segurança para isolar e punir os militantes do terrorismo. Do mesmo modo, a quase totalidade de seus membros, todos jovens entre 18 e 30 anos, é originária dos troncos mais conhecidos da árvore genealógica da esquerda no Brasil (veja a página 27).

Para aqueles que se envolveram na aventura terrorista, o futuro ainda é razoavelmente nebuloso. Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), Ação Libertadora Nacional (ALN), Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), VAR-Palmares e Partido Comunista do Brasil, entre outros, são nomes cujo passado violento as Forças Armadas ainda não absorveram. Todos eles deverão, ainda na clandestinidade, resolver suas divergências internas e decidir co-

A floresta da esquerda

(Contribuição à genealogia de algumas organizações legais e clandestinas)



mo acompanhar o processo político até que possam pensar em reivindicar uma eventual legalidade. Mesmo porque, na semana passada, em Campos do Jordão (SP), o presidente João Figueiredo afirmou que não pretende legalizar sequer o PCB.

Sem dúvida, a velocidade em direção à superfície está condicionada em primeiro lugar à abjuração ou ao abandono do que chamam de "luta armada". Neste ponto, entre os vários grupos que acreditam ter-se reorganizado de alguma forma na clandestinidade, há alguns todavia que não desistem — ou pelo menos dizem que não desistem. É o caso do Partido Comunista do Brasil, surgido em 1961 em consequência de um racha no PC de Luís Carlos Prestes. Em recente entrevista ao correspondente do semanário *Movimento* na Europa, Renato Rabelo, dirigente do PC do B, afirmou que a liberdade preconizada por seu partido deve "incluir também a liberdade de se pregar a revolução..." Nesse processo, a guerrilha desbaratada na região do Araguaia entre 1972 e 1974 seria "apenas um primeiro ensaio".

Não se trata, contudo, de uma questão resolvida e, diante do aparato da sociedade brasileira, o PC do B parece mais destinado a frases teatrais em Paris. Sabe-se que há acesa polêmica no seio do PC do B quanto aos resultados do episódio Araguaia. Da mesma forma, foram revistas também algumas ligações umbilicais da organização com o exterior. A mudança mais exótica é o abandono das identidades com o comunismo chinês em favor da influência da Albânia, cujos dirigentes também romperam com a China. Os números

mais recentes de *A Classe Operária*, jornal clandestino do PC do B, não trazem mais apelos para que seus leitores ouçam as transmissões diárias para o Brasil da Rádio de Pequim — só se referem, agora, à albanesa Rádio Tirana.

"PC OU MACONHA" — À direita do PC do B e à esquerda do Partido Comunista liderado por Prestes, atua também na clandestinidade o Movimento Revolucionário 8 de Outubro, um dos muitos grupos que em fins da década de 60 se lançaram ao terrorismo. Em artigos recentes publicados no órgão oficial e ilegal do movimento, *Unidade Proletária*, é possível observar diferenças quanto ao PC do B. Enquanto este acha, por exemplo, que o voto do MDB deve ser contra o projeto de anistia parcial do governo, o MR-8 defende a luta da oposição para ampliar a proposta oficial. Se isso for impossível, os parlamentares devem votar a favor do projeto original e considerá-lo "uma vitória da pressão das massas".

Tanto MR-8, como o grupo Debate ou a União Comunista fundada no exterior, são bastante identificados com a linha mais moderada, revisionista, reformista ou oportunista, para se usar a munição adjetiva dos combates dentro da própria esquerda, representada pelo Partido Comunista Brasileiro. Criado em Paris a partir de 1970 por exilados que editavam a revista *Debate*, a União Comunista foi oficializada como organização em 1973. Formada basicamente por egressos da linha não-militarista da Ação Libertadora Nacional, também inclui entre seus quadros remanescentes do terrorismo que mudaram suas posições, o que ocorreu com espantosa frequência.

Na verdade, a questão política para muitos dos comunistas que se filiaram a outras organizações ainda está de alguma forma ligada ao PCB, tronco da sólida maioria das ramificações da esquerda. Não foram poucos os antigos dissidentes que, no exílio, acabaram se ligando a ele ou caminham em sua direção. Até mesmo por motivos existenciais. "Em certas capitais européias só se têm duas opções", costumam dizer alguns exilados. "Entrar para o Partido Comunista ou fumar maconha." ●



TELEFOTO AMICUCI GALLO

"Dedo-Duro" em ação: sem pensar

POLÍCIA

Ficha antiga

O computador não sabia da conversão de Blanco

Acusado por órgãos de imprensa de responsável pela detenção do deputado peruano Hugo Blanco, o computador IBM, modelo 3277, instalado no 6.º andar do Aeroporto Internacional do Galeão, está inocente. Apelidado de "Dedo-Duro", o computador, que não pensa, também não pode atualizar por conta própria os dados que aparecem em fichas já envelhecidas. Não podia saber, portanto, que o antigo guerrilheiro e líder camponês Hugo Blanco depôs as armas e hoje, de volta à legalidade, ocupa pacificamente uma cadeira na Assembléia Constituinte do Peru.

Assim, na manhã de quinta-feira, quando Blanco desembarcou no Rio de Janeiro em trânsito para Porto Alegre, onde deveria pronunciar uma palestra a convite do setor jovem do MDB gaúcho, o computador limitou-se a indicar que seu nome figurava na relação de pessoas impedidas de entrar no país. Informado do incidente no aeroporto, o ministro da Justiça, Petrônio Portella, pediu à Polícia Federal que averiguasse se o passaporte do viajante estava em ordem. Estava — e Blanco acabou liberado depois de ficar detido durante dez horas.

Dois dias antes, Portella tomara a decisão de suprimir da lista negra do computador os nomes nela incluídos por atividades políticas. Mas o Dedo-Duro continuará em ação, apontando a presença de passageiros que — ou porque têm contas a prestar à Justiça, ou



SUELI TOMAZINI/MOVIMENTO

Rabelo: "Araguaia foi só um ensaio"

porque são considerados indesejáveis pelo Itamaraty — estão proibidos de entrar ou sair do país, como ocorre em todos os grandes aeroportos do mundo. O Dedo-Duro, por sinal, parece bem menos discreto que seus similares estrangeiros. Tanto assim que, mais de uma vez, os próprios integrantes da lista negra puderam ler a informação transmitida numa tela em vistosas letras verdes: "Entregar passaporte à chefia sem que o passageiro perceba".

SEQÜESTRO

Era mentira

A polícia desmonta a versão da polícia

Em janeiro passado, a Polícia Federal arrebanhou em Bagé, a 370 quilômetros de Porto Alegre, três testemunhas dispostas a sustentar a versão de que os uruguaios Universindo Díaz e Lilian Celiberti não foram seqüestrados no dia 17 de novembro de 1978 — uma operação em parte testemunhada pelos repórteres Luís Cláudio Cunha, de VEJA, e J. B. Scalco, da revista *Placar* — e, sim, cruzaram espontaneamente a fronteira com o Uruguai. Na ocasião, o motorista de táxi Adil Machado Ianzer contou que fora procurado na manhã do dia 21 de novembro por um casal urguiaio (eram Lilian e Universindo, deduziu), acompanhado por duas crianças, que imaginou serem Camilo e Francesca, filhos de Lilian. Sem dinheiro para uma corrida de táxi até a cidade de Melo, em território urguiaio, continuava a história, os quatro teriam rumado para a estação rodoviária e, dali, embarcado num ônibus de Oswaldo Biaggi de Lima, que conduziu o grupo através da fronteira. O cobrador Patrício Lugo Acosta confirmou tudo e a Polícia Federal passou a versão adiante, dando como prova uma ficha com os nomes de quatro viajantes, que teriam se registrado no guichê de passagens com documentos falsos.

Agora, a polícia se encarrega de desmentir a própria polícia, provando que as testemunhas mentiram. Segundo o laudo elaborado pelo Instituto de Criminalística, encomendado pela CPI da Assembléia Legislativa que investiga o seqüestro dos uruguaios, e conhecido na terça-feira, um único passageiro, de nome Luiz, embarcou em Bagé com destino a Melo às 7 horas da manhã de 21 de novembro. Baseados na análise das segundas vias das passagens vendi-

das naquele dia na rodoviária de Bagé, os peritos concluíram que os quatro uruguaios não estavam no ônibus.

TESE DERRUBADA — A lista de passageiros preenchida pelo motorista Lima e entregue à Polícia Federal, todavia, não acusa a presença de nenhum Luiz. Dela constam os quatro nomes que, na versão policial, foram adotados por Lilian, Universindo, Camilo e Francesca. Estranhamente, a lista de Lima, ao contrário de todas as outras examinadas pelos peritos em Bagé, indica como nacionalidade dos viajantes a sigla ROU (República Oriental do Uruguai). "Quem usa apenas essas iniciais, quando se refere ao Uruguai, é a Polícia Federal", informa o promotor Dirceu Pinto, designado pelo Ministério Público para acompanhar o caso.

"Em princípio, o laudo derruba a tese da saída por Bagé", afirma o promotor. Derruba também um documento elaborado pela Justiça Militar urguiaia, em cumprimento a uma carta rogatória encaminhada pela polícia brasileira, ao longo do qual declarações ar-

Exemplar: LIMA, LTPA
Travessa: LIMA, DORIS, A. B. B. - 1012-0

Lista de Passageiros

Nome	Sexo	Nacionalidade	Idade	Profissão	Data de Nascimento
UNIVERSINDO, CAMILO	M	ROU	25	ANDRADA	19.11.1952
LILIAN, CELIBERTI	F	ROU	25	DE ALMEIDA	19.11.1952
CAMILLO, CAMILO	M	ROU	10	ANDRADA	19.11.1952
FRANCISCA, FRANCISCA	F	ROU	10	ANDRADA	19.11.1952

Assinado: [Assinatura]

Carimbo: [Carimbo]

A lista de Lima: falso testemunho

rancadas de Lilian e Universindo confirmam a história montada a partir dos testemunhos "capturados" em Bagé. "Quem mentiu vai levar ferro", promete o coronel Luiz Macksen de Castro, superintendente da Polícia Federal. Desde a semana passada, há provas de que pelo menos três testemunhas mentiram — e estão, portanto, expostas à ira do coronel Castro e ao risco de um processo por falso testemunho. Mas também há indícios de que o trio foi recrutado por policiais, que forjaram o fantasioso enredo da saída espontânea dos uruguaios. Para ser coerente, o coronel Castro deve tentar localizar os demais culpados — com a mesma isenção exibida pelos peritos do Instituto de Criminalística.



Fuma e não abre

Desafiado por uma equipe de cinco cardiologistas que o visitavam no Palácio do Planalto, o presidente João Figueiredo admitiu que não consegue deixar de fumar: falta-lhe força de vontade. Os médicos recomendaram que ele jamais deveria ultrapassar a cota de dez cigarros por dia. Fumante sincero, o presidente confessou saber dos riscos do tabaco: no ano passado ou-

viu o mesmo conselho, tentou segui-lo e desistiu.

Ele fuma Parliament, americanos, quando ganha, e Charm, nacionais, quando compra. Sua tabela atual: dois cigarros quando recebe o pedido de um deputado para autorizar gastos de 6 milhões de cruzeiros; e um maço inteiro quando lhe chega a notícia de um novo aumento do petróleo.



Carter com congressistas em Camp David: em busca de consenso para enfrentar a escassez de energia

Internacional

No fundo do poço

Com a crise energética, o presidente americano Jimmy Carter atinge o ponto mais baixo de sua trajetória pela Casa Branca

A cadeia de televisão americana CBS, que transmite atualmente um seriado sobre a vida de Moisés, havia anunciado para o domingo, dia 15, um dos capítulos fortes da série. Naquela noite, o profeta desceria do monte Sinai para apresentar ao povo judeu as Tábuas da Lei. Dois dias antes da transmissão, contudo, a Casa Branca pediu o cancelamento do programa — ou, mais exatamente, pediu licença para usar o horário nobre da televisão. O presidente Jimmy Carter, atolado no ponto mais fundo de sua carreira política — um índice de popularidade de 25%, inferior até mesmo ao do ex-presidente Richard Nixon nos momentos mais sombrios de Watergate —, precisava do vídeo para um discurso “inadiável” à nação.

A notícia da substituição das imagens do profeta pela do presidente ativou de imediato uma rede de comentá-

rios mordazes em Washington — os dois programas, dizia-se, carregariam uma surpreendente semelhança. Como Moisés, também Carter emergia de uma misteriosa reclusão na montanha — no caso, as montanhas Cacocin, em Maryland, onde fica o retiro presidencial de Camp David. E, como o profeta, também o presidente trazia importantes diretrizes para anunciar — desta vez, um plano de ação longamente esperado, para enfrentar a crise energética.

PELO TELEFONE — Havia, por outro lado, uma imensa expectativa em torno do discurso presidencial. Nos primeiros dias de julho, ao voltar de uma exaustiva viagem à Ásia, onde participara da reunião de cúpula dos países industrializados, Carter cancelou uma escala de repouso no Havaí para dedicar-se por inteiro à questão da escassez de energia. A OPEP acabara de elevar mais

uma vez os preços do petróleo e o mau humor nacional, provocado pelas restrições ao consumo de gasolina, não aconselhava férias presidenciais. Pelo contrário. Preocupados com o desgaste político do presidente, seus assessores receberam uma ação imediata. Carter aproveitaria a comemoração da independência americana, dia 4 de julho, para anunciar um ambicioso programa energético. O Congresso, que vinha recusando-se repetidamente a aprovar todas as propostas do Executivo para o setor, ficaria publicamente comprometido. E um discurso enérgico, pela televisão, seria a ocasião sob medida para injetar novo ânimo à desacreditada liderança de Carter. O plano, contudo, revelou-se um fiasco absoluto.

Menos de 48 horas antes do alardeado discurso, o presidente cancelou sua fala ao país. De Camp David, Carter anunciou sua decisão, por telefone, ao

vice-presidente Walter Mondale. E foi lacônico — nenhuma explicação foi dada a Mondale. O próprio secretário de Energia, James Schlesinger, ficou sabendo da notícia pelo rádio. Irritados com o mutismo do presidente, seus assessores mais chegados fecharam-se também em um silêncio intransponível.

MAU HUMOR — Por que o presidente não adia simplesmente o discurso, em vez de cancelá-lo? Por que decidira permanecer em Camp David? As especulações mais disparatadas tomaram conta da capital americana. Carter estaria doente, à beira de um colapso nervoso. Teria decidido reestruturar todo o gabinete. Houve mesmo rumores de uma renúncia do presidente — e consta que a revista *Time* chegou a preparar uma capa alternativa para essa eventualidade, com a foto do vice-presidente Walter Mondale. O impacto negativo da atitude de Carter foi tão grande que a cotação do dólar chegou a ressentir-se nos mercados financeiros internacionais.

As previsões mais pessimistas acabaram não se confirmando. Nada havia, afinal, de errado com o presidente

— ou “nada de mais errado que o comum”, como comentou sarcasticamente um alto funcionário da própria Casa Branca. Carter cancelara o discurso simplesmente porque seus assessores, a quem ele encomendara rascunhos, nada tinham conseguido elaborar de substancial. E ele próprio não chegara a uma conclusão sobre o que dizer.

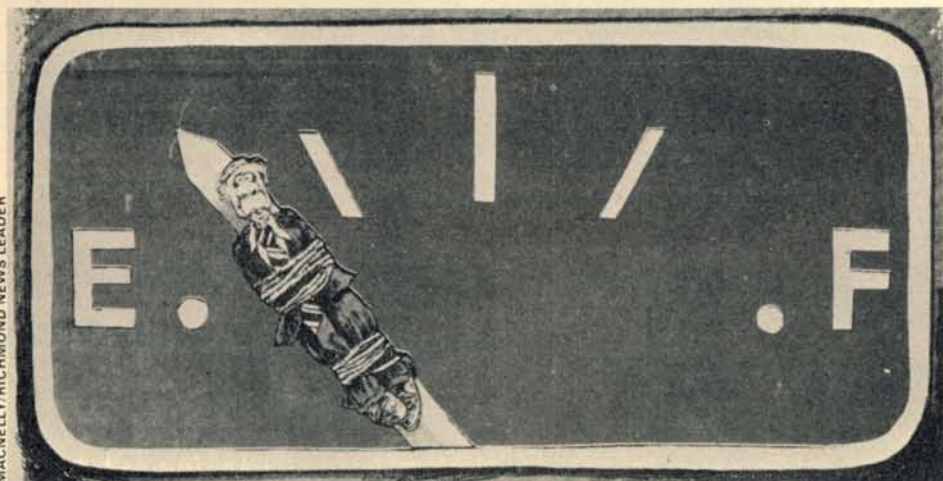
Em circunstâncias normais, uma reflexão maior sobre um discurso dessa importância talvez tivesse sido saudada como sensata. Mas as longas filas de espera junto às bombas de gasolina, os 13% atuais de inflação, as perspectivas de recessão econômica e de um inverno gélido, por falta de combustível, têm amargado o humor dos americanos. Por todo o país espalha-se uma atmosfera de crise.



Violência na Pensilvânia: pela gasolina

CABEÇA A ROLAR — Neste quadro, a atitude de Carter não poderia ter sido mais mal calculada. Alguns comentaristas políticos chegaram mesmo a declará-lo politicamente morto: ele teria perdido, com o fiasco do discurso, a “última chance” de recuperar-se para as eleições do ano que vem. Foi nesse clima que o presidente fez mais uma de suas piruetas para se colocar novamente na ofensiva política. Em vez de voltar rapidamente a Washington, resolveu convocar a Camp David dezenas de personalidades dos mais diversos setores da opinião pública. Bispos e governadores, sociólogos e empresários, congressistas e líderes sindicais — quase 150 pessoas foram convidadas a visitar Carter em Camp David para trocar idéias sobre a situação do país e da Presidência.

Na quinta-feira, como se não bastasse, o presidente requisitou o helicóptero presidencial para escapadas sem publi-



Carter visto pelo chargista MacNelly: quase sem combustível

“Que diabos quer o presidente?”

Alguns exemplos do que os americanos e estrangeiros estão dizendo sobre o presidente Jimmy Carter:

“Que diabos o senhor quer afinal, senhor presidente?” (manchete do jornal *New York Post*)

“Já se disse muita coisa ruim sobre Nixon. Ele foi chamado de mentiroso e vigarista, mas nunca de ine-

ficiente. Ineficiente é a pior acusação que se pode fazer a um presidente. E é isso que andam falando de Carter” (empresário da Geórgia em carta ao *Wall Street Journal*).

“As coisas vão mal na Casa Branca. Eles não sabem o que fazer” (um funcionário da própria Casa Branca).

“Os republicanos vivem criticando o governo por intervir demais na vida das pessoas. Aham que o governo deveria fazer menos do que faz. Espertamente, Carter derruba todos eles de uma vez. Em vez de fazer menos, seu governo simplesmen-

te não faz nada. Sabido, não?” (Mark Shields, analista político).

“Carter é um zumbi político” (William Safire, analista político).

“Alguém por aí viu Jimmy?” (Rosalynn, em uma piada malsucedida durante a reunião da Associação Nacional de Governadores, em Kentucky).

“Esta é a última chance de Carter. Se ele não jogar bem agora, está acabado” (um governador presente à reunião de Kentucky).

“No começo de sua Presidência, Carter qualificou o desafio energético como o equivalente moral de uma guerra. Mas a maneira como ele tem tratado esse assunto — e todos os outros — lembra mais o desastre de Three Mile Island” (Harold Jackson, correspondente do jornal inglês *The Guardian*).

“A questão energética é o nosso Vietnã” (um assessor de Carter).

VEJA, 18 DE JULHO, 1979

Para a Dow, o homem continua sendo matéria-prima indispensável para o progresso.



Pintura rupestre. (3.000 A. C.)

O homem é o princípio de tudo. Sem ele e sua imaginação, nada que existe hoje teria acontecido. O próprio progresso, o desenvolvimento da ciência, o avanço industrial, as grandes cidades um dia dependeram do pioneirismo de um homem e de muitos outros que vieram depois dele. Homens que pesquisaram, criaram e lutaram pelas suas idéias. Hoje, o mundo está feito. Só que é preciso continuar e melhorar tudo o que foi feito até aqui. Pensando assim, desde o seu início, a DOW não tem feito outra coisa senão pesquisar e desenvolver uma infinidade de produtos em benefício da humanidade. E para isso vem usando uma matéria-prima indispensável para o progresso: o próprio homem. E porque ela acha que deve dar o melhor de si para o conforto e o bem-estar de todos, a DOW desenvolve internamente um programa de aperfeiçoamento para os homens que trabalham para ela, através de cursos e treinamentos ministrados aqui e no exterior. Todo esse esforço visa ao aproveitamento do indivíduo dentro da empresa, dando-lhe oportunidade de crescerem juntos. Pois só assim ele poderá, seguramente, retribuir em benefício de toda a coletividade.



Matéria-prima para o progresso.

Visto de saída

O ditador Somoza já está de passaporte na mão

A situação do presidente Anastasio Somoza Debayle parecia tão precária, na semana passada, que um jornalista estrangeiro, no Hotel Intercontinental, chegou a comentar: "Agora, só resta ao ditador ir à embaixada americana e carimbar seu passaporte". Não deu outra coisa: na manhã de terça-feira, o governo da Nicarágua encaminhou à embaixada dois passaportes em nome do presidente. Num deles, Somoza, casado com uma americana, figurava como "chefe de Estado". No outro, por via das dúvidas, aparecia apenas como um cidadão comum nicaraguense. Ambos foram imediatamente carimbados.

Tudo, enfim, estava pronto. Com um detalhe — Somoza não havia ainda se decidido a partir. Ao contrário, por uma rede nacional de rádio e televisão ele voltou a falar com a segurança de um vencedor: lançou ataques contra o comunismo internacional, acusou novamente Cuba, Panamá e Costa Rica de estarem apoiando os guerrilheiros da Frente Sandinista de



RADIOFOTO UPI

Um guerrilheiro sandinista: esperando o momento do ataque final

Libertação Nacional — e terminou por jurar que continuaria sua luta até o fim. Talvez mais eloquentes que as palavras de Somoza, porém, fossem os fatos — e, tanto no plano militar quanto no diplomático, esses fatos contavam uma história diferente.

BAIXAS: 10% — No capítulo da guerra, de fato, os registros da semana passada foram inteiramente favoráveis aos sandinistas. Pela primeira vez em mais de dois meses de combates, a Guarda Nacional somozista começou a sofrer derrotas mais sérias, como no começo da semana, quando uma grande contra-

ofensiva, anunciada com alarde pelo governo e destinada a desalojar os guerrilheiros da cidade de Masaya, situada a apenas 30 quilômetros de distância de Manágua, foi rechaçada com certa facilidade. Ao contrário do que vinha acontecendo até agora, as derrotas da Guarda Nacional já estão sendo reconhecidas pelos altos oficiais. Na quarta-feira, um deles admitiu para os jornalistas que em dois meses de guerra já foram colocados fora de combate (mortos ou feridos) pelo menos 10% do total de efetivos da Guarda — ou seja, cerca de 1 500 homens.

Para substituí-los, a Rádio Difusora

"Três refeições, uma arma e algum respeito"

Dias atrás, durante uma batida de rotina no miserável Barrio de La Fuente, uma das muitas favelas que circundam Manágua, um cabo da Guarda Nacional, armado até os dentes, deteve um adolescente e revisitou-o com rudeza. O garoto, de 14 anos no máximo, estava desarmado — mas isso não tranquilizou o soldado nem um pouco. Ele agia como se estivesse diante de um inimigo potencial, alguém que naquela mesma noite, ou no dia seguinte, poderia esperá-lo numa tocaia com uma arma apontada para sua cabeça. "Tenho medo de você", disse o cabo ao adolescente, trêmulo de raiva e tensão. "Vou dizer-lhe francamente. Tenho medo de você e de todos seus jovens amigos. Agora, vá, suma-se."

O garoto teve sorte. Desde o iní-

cio desta guerra, há mais de dois meses, outros como ele vêm sendo sumariamente fuzilados nas ruas de Manágua, por soldados da Guarda Nacional, simplesmente porque eles são o que são: jovens. Para os soldados, eles são guerrilheiros em potencial e muitos, de fato, são exatamente isso. De qualquer maneira, episódios como o de La Fuente, exemplos eloquentes da aflição em que se debatem muitos dos soldados da *Guardia* tornaram-se ainda mais frequentes nos últimos dias.

COMO NO IRÃ? — A maior parte dos cerca de 15 000 soldados da Guarda Nacional, sem dúvida, mantém-se fiéis a seu comandante máximo, o presidente Anastasio Somoza Debayle. Na verdade, essa férrea lealdade tem sido um dos traços mais extraordinários da guerra civil nicaraguense: poucos exércitos do Terceiro Mundo resistiriam tanto a uma revolução, e tão ferozmente, como o Exército da Nicarágua. Natu-

ralmente, porém, a tropa tem uma ponta de temor por sua sorte quando Somoza deixar o poder — e isso, todos sabem, terminará por acontecer, mais cedo ou mais tarde. Por isso, há soldados e oficiais que fogem, desertam — quando não se passam simplesmente para o lado dos sandinistas.

O tenente-coronel Anastasio Somoza Portocarrero, filho do presidente e comandante-chefe da Guarda, tem usado, à exaustão, todos os recursos disponíveis para impedir isso. O argumento mais utilizado junto à tropa tem sido o exemplo aterrador de soldados iranianos sumariamente executados pelos rebeldes depois da queda do xá Reza Pahlevi. "É isso o que os aguarda se permitirem que os sandinistas vençam esta guerra", repete a rádio governamental a todo momento.

"A PRÓPRIA MÃE" — "Somoza é a Guarda Nacional", disse recentemente um líder da oposição. De fato,

Nacional, do governo, vem intensificando uma campanha destinada a convencer a população a se engajar na Guarda e a gozar dos benefícios de ser um *guardia* (veja o quadro). Os oficiais da Guarda já não conseguem esconder, também, uma outra grave dificuldade por que passam: a crônica falta de munições.

Hoje, praticamente nenhum país estrangeiro ajuda Somoza, e até Israel, que vinha fornecendo rifles e munição à Guarda, suspendeu suas remessas em resposta a um apelo feito pelos Estados Unidos. Assim, segundo alguns oficiais, a Guarda já não possui balas para suas poderosas metralhadoras calibre ponto 50, não há mais bombas incendiárias para municiar os poucos aviões que restam e os foguetes e morteiros também escasseiam. Em resumo: segundo especialistas do Pentágono, a munição de que dispõem os soldados de Somoza não duram nem mais um mês.

“NUTS TO YOU” — Considera-se altamente improvável, dentro desse quadro, que os cerca de 5 000 soldados da Guarda Nacional, destacados para defender o *bunker* de Somoza em Manágua, consigam suportar uma ofensiva em grande escala, como a que vem sendo anunciada pela Frente Sandinista. Essa ofensiva seria deflagrada na semana passada de três pontos ao mes-

mo tempo: León, ao norte da capital, e Masaya e Jinotepe ao sul. À última hora, no entanto, os líderes da Frente suspenderam a ordem de atacar à espera de eventuais desdobramentos positivos no campo diplomático. Nessa área, continuavam a todo vapor os entendimentos entre os membros da Junta Provisória de Governo, na Costa Rica, e o enviado diplomático dos Estados Unidos, William Bowdler. Sem muito sucesso, porém.

O único fruto mais ou menos positivo do esforço diplomático da semana passada foi a apresentação, pelos sandinistas, de um plano de governo, considerado “moderado” pelos americanos. O plano, entretanto — que previa, entre outras coisas, a dissolução da Guarda Nacional e sua substituição por um Exército de guerrilheiros, e a concessão de permissão para que membros do atual governo deixem o país, desde que não tenham cometido “crimes contra o

povo” —, foi rejeitado por Somoza com irritação. “Eles (os sandinistas) são uns loucos”, devolveu o ditador. E completou com uma maldição: “Nuts to you” — expressão que pode ser traduzida por algo como “Uma ova!”

No fim da semana, o estancamento dessas negociações fazia prever que os sandinistas poderiam iniciar afinal sua ofensiva contra Manágua. Renasciam, mais uma vez, os rumores de que se aproximava o momento de Somoza usar seu passaporte recém-carimbado para fugir para os Estados Unidos. Na noite de sexta-feira houve um momento em que se chegou, de fato, a pensar que o ditador havia finalmente se decidido a ir embora. Mas não — ele saíra do país por pouco tempo, apenas para ir à vizinha Guatemala para reforçar seu pedido de ajuda a seus colegas, os presidentes da Guatemala, Honduras e El Salvador. Três horas depois ele estava de volta ao *bunker*.



Soldados da Guarda Nacional: fiéis, mas com uma ponta de temor

a Guarda é ao mesmo tempo o Exército e a polícia da Nicarágua, e controla — embora com uma competência quase sempre duvidosa — diversos setores da vida pública. Richard Millet, um professor da Southern Illinois University, dos EUA, especialista em Nicarágua, refere-se assim ao poder desse Exército dos Somoza: “A Guarda governa o país. Metade dos diretores do Banco Nacional, por exemplo, é de oficiais reformados cujo conhecimento de questões bancárias pode ser escrito na cabeça de um alfinete”.

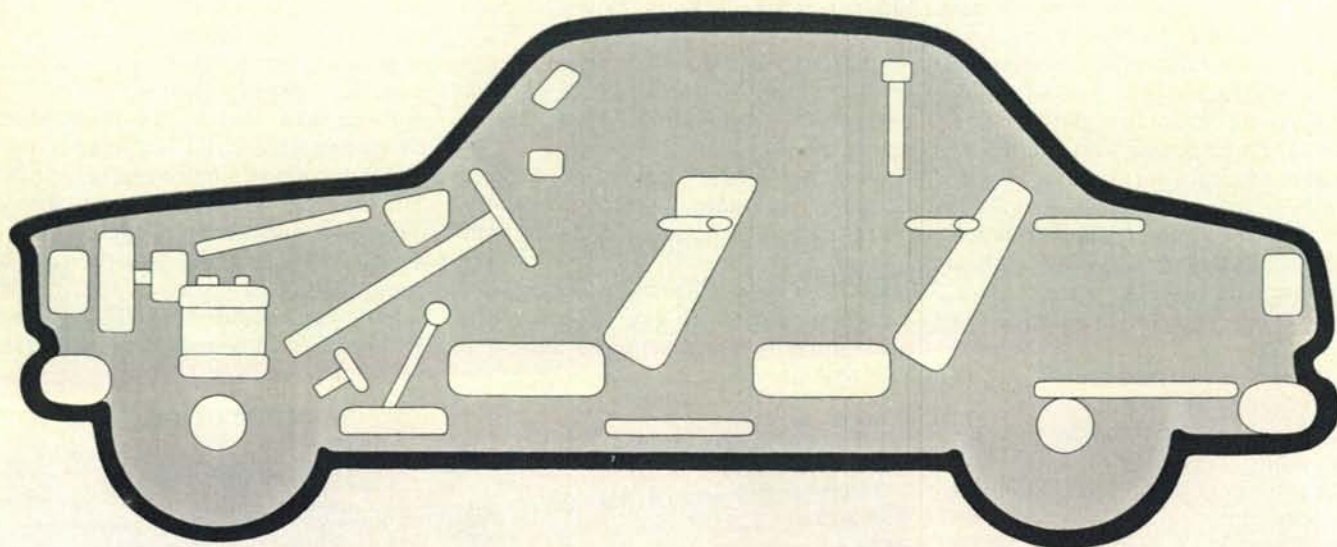
Não é muito difícil de compreender, assim, como Somoza tem conseguido garantir a fidelidade de seus soldados: além de vantagens como as que são conferidas aos oficiais reformados, ele paga regimento a tropa, ao menos pelos padrões da Nicarágua. Um recruta, por exemplo, ganha cerca de 2 000 cruzeiros por mês, um oficial chega a receber até 7 000. São quantias razoáveis se se considerar que todos os integrantes

da corporação gozam de outros benefícios, como casa, comida, roupa e assistência médica gratuitas. “Como todos os outros, eu era um menino camponês analfabeto”, contou aos jornalistas o ex-tenente Rigoberto Betancourt, de 35 anos, que se passou para o lado dos sandinistas depois de vinte anos de serviço na Guarda. “Entrei para a Guarda porque lá eu teria — como tive —, pela primeira vez na vida, três refeições por dia, sapatos, roupas, uma arma e algum respeito próprio. É por isso que alguns dos *guardias* preferem matar a própria mãe que pensar em deixar a farda.”

Além disso, para os oficiais de al-

to escalão, há grandes oportunidades de enriquecer ilicitamente. “O comandante da guarnição de Chinandega chega a tirar até 20 000 dólares por mês em subornos e comissões provenientes de prostituição, contrabando e tráfico de drogas”, denunciou outro desertor, o ex-tenente-coronel Bernardino Larios. As oportunidades não param aí. Durante o terremoto que destruiu metade de Manágua em 1972, os soldados e oficiais da Guarda descobriram um novo filão de ouro: eles saqueavam as lojas e vendiam no mercado negro o produto de seu roubo. O mesmo golpe, aliás, vem sendo aplicado em Manágua atualmente.

O uso de Polipropileno PB na indústria de autopeças influi diretamente na economia de divisas para o Brasil.



Primeiro porque diminui o peso do veículo, proporcionando menor consumo de combustível. E depois porque o Polipropileno PB é matéria prima disponível o ano todo. Fabricado pela Polibrasil, empresa nacional, não depende de importações. As peças em Polipropileno PB resistem a temperaturas até 140°C, podendo ficar bem próximas do motor. Têm grande resistência ao impacto, a graxas e agentes químicos. E oferecem excelente brilho, acabamento e rigidez. Com Polipropileno PB pode-se fazer praticamente tudo: pára-choques, caixas de baterias, pedais, aletas e caixas de ventiladores para refrigeração, bases de espelhos, maçanetas, painéis,

volantes. Uma lista que não tem fim. Constantemente uma nova peça em Polipropileno PB está sendo desenvolvida. Desenvolvendo o Brasil. Vendas e assistência técnica permanente a cargo da

Shell Química S.A.
Av. Eusébio Matoso, 891
18.º andar - São Paulo
Fone: (011) 212-0111



Fabricante do Polipropileno PB

Escritório: Av. Paulista, 807 - 19.º andar
Tel.: 284-3911 - São Paulo - Capital
Fábrica: Capuava - Mauá - SP
Tel.: 446-4000



RADIOFOTO UPI

O corpo de Galante no Joe and Mary: fora de sintonia com os novos tempos

MÁFIA

Morre o chefão

Sangue e luta pelo poder entre "famílias"

Quando a polícia chegou ao Joe and Mary Italian-American Restaurant, na Knickerbocker Avenue, no Brooklyn, Nova York, na tarde da última quinta-feira, um charuto ainda fumegava entre os lábios do cadáver de Carmine Galante. Ele tinha uma ferida a bala no rosto, provavelmente de uma pistola calibre 45, e o tiro de rifle que recebera no peito, quase à queima-roupa, teve um impacto tão brutal que o arrancou da mesa a que estava sentado e o jogou contra a parede do pequeno pátio traseiro do restaurante, onde ele almoçava ao ar livre com três outras pessoas. Dessas, só uma, não identificada, escapou com vida. Leonardo Coppola, de idade incerta, guarda-costas de Galante, e Giuseppe Turano, 48 anos, dono do restaurante, foram mortos. John, filho de Turano, de 17 anos, a primeira pessoa com quem os bandidos toparam, recebeu dois tiros de rifle nas costas e foi conduzido, em estado grave, a um hospital.

Galante, 69 anos, chefe de uma das cinco "famílias" da Máfia de Nova York e aspirante ao posto de *capo di tutti capi* da organização, tinha sido liquidado num cenário digno das execuções promovidas nos velhos tempos de Al Capone ou Lucky Luciano. O algo bucólico pátio batido de sol, pontilhado por barreiras e tomateiros, estava coelhado de sangue. Na mesa onde o chefe mafioso almoçava, coberta com uma toalha florida, havia uma salada de tomate e alface não terminada, alguns pãezinhos, pêssegos, uma jarra de

vinho. Don Carmine teve um olho perfurado a bala. Metade do rosto de Coppola, o guarda-costas, fora arrancado a tiros. A metódica violência da execução aponta para uma direção: está em curso uma luta pelo poder na Máfia. Ou seja, foram profissionais altamente especializados, a soldo de um *capo* rival, os responsáveis pelo fim de Galante.

CADILLAC PRETO — O estilo de ação dos assassinos seguiu o mesmo modelo clássico do cenário. Enquanto um Cadillac preto com dois ocupantes fechou uma travessa para deixar livre o tráfego na avenida Knickerbocker, cinco dos criminosos, usando máscaras de esqui e portando automáticas e rifles, desceram em frente ao restaurante. Três chegaram num Mercury azul e os outros dois num carro de modelo antigo que vinha atrás. Esses dois ficaram vigiando a entrada.

Os três do Mercury, então, invadiram o restaurante. John Turano, o filho do proprietário, estava no salão da frente e foi sendo empurrado para a parte de trás do restaurante. No segundo salão, os bandidos ignoraram três fregueses e

correram para o pátio. Don Galante não teve nem tempo de se levantar da mesa: ele, Coppola e Turano foram alvejados de uma distância de 1,5 metro. O jovem John tentou fugir — mas foi baleado pelas costas. E a misteriosa personagem que era o quarto comensal da mesa do Don assassinado desapareceu, ileso. Seria talvez um traidor entre o próprio pessoal do *capo* morto. À moda mafiosa, ele poderia ter revelado aos interessados o local e a hora do almoço do chefe, acompanhando-o, no entanto, para não despertar suspeitas.

"REI DA DROGA" — O crime parece ser ainda parte da luta para a sucessão de Carlo Gambino, morto de morte natural em 1976, e último dos *godfathers* que dominaram a Máfia americana nas duas décadas anteriores. Seus contemporâneos ou já morreram ou gozam a aposentadoria em fortalezas particulares no "Cinturão do Sol" americano — na Flórida, no Arizona, na Califórnia. Gambino misturava uma extraordinária malícia com tato diplomático e férrea disciplina. Com isso, ele chegou a dominar a poderosa Máfia nova-iorquina e, conseqüentemente, estabelecer sua hegemonia sobre as 21 outras "famílias" espalhadas pelos Estados Unidos.

Don Carmine Galante teve topete para divergir do próprio Gambino em vida — criticando o *capo*, por exemplo, por não querer se envolver no tráfico de narcóticos. Em 1974, ao deixar a prisão depois de cumprir pena de doze anos por tráfico de drogas, Galante, até então membro do segundo escalão mafioso, começou a escalada que o levaria a ser o "rei da droga" em Nova York: ele se apoderou do controle da "família" Bonnano, cujo chefe havia deixado os negócios para viver no ócio em Tucson, Arizona. No começo, as coisas se complicaram: Philip Rastelli, líder de outra

As "famílias" de Nova York



As "famílias" ainda conservam o nome de seus antigos chefes em décadas passadas. Thomas Di Bella, atual chefe da "família" Colombo, nunca foi fotografado.

"subfamília", teve que ser advertido com o fuzilamento de um de seus genros para deixar o caminho livre a Galante.

DISPUTA — Métodos pouco sutis foram uma constante na longa carreira criminosa desse *Don*, nascido em Nova York, filho de imigrantes sicilianos, que começou a delinquir aos 10 anos de idade e passou mais de vinte em reformatórios e prisões. "Galante vinha forçando muito a barra", diz o tenente Remo Franceschini, da polícia de Nova York, um especialista em Máfia que há anos seguia a carreira de Galante de perto, lembrando que o *capo* abertamente dizia querer controlar as "famílias" de Nova York. Para ele, Galante deve ter sido executado por ordens de Frank "Funzi" Tieri, atualmente chefe da "família" do extinto Vito Genovese. Outro especialista, Thomas Puccio, do Departamento de Justiça, acha que Galante não tinha chance de chegar ao topo. "Ele estava muito ligado ao velho sistema — agiotagem, jogo, narcóticos. Isso é muito arriscado hoje em dia para os gangsters. Ele não estava em sintonia com o tipo de extorsão 'limpa' que está mais em moda."

Galante, pois, está de fora — mas não se descarta que a disputa entre os mafiosos continue. Afinal, a Máfia tem interesses em jogo, prostituição, pornografia, agiotagem, extorsões, narcóticos e um leque de atividades legais — de creches e pizzarias e empresas de coleta de lixo, até máquinas de vender cigarro, casas funerárias e lavanderias. E tudo isso, segundo diferentes cálculos do governo americano, movimentando nada menos que 48 bilhões de dólares — ou quatro vezes o volume anual de exportações do Brasil. •

INGLATERRA

O Estripador-II

Um novo maníaco repete o legendário criminoso

George, vou atacar de novo", dizia a voz pausada. "Pode ser em setembro, ou outubro... ou mesmo antes." A mensagem foi dirigida a George Oldfield, o corpulento subchefe do setor de crimes da polícia de Yorkshire, no nordeste da Inglaterra. E sua gravação foi transmitida pela televisão a milhões de pessoas em todo o país, solicitadas a reconhecer o dono da voz. Uma vez mais, a polícia britânica estava às voltas, na

semana passada, com um de seus maiores adversários e o aterrorizador-mor da opinião pública — a versão moderna de Jack, o Estripador, o famoso assassino que, em 1888, colocou em pânico o East End de Londres, com sua sucessão de crimes sádicos.

O novo estripador, de um ponto de vista, já superou seu antecessor — em número de vítimas. No século passado, pelo menos sete mulheres foram mutiladas pelo lendário assassino. O novo Jack já matou onze. As similitudes, porém, oferecem os mesmos contornos horríveis. Tal como o primeiro estripador, o de Yorkshire viola e mutila horivelmente suas vítimas — todas



O Estripador original: ainda um mistério

brutalmente espancadas e, depois, esquarterjadas. Ele não chegou, é verdade, ao requinte do Jack original, que um dia mandou embrulhado o seio de uma de suas vítimas para o chefe de polícia da época, e que abria sistematicamente o ventre das mulheres atacadas, remexendo em suas vísceras. Mas também tem o hábito de escrever cartas aos encarregados das investigações. E, apesar do gigantesco esforço desenvolvido até agora pela polícia britânica, sua prisão parece remota — fazendo temer, até, que ele repita o outro Jack, que nunca foi identificado.

SALIVA — Para descobrir o novo Jack, foram mobilizados nada menos que 500 policiais, sob o comando de George Oldfield, que trabalha uma média de 15 horas por dia. E, até a semana passada, as investigações já tinham consumido a mirabolante quantia de 3 milhões de libras (cerca de 174 milhões de cruzeiros). Desde o apareci-

mento da primeira vítima, quatro anos atrás, a equipe comandada por Oldfield ouviu nada menos que 200 000 pessoas, ao longo de 270 000 horas de trabalho. E já tem em seus arquivos 350 000 fichas com informações de todo tipo vindas do público.

Uma das principais dificuldades da polícia parece ser o fato de que o novo Jack não atua apenas numa única cidade. A primeira vítima, Wilma McCann, de 28 anos, mãe de quatro filhos, foi encontrada morta perto de sua casa na cidade de Leeds, na madrugada de 30 de outubro de 1975. Outros corpos também seriam encontrados depois em Leeds. Mas a polícia também descobriu

mulheres mutiladas em cidades como Preston, Bradford, Manchester e Halifax. Ao todo, o novo estripador já atacou quinze mulheres. Mas quatro delas conseguiram escapar com vida, mesmo brutalmente feridas — aparentemente o estripador, nessas ocasiões, fugiu, temendo a aproximação de outras pessoas.

Seu último ataque ocorreu há apenas dois meses, em Halifax

— e levou a polícia a alertar todas as mulheres da região, pois a vítima não era, como de hábito, uma prostituta. Quase irrepreensível em seus cuidados para ocultar sua identidade, o novo Jack terá cometido, porém, alguns descuidos que não escaparam à atenção cada vez mais requintada dos investigadores. Por exemplo, pela saliva que usou para colar os selos nas cartas enviadas a George Oldfield, a polícia descobriu que ele é um homem de grupo sanguíneo raro. A partir das pegadas que deixou junto a uma de suas vítimas, os policiais conseguiram ainda uma idéia de seu peso. E, tanto pela caligrafia como por sua voz, decididamente do norte inglês, acredita-se que se trata de alguém de inteligência acima da média, embora não possuidor de cultura acadêmica. Resta saber se isto ajudará a chegar até o novo Jack — antes que ele se transforme num mistério tão impenetrável como o de seu inspirador, no século passado. **JADER DE OLIVEIRA**

**Vamos ganhar
essa guerra.
Use mais
o telefone
e economize
combustível.**



Telecomunicações de São Paulo S.A. - Empresa do Sistema Telebrás.

O que mudou?

Arafat busca nova imagem, mas o terror ataca

O chanceler austríaco Bruno Kreisky nunca foi uma personagem querida em Israel. Anos atrás, a ex-primeira-ministra Golda Meir confessou abertamente: "Diante dele, fico furiosa. Kreisky não parece um judeu, não parece um socialista, não parece mesmo um ser humano. É um monstro". Kreisky, na ocasião, cederia à exigência de terroristas palestinos que haviam seqüestrado um trem em território austríaco, e ordenara o fechamento de um centro de triagem para os judeus vindos da URSS a caminho de outros países do Ocidente ou de Israel.

As relações entre Israel e Kreisky pioraram ainda mais após a eleição de Menahem Begin para a chefia do governo de Israel, em 1977. "Que desastre", comentou então Kreisky. "Este homem faz política com o estilo de um quitandeiro." Na última semana, porém, as desavenças com Kreisky chegavam a um zênite: o chanceler austríaco recebeu em Viena, com honras de chefe de Estado, ninguém menos que Yasser Arafat, o detestado líder da Organização de Libertação da Palestina. Durante sua estada de dois dias na Áustria, Arafat pôde ainda entrevistar-se com o chefe do Partido Socialista da Suécia, o ex-primeiro-ministro Olof Palme, e com o presidente da Internacional Socialista, o alemão Willy Brandt — que afirmaria, depois, considerar "contraproducente" toda tentativa para isolar a OLP das negociações de paz.

NOS "SALÕES DE VIENA" — A primeira reação de Begin foi chamar para consultas o taciturno embaixador de Israel em Viena, Yacov Doron, e entregar ao embaixador da Áustria em Telavive, Peter Wilfling, uma nota de protesto, redigida de próprio punho, na ausência do chanceler Moshe Dayan, que no momento se restabelece da extirpação de um tumor maligno no intestino. "Begin ficou à beira de um terceiro enfarte",

comentou um seu colaborador. Mas isto não o impediu de convocar uma sessão extraordinária da Knesset, o parlamento, e fazer aprovar, por 80 votos contra 5 e 3 abstenções, uma resolução denunciando a iniciativa de Kreisky como "um estímulo ao terrorismo".

Votaram contra os quatro deputados comunistas e o independente de esquerda Uri Avneri — que tomaria, depois, a iniciativa de telefonar para Viena e pedir desculpas a Kreisky. Além disso, numa entrevista, Avneri comentou: "Na verdade, Begin está com medo. Ele teme que Arafat declare publicamente a disposição de coexistir com Israel e que, freqüentando lugares bem-comportados como os salões de Viena, ofereça ao mundo uma imagem mais moderada".

ATENTADO — O líder da OLP não chegaria a tanto. Mas, ao término de sua visita, Kreisky afirmou "não haver



Arafat, com Kreisky e Brandt: reconhecendo Israel?

dúvidas" de que Arafat reconhecia, na prática, o Estado de Israel. A mesma ênfase seria dada pelo ex-primeiro-ministro Olof Palme, que se sentou ao lado de Arafat no banquete de despedida em Viena. "De suas palavras", concluiu Palme, "é possível deduzir que a OLP se dispõe a reconhecer Israel."

Um radical fato novo parecia, assim, configurar-se nas negociações de paz no Oriente Médio. Um fato novo? No final da semana, um comando terrorista invadiu a embaixada egípcia na Turquia e ameaçou fazer voar tudo pelos ares, em novo atentado destinado exatamente a boicotar as negociações de paz. O comando, é verdade, pertence a um grupo pouco expressivo no movimento palestino — os "Águias da Revolução", uma facção independente da *Saika*, que é, por sua vez, um grupo dissidente submisso à Síria. Mas, por ironia, são os mesmos que, seis anos atrás, fizeram Kreisky fechar o centro de triagem.

Crise de bebês-1

Apesar de ter a economia mais próspera do planeta, a Alemanha Ocidental está teoricamente condenada, a longuíssimo prazo, a desaparecer como nação. Esta é a conclusão que se pode tirar dos estudos realizados por Hans Jürgens, professor da Universidade de Kiel. Segundo Jürgens, de 1965 para cá o número anual de nascimentos na Alemanha caiu de 1 milhão para cerca de 500 000. A taxa de natalidade média por casal é de 1,4 — menos de dois filhos, portanto —, enquanto a considerada desejável seria de 2,3. Assim, projetada a atual situação para o futuro, os atuais 61,3 milhões de alemães seriam apenas 12 000 no ano 3 000.

Crise de bebês-2

Até quando poderão os 4,5 milhões de brancos da África do Sul manter sua supremacia sobre a população negra de 19 milhões? Preocupada com esta questão, a Broederbond ("Irmandade"), uma sociedade secreta à qual se acredita pertença a maioria dos altos funcionários do governo sul-africano, já encontrou uma fórmula salvadora para a minoria branca: fazer mais bebês. Segundo documentos sigilosos da organização obtidos pelo jornal Sunday Times, de Joanesburgo — e que começaram a ser publicados, apesar da severa censura à imprensa existente no país —, a Broederbond está encorajando cada família branca a ter "pelo menos" seis filhos, triplicando sua média atual, considerada "muito baixa". Além disso, a organização sugere que o governo estimule a imigração de "brancos conservadores" do exterior e realize uma intensa campanha para limitar o índice de crescimento da população negra.

"Os índios falam?"

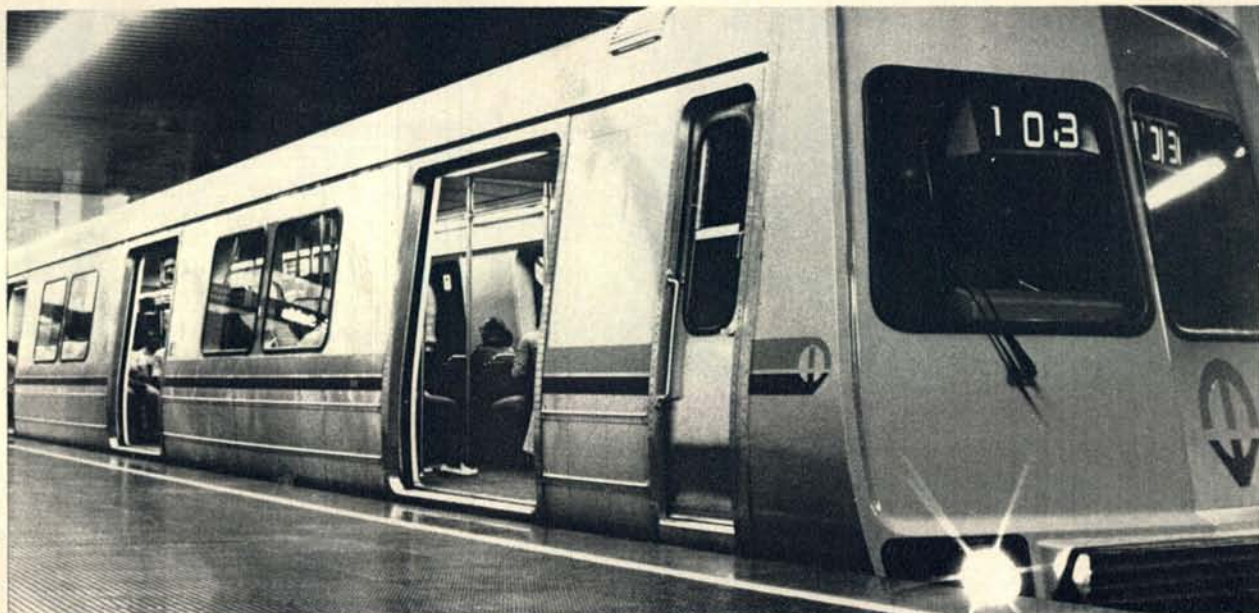
Durante recente exposição agrícola americana em Kishinev, na República soviética da Moldávia, algumas perguntas feitas por cidadãos soviéticos aos visitantes americanos ilustram amplamente o grau de desinformação existente na URSS a respeito dos Estados Unidos. Alguns exemplos, colhidos por um correspondente do jornal The Christian Science Monitor:

— É verdade que os americanos comem carne artificial à base de madeira?

— Existem leis nos Estados Unidos?

— Os Estados Unidos ficam situados ao lado de Israel?

— Os índios americanos sabem falar?



O porteiro do Metrô.

Sabe quem vai cuidar do ingresso, velocidade e condições de ambiente dos trens do Metrô carioca?

Oito computadores Digital.

Mas antes de entrar no Metrô do Rio, a Digital já conhecia muito bem o de São Paulo: quatro de seus computadores controlam a bilhetagem e os testes de composições do Metrô paulista. Sem margem de erro.

Se você quiser mais informações sobre o desempenho dessas máquinas maravilhosas, é só colher impressões em algumas das maiores empresas

do Brasil, onde mais de 300 computadores Digital trabalham.

Exemplos: Furnas, Usiminas, Varig, Inpe, Embratel, Serpro, Telebrás, Aeroporto Internacional do Rio e 18 universidades brasileiras.

Se ainda parece pouco, a Digital pede licença para dizer que

já instalou mais de 135.000 computadores no mundo inteiro.

E que por isso mesmo é a segunda empresa mundial em número de computadores instalados.

Mas importante mesmo para a Digital são as soluções inovadoras e criativas que ela traz com seus sistemas.

Ela sempre usou o processamento distribuído, que fornece informações e respostas nos locais onde são requeridas, da maneira mais rápida possível. E rapidez com adequação, em processamento de dados, significa economia de tudo.

A Digital desenvolveu uma linha

de equipamentos simples, baratos e eficientes, do tamanho exato das necessidades de sua empresa.

Computadores sob medida, que tanto cuidam da velocidade do Metrô quanto da rapidez dos seus negócios.

Av. Augusto Severo, 156 A e B - Lapa - Tel.: 221-9022 - Rio de Janeiro - RJ - CEP 20021.

Av. 9 de Julho, 3741 - Jardim Paulista - Tels.: 280-4655 - 852-1850 - São Paulo - SP - CEP 01407.

digital

Mais soluções por cruzeiro investido.





Madre Teresa: "Nossa missão é ajudar os pobres mais pobres"

Religião

Irmã dos pobres

Madre Teresa, de Calcutá para os Alagados

Em linha reta, o Atlântico, o Índico e o continente africano separam Salvador, na Bahia, de Calcutá, na Índia. Mas, na tarde chuvosa da última sexta-feira, arrastando suas sandálias de couro cru, passeando seu sari branco pelo lamaçal, entre as palafitas de Alagados, em Salvador — a gigantesca favela urbana onde vivem 100 000 pessoas —, a missionária iugoslava Inês Gonnxa Bouazhiu, 69 anos, a célebre madre Teresa de Calcutá, dizia sentir-se em casa, entre sua gente, os pobres. Capa das revistas *Time* e *Paris-Match* em dezembro de 1975, indicada, naquele ano, para o Prêmio Nobel da Paz pelos seus cinquenta anos de trabalho junto aos pobres da Índia e de outros países do Terceiro Mundo, ela está na Bahia desde quinta-feira passada. E nesta terça, quando embarcar para a Argentina, deixará implantada em Alagados a primeira casa no Brasil da Ordem das Missionárias da Caridade — irmandade que madre Teresa fundou há 29 anos e que hoje, em 155 conventos espalhados pelo mundo, congrega 1 800 irmãs e 400 noviças.

"Nossa missão no mundo é ajudar os pobres mais pobres", repete exaustivamente madre Teresa. Arredia à imprensa, lacônica em seu inglês arrevesado, ela diz trabalhar oito horas por dia entre os miseráveis de Calcutá e ora, "sem descanso, pelo resto do dia". Como as

irmãs e noviças da sua ordem, não escuta rádio, não assiste à televisão e pouco lê jornais. Como elas, "os únicos bens materiais que tenho na vida são dois saris e um par de sandálias". Não aceita recursos da Igreja nem de governos, "só de pessoas anônimas que rem nos ajudar". Por isso, no sábado, quando visitou oficialmente o cardeal Avelar Brandão Vilela, madre Teresa recusou delicadamente a ajuda financeira que a arquidiocese lhe oferecia. Afinal, ela, certa vez, já recusara uma limusine que o papa Paulo VI lhe dera: preferiu rifá-la e empregar os 500 000 francos apurados — cerca de 2,7 milhões de cruzeiros — em suas obras assistenciais.

Sua vinda a Salvador nasceu de um convite que dom Avelar lhe fez, em setembro passado, em Roma, para instalar em Alagados uma das casas da sua congregação. "Convidei-a", explica o cardeal, "porque não conheço testemunha maior de amor aos mais humildes." Em janeiro deste ano ele recebeu a confirmação da vinda de madre Teresa e, há dez dias, acolheu as quatro religiosas (duas indianas, uma americana e uma inglesa) que formarão o núcleo inicial da irmandade no Brasil. Nos próximos anos, pelo menos mais quatro casas deverão ser abertas noutros Estados. Muito sorridente, ela dedicou-se neste fim de semana a visitar Alagados para escolher o melhor local, entre as palafitas, para erguer o casebre de madeira que abrigará suas irmãs. E, a quem lhe perguntava sobre o que pensava do que estava vendo, ela só dizia: "Vejo filhos de Deus e estou feliz por me encontrar no meio deles". ●

MORRERAM: o jornalista e compositor **SÉRGIO FREITAS BITTENCOURT**, aos 38 anos; filho do músico Jacob do Bandolim, Bittencourt tornou-se conhecido como compositor em 1968, a partir do sucesso de sua música "Modinha", com a qual venceu o festival O



Bittencourt

Brasil Canta no Rio; como jornalista, escrevia colunas de amenidades em revistas e jornais, além de produzir programas e integrar júris de calouros na TV, onde se destacava pela defesa intransigente da música popular brasileira; de enfarte e aneurisma cerebral; dia 9; no Rio;

■ o maestro americano **ARTHUR FIEDLER**, aos 84 anos; condutor nos últimos cinquenta anos da Orquestra Sinfônica de Boston, também conhecida como a Boston Pop's, que popularizou a música erudita nos Estados Unidos apresentando-se em parques ou mesmo nas ruas; vendeu centenas de milhares de discos; era considerado "popularesco" pela maioria dos críticos; dia 10, em Brookline, Massachusetts, de um ataque do coração.

AUTORIZADOS: pela Administração Federal de Aviação dos Estados Unidos, os vôos dos aviões DC-10 sobre território americano; após 37 dias de interdição, em consequência das investigações sobre o maior acidente aéreo ocorrido no país: no dia 25 de maio, um DC-10 caiu logo após decolar de Chicago, causando a morte de 273 pessoas; dia 13; em Washington, EUA.

INDICADO: pelo presidente italiano, Sandro Pertini, para a chefia do governo, o secretário do Partido Socialista Italiano, **BETTINO CRAXI**, de 45 anos; é a primeira vez, desde 1945, que um socialista recebe o encargo de formar o governo; dia 9; em Roma.

DISSOLVIDO: pelo presidente português, Antônio Ramalho Eanes, o primeiro Parlamento eleito democraticamente em Portugal após a queda da ditadura salazarista; a decisão provocará a antecipação, para outubro deste ano, das eleições marcadas para 1980; nos últimos quatro meses, Portugal teve quatro governos; dia 13; em Lisboa. ●

A Iberia torna o mundo mais próximo. E Mundicolor o torna mais acessível.



A Iberia é capaz de realizar os seus pequenos e grandes sonhos de viajar e, ainda por cima, do jeitinho que você pode e gosta.

Para começar, ela está presente em 47 países e 90 cidades. Oferecendo conexões até para aquele país que não tem vôos diretos para o Brasil. Como é o caso da Grécia, Polônia, Rússia, Hungria e outros.

E a Iberia tem 5 vôos semanais que o levam diretamente à Espanha. Onde você pode escolher entre o sol quente de uma praia em Ibiza, o esporte do ski nas montanhas de Serra Nevada, ou a arte de Goya no museu do Prado. E, depois, conexões para todo o resto da Europa, Ásia, África e América.

E, nessa hora, você conta com um apoio muito grande: a Iberia coloca os serviços turísticos Mundicolor à sua disposição, pelos preços mais econômicos. Onde tudo é incluído. Desde as passagens, hotéis, refeições, excursões e translados, com a garantia da alta qualidade Iberia.

Há 50 anos, a Iberia vem fazendo amigos. Tornando, a cada dia que passa, o mundo mais próximo e sua vontade de viajar mais acessível.




IBERIA
LINEAS AEREAS INTERNACIONALES DE ESPAÑA

HÁ MAIS DE 50 ANOS FAZENDO AMIGOS.



N. M. PASSOS

Regina Duarte e Paulo Figueiredo, numa noite de junho, pela primeira vez: um momento inesquecível

Especial

A viajante solitária

*Os caminhos da liberdade de "Malu Mulher",
a nova heroína da televisão, e a vida de um grupo
cada vez maior: o das mulheres descasadas*

De repente, a socióloga Maria Lúcia, a "Malu", começou a colher as sementes que plantou no dia em que se separou de "Pedro Henrique", há menos de dois meses. Na semana passada, por exemplo, ela já passara por episódios traumatizantes ao se envolver num caso de aborto; teve que resolver o destino da avó materna, desprezada por toda a família; e, finalmente, recebeu em casa nada menos que a melhor amiga e a própria mãe, ambas dispostas a despachar seus respectivos maridos e partir para uma vida nova. "Ser livre não é isso", aconselhou Malu às trôpegas aspirantes a descasadas. "Tenham juízo." Esses exemplos de bom senso, sociabilidade e calor huma-

no ajudaram a retocar o retrato da principal heroína — digamos assim — da televisão brasileira de hoje. Afinal, numa noite de junho, por volta de 10 e meia da noite, Malu foi vista por milhões de testemunhas entrando na bonita casa de praia de um amigo, em Ubatuba. De dia ela havia depilado pernas e axilas, lavado os cabelos, exercitado ao telefone um tom de voz insinuante de promessas e de esperanças. De noite, dirigiu-se à cama do amigo, fez alguns rodeios, deitou-se — e, diante de uma platéia consternada e aflita, fracassou miseravelmente. Mas por pouco tempo. Antes de 11 da noite, enlaçada pelos braços, pela compreensão e pela competência do amigo, ela voltava à cama

para uma nova batalha de carícias.

MOMENTO DE ÊXTASE — Ainda aflita, quem sabe roendo as unhas numa torcida surda ou numa condenação silenciosa, a grande platéia plantada diante dos aparelhos de TV viu então uma cena extraordinária: a mão de Malu, primeiro crispada, soltava-se e abria-se numa prova de que o orgasmo finalmente explodia no vídeo nacional. Não se sabe a extensão de insônia e euforia que este momento de prazer provocou dentro dos lares. Mas descobriu-se que Malu, como sua intérprete Regina Duarte, a "Namoradinha do Brasil", e como a própria televisão não seriam mais as mesmas.



FOTOS WALTER FIRMO

Com Dênis Carvalho, gravando

Esta noite de êxtase de Regina Duarte diante das câmaras marcou o momento mais intenso, mas não o único, do seriado "Malu Mulher", o mais discutido e até agora o mais bem-sucedido dos quatro que a Rede Globo lançou em maio para substituir os enlatados estrangeiros. Em todos os sentidos, dentro e fora de um estúdio de televisão, esses episódios de toda quinta-feira marcaram encontro com alguns dos temas mais caros (e apesar disso esquecidos) que estabelecem os limites entre puro divertimento e realidade pura: a solidão, o medo de envelhecer, os tabus de família, os planos de sepultar a vida antiga e começar tudo de novo.

Por tudo isso Malu recebeu, na última quinta-feira, o apelido de "Subversiva" — nome do episódio e das ações que ela estaria desencadeando na imaginação de outras pessoas. "Não tenho obrigação de te satisfazer todas as noites", esbraveja "Gilda" (Lúcia Alves) para o marido "Amorim" (Ricardo Petraglia). "Casamento é um saco", grunhe Pedro Henrique (Dênis Carvalho), morto de sono, ao ser acordado por Amorim. Já Malu, filosofando na noite do sábado em que a história se passa (para terminar no domingo), espanta-se: "Minha casa, albergue das liberadas!"

"CHUMBO GROSSO" — Na Globo, que pagou para ver no que ia dar seu projeto mais delicado, o ambiente é de euforia: "Malu Mulher" está em primeiro lugar de audiência no Rio de Janeiro, com 52 pontos, em segundo em São Paulo, com 49 (um pouco abaixo de "Carga Pesada"), empata em Brasília com "Plantão de Polícia", ganha em Belo Horizonte e no Recife só perde para "Aplauso". O programa, por certo, tem sofrido alguns ataques. Quase uma seção inteira de cartas do *Jornal do Brasil*, há duas semanas, foi ocupada por leitores que expressaram suas "repugnâncias" ante um episódio que tratou de aborto. A hoje semi-obscura Tradição, Família e Propriedade (TFP) animou-se a sair das catacumbas para atacar o seriado pelos programas de rádio. E mesmo entre a equipe que gerou e pôs "Malu" no mundo as coisas não são tranqüilas.

Os primeiros episódios, por exemplo, jamais levados ao ar, trombaram com o próprio superintendente da Globo, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, que achou as amostras iniciais adocicadas demais e exigiu "chumbo grosso".

Depois, os autores de "Malu" iniciaram uma *via crucis* de desentendimentos e uma das três mulheres contratadas, a teatróloga Consuelo de Castro, afastou-se por motivos de "incompetência e incapacidade de conciliar suas atividades profissionais com as de mãe de família", segundo se resmungou nos corredores da Globo. Outra mulher, a teatróloga e poetisa paulista Renata Pallottini, não está encontrando tempo

de ir ao Rio regularmente. Sozinha entre quatro homens, Lenita Plonczynska, 38 anos, desquitada, vivendo há dez anos com o cineasta Domingos de Oliveira, está achando tudo muito difícil. "Tem muita cabeça masculina pensando em vários níveis, na produção, na direção, um mundo quase impenetrável para os pensamentos femininos", diz ela.

DE PRISÃO EM PRISÃO — O mundo dos criadores de "Malu" antecede, assim, as dificuldades que a personagem vai enfrentar a cada capítulo. Segundo Lenita, os homens da equipe ficavam muito preocupados com o fato de eles também terem problemas e demoravam a aceitar que a série é para mulheres. O ator e diretor Dênis Carvalho, 31 anos (desquitado duas vezes), adverte para o perigo de que as histórias se tornem "feministas, panfletárias e maniqueístas". Ele se defende: "Seria legal se a gente abordasse o tema do homem desquitado, que deixa o apartamento comprado a duras penas para a mulher, aluga um quarto e sala, e ainda tem que começar tudo de novo". Armando Costa, 46 anos, solteiro, autor de dez roteiros de cinema, atua como poder moderador: "Basta o homem não ser mal-informado nem machista". Mas prega reformas urgentes para "Malu": ela ganha apenas 7 000 cruzeiros de pensão e vai precisar trabalhar, suas roupas têm que ser menos sofisticadas. Dênis Carvalho impõe: "Ela não pode ser estuprada, fazer aborto e ser assaltada em episódios seguidos". E proíbe: "Mas



Autores: Flávio Marinho, Lenita, Euclides Marinho e Armando

também não pode ficar ditando regras, sendo uma supermulher, como vem acontecendo”.

Pobre Malu, desquitada de 32 anos, mãe de uma garota de 12, recém-separada do marido para submeter-se à dominação dos roteiristas que tecem as linhas de sua vida. Mas não seriam justamente essas as maldições que pesam sobre qualquer mulher como ela? Entre a vida de Malu e a de Regina Duarte, por exemplo, há tantas semelhanças que seria ingênuo pensar em meras coincidências, como nos filmes antigos: as duas têm a mesma idade, são descasadas, têm uma situação econômica relativamente estável, declaram-se inseguras e perplexas diante da vida.

DUAS FACES — Além disso, o nome Malu foi escolhido pela própria Regina, como símbolo de um ciclo de sua vida pessoal e artística que ela acredita encerrado. Também se chamava Malu sua personagem de “A Deusa Vencida”, de 1965, sua estréia na televisão, uma jovem que sofria de leucemia e passava a novela inteira se despedindo da vida e dos outros. Catorze anos depois, as duas Malu, na pele da mesma atriz, podem ser vistas como as duas faces de uma mesma moeda — a da “Namorada do Brasil” e da crença na eterna felicidade prometida pelo casamento, de um lado, e a da defensora da demo-



IRMO CELSO

Rail Guirar: orientando, e com experiência própria

cracia e da integridade individual, de outro. É, ainda, a oposição da criatura forjada nos tempos do “milagre” e da censura a esta outra, fruto de desilusões. Por fim, a mesma Globo que construiu a Regina-Namoradinha procura agora esculpir a Regina-Descasada. “A Malu de hoje é melhor que eu”, diz Regina. “Está na minha frente.”

Está na frente, também, segundo desconfiam seus próprios autores, da imensa maioria de espectadoras, descasadas ou não, que a cada semana se sentam diante do aparelho de TV mais ou me-

nos na esperança de quem se sinta diante de um espelho. O número de mulheres separadas no Brasil — cerca de 600 000, segundo o único e já ancestral levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, de 1970 — é bastante grande para garantir ao programa uma audiência significativa. Mas é também significativo que seus dramas e suas aspirações apenas circunstancialmente nasçam do fato de serem descasadas. Malu, na verdade, não se esgota na perda de um marido. Por isso, assunto não vai faltar ao ainda de-

Diário de uma mulher descasada

Nas últimas semanas, depois que Malu viveu uma esplêndida relação sexual nos vídeos e participou de um episódio brutalmente real sobre o aborto, VEJA procurou em locais públicos e consultórios de médicos, sociólogos e terapeutas um perfil da descasada brasileira e suas desgraças. Eis algumas constantes:

■ Sair sozinha à noite é um problema que todas as mulheres desacompanhadas se queixam. Em lugares mais finos, ou mesmo nos menos finos, costumam ser confundidas com prostitutas. Quando tentam guardar seu carro e perguntam a que horas o estacionamento fecha, podem ouvir: “Por quê? As bonecas vão cair na farra?” Podem acabar estacionando na rua.

■ Uma frase-padrão da descasada re-

cente (um ano de separação): “Os homens com que tenho convivido são autoritários e possessivos, e com isso não me acostumo mais”.

■ A dependência financeira prende a mulher ao casamento. Em sua imaginação, ela não acredita poder encontrar um companheiro melhor para ela.

■ A separação hoje é aceita e aprovada como um direito da mulher.

■ A descasada é mais exigente sexualmente. Queixas contra o “homem fraco” — não só sexualmente — são comuns nos consultórios. Poucas têm consciência dos motivos dessa fraqueza. Algumas acham que são as mulheres que enfraquecem o homem, antecipando-se a ele e transformando-o num chefe sem personalidade.

■ A separação costuma ser um processo tão duro que a mulher veste uma couraça, o que dificulta sua possibilidade de encontrar outro companheiro.

■ A mulher descasada tem os mes-

mos problemas da mulher casada, somados a outros. Suporta ainda a interferência do ex-marido em sua vida afetiva.

■ A descasada judicialmente não fica obrigada ao dever da fidelidade. Alguns juízes já vão entendendo que o fato de ela ter relações com outros homens não impede que continue a receber a pensão paga pelo ex-marido. Essa pensão só cessa se ela for viver permanentemente com outro.

■ Quando uma mulher descasa sem ter profissão, sua situação torna-se triplamente angustiante: sofre uma brutal queda de status, volta para a casa dos pais e aceita emprego compatível com sua não-qualificação.

■ A grande maioria das descasadas sem profissão foi abandonada pelo marido; as descasadas que trabalham tomam a iniciativa da separação.

■ A descasada sofre por deixar de frequentar amigos (principalmente casais) que tinha quando era casada, por deixar de ser convidada.

sunido grupo de autores se eles optarem por um programa estritamente realista, ou até naturalista, se quiserem.

"MAL-ENTENDIDOS" — Uma outra noite na vida de uma descasada, tomada por acaso, pode mostrar o roteiro seguido pela paulista Rail Aued Guirar, hoje com 31 anos, que na sexta-feira Santa de 1977 decidiu sair definitivamente de casa, deixando para trás marido e três filhos. Ela fez reserva no hotel Caesar Park (classe A), mas foi barrada com esta explicação do gerente: "Não aceitamos mulher desacompanhada". Dirigiu-se então ao Brasilton (classe idem), onde a cena se repetiu. Acabou hospedando-se num terceiro hotel, o Boulevard (idem), e as explicações que se seguem resumem toda a carga de preconceitos que conduzem esse tipo de situação a um absurdo beco sem saída.

Um gerente do Caesar Park, José Amaral Latte, 25 anos, solteiro, desmente: "Tenho que duvidar do fato". A mesma incredulidade é demonstrada por Thereza McCormick, 35 anos, casada, relações públicas do Brasilton — embora ela mesma admita que já foi obrigada a esperar por sua companhia fora das dependências do restaurante Clark's. "Aqui?", surpreendeu-se por sua vez o *maitre* do Clark's, Claudinor da Costa, 30 anos. "Deve ter sido um mal-entendi-

do. Nossa casa é como coração de mãe. Sempre cabe mais uma."

"UMA BÊNÇÃO" — Nos bares, restaurantes e hotéis, enfim, a discriminação raramente é admitida, embora exista, e raros têm a coragem do garçom do elegante Bar Baiúca, em São Paulo, que declarou às arquitetas Marta Huck, 31 anos, desquitada, e Marlene Acayaba, 29 anos, casada: "Mulher desacompanhada não entra porque senão as prostitutas também entram". Uma explicação tranqüilamente endossada por um dos sócios do Baiúca, Eraldo Funaro, 57 anos, casado, que não vê motivos para uma mulher sair sozinha. "A mulher simpática e inteligente, com boas relações, sempre terá amigos ou pessoas de sua família que a convidam para sair", imagina ele.

Ninguém quer argumentar em porta de bar que tudo isso é ilegal (além da legislação que confere igualdade de direitos aos dois sexos, tramitam no Congresso 22 projetos a favor da mulher). Por isso muitas dessas mulheres que não têm aonde ir saúdam como "uma bênção" a existência de lugares, geralmente modestos, como o Sambão, no bairro paulistano de Moema, onde elas podem tomar chope e comer pipoca sem ser incomodadas. As conversas ali giram em torno de um outro tempo, quase um outro mundo: a educação



N. M. PASSOS

Maria Inácia: amostra-surpresa

rígida, o arrependimento pela separação que não veio antes, o problema de acabar tendo que "fazer as coisas" longe dos filhos. Algumas se consideram "desiludidas, mas esperançosas", quanto a um futuro casamento. Mas ouviram-se muitas palmas na noite em que os alto-falantes da casa anunciaram um noivado entre um casal de frequentadores.

Um lugar perfeito se não fosse, enfim, um outro detalhe inibidor, contado por Dora de Oliveira, 53 anos, separada, três filhos e cinco netos, *habituée* do Sambão. "Se a gente telefona reservando mesa, eles não guardam o lugar", queixa-se ela. "Dão preferência aos homens, que tomam mais uísque. Mas, se a gente gasta 94 cruzeiros e paga com uma nota de 100, e não pede troco, por que nos discriminam?"

RAINHAS DO LAR — Foi para tentar administrar todas essas frustrações e conclusões que Rail Guirar, aquela mesma que perambulou pelos hotéis na noite em que saiu de casa, abriu há dez meses uma firma, a Femina Consultoria e Assessoria, que ela define como "uma central de prestação de serviços, especializada em orientar a mulher sobre seu novo papel na sociedade moderna". A primeira consulta (preço: 600 cruzeiros) geralmente remete a aspirante a descasada a um bom advogado, pois Rail acredita que a maioria delas tem "uma visão masculina e age como



IRMO CELSO

No Sambão: as expectativas

■ Sofre por ser vista como "um perigo" pelas mulheres ainda casadas.

■ Sofre por enfrentar, sozinha, a responsabilidade de conduzir a educação dos filhos.

■ Sofre por conviver com o preconceito dos outros, os próprios e os dos filhos; e levar, perante filhos e parentes próximos, uma vida de semiclandestinidadade.

■ Sofre por ignorância de seus direitos: do momento em que se estipula a pensão, por ignorar de quanto precisará realmente, à dúvida se pode ou não continuar usando o nome do ex-marido (em separações amigáveis, pode).

■ Sofre nas mãos dos comerciantes, especialmente mecânicos de automóveis e donos de restaurante.

■ Sofre por voltar para casa, à noite, e encontrar tudo como deixou de manhã.

■ Sofre porque, quando um homem se separa, sempre encontra uma mulher que o ajuda a escolher os móveis para a nova casa.

se aquilo que o marido está dando é um favor". Especialistas em assistência financeira e psicológica trabalham também para a firma porque a mistura de leis, cifrões e sentimentos com que os casais geralmente se enlaçam é tão forte que desatar uns dos outros é coisa para especialista.

Na verdade, a mulher começa a descasar durante o próprio casamento — principalmente se, no momento em que um e outro assumem o compromisso de dividir tudo, a partilha já é em princípio injusta. Isso talvez explique o fato de a maioria das mulheres que pedem separação ter um trabalho fixo e depender menos do marido que uma outra que investiu tudo no casamento. Há uma sutileza (um pouco elephantina, é verdade) na base do comportamento do marido que proclama: "Quem manda em casa é minha mulher". Sílvia Pimentel, 39 anos, desquitada há seis, professora de Introdução ao Estudo do Direito na PUC de São Paulo, localiza aí uma técnica que visa basicamente a transformar a mulher em administradora do orçamento familiar.

Por isso o descasamento só ocorre depois de uma declaração formal de guerra, e esta guerra é ainda a velha guerra entre sexos. A mulher manda mais quanto menor for o orçamento doméstico; ela passa a ser realmente a "Rainha do Lar", a "Dona de Tudo", e seu avental todo sujo de ovo prova em cores berrantes sua função de gerente da escassez. É um triste fim de linha: "A mulher descasada brasileira não tem o charme de Regina Duarte", diz Sílvia Pimentel. E muito menos o de Jill Clayburgh, a mulher do filme, "Uma Mulher Descasada", matriz não-disfarçada do seriado brasileiro.

CONSERVADORISMO — Acrescenta-se a isso o fato de que a mulher geralmente percebe antes do marido que o casamento vai mal. Ainda mais, que toma a iniciativa de procurar advogado para em seguida, arrependida, considerar esse gesto uma "traição". E que não faltam também algumas contradições nesse mundo de "coitadinhas", como tentam mostrar algumas análises. Maria Inácia d'Ávila Neto, 36 anos, desquitada e psicóloga social, acha, por exemplo, que as mulheres tendem a discordar da possibilidade de ter opinião própria ou direito a uma profissão.

Baseada nas 1 200 pessoas que entrevistou em Brasília, 40% delas do sexo feminino, constatou que as mulheres são mais radicais que o homem na competição para ver quem é mais con-

servador: 95% de suas personagens simplesmente acreditam — e isto na capital da República — que as mulheres desquitadas não devem ser respeitadas.

"Elas adotam posições do grupo dominante rejeitando o grupo minoritário a que na realidade pertencem", analisa Maria Inácia. Uma conclusão no mínimo tão atordoante quanto a do conhecido advogado Haroldo Lins e Silva, especialista em Direito de Família, que já realizou 8 000 desquites em seus trinta anos de carreira e que acredita, ao contrário de outras pessoas, que o fato de a mulher trabalhar não é um fator de independência, mas de dependência. "Acho que o fato de a mulher ter-se emancipado a faz viver em nível de igualdade com o marido, contribuindo para consolidar a instituição do casamento", conclui ele.



FOTOS DEDOC

UMA E OUTRA — Toda essa trama que encaminha a vida das descasadas brasileiras encarna-se, de maneira exemplar, na "Malu" das quintas-feiras, ou mais exatamente em Regina Duarte — a moça de quem se espera exatamente aquilo que ela faz. Regina não é uma atriz, é uma estrela, isto é, alguém com quem o público se identifica a um tal ponto em que toda noção de realidade e fantasia se esvai. Além disso, Regina Duarte — com suas 300 cartas de fãs por semana — é realmente tudo que finge ser em cena. Filha de pais pobres do interior de São Paulo (nascida em Franca, criada em Campinas), mudou-se para a capital. Casou-se, por amor, com um namorado dos tempos de colégio em Campinas, Marcos, com quem

Vida e obra: Regina aos 5 anos, no dia do casamento (1968), como "Namoradina" em "Carinhoso" e no show "Regina Mon Amour" (1973)

teve dois filhos, André, de 8 anos, e Gabriela, de 5. Vivia sorrindo e bem disposta.

Nas emissoras de TV, onde procurava trabalho sempre em companhia da mãe, diziam: "É boazinha, meiga, não dá trabalho, é boa atriz". Uma de suas professoras de dicção comentou: "Você fala como se estivesse pedindo desculpas".

Aos 15 anos, escreveu em seu diário: "Hei de ser famosa, tão conhecida,

que não haverá ninguém neste país capaz de dizer: 'Eu nunca ouvi falar nela'". Walter Avancini, que a chamou para "A Deusa Vencida", animou-se ao ver Regina fazendo o anúncio de uma geladeira, revirando os olhos ora para o namorado, ora para o refrigerador. Sua virtude? "Sempre disseram que eu era muito simpática", diz ela.

Estudou balé, que odiava mas praticava por se constituir numa prova de virtude. Até os 12 anos queria ser menino, pois achava o mundo dos homens menos repressivo que o das mulheres. Jogava futebol e chegou a ser uma fanática religiosa, certa de que Nossa Senhora de Fátima apareceria



Com Ricardo Blat num "Malu" inédito: vetado já no estúdio

também para ela. A "Namoradinha do Brasil" surgiu com a novela "Minha Doce Namorada", no papel de "Patrícia", muito igual à própria Regina da época: "Eu acreditava que tudo só tinha que melhorar. Estava preocupada em amar e ser amada, ser feliz no casamento, ter uma casa, marido e um automóvel".

PARA QUALQUER HORA — Hoje, Regina Duarte acredita mais na aparição de um disco voador, fez campanha política pelo MDB nas últimas eleições, descasou, tomou raiva de seu papel — de atriz e de mulher. "Era tudo coisa já vista, já feita", diz ela. "Os autores escreviam sempre papéis adequados à minha imagem. Tinha a impressão de um trator passando em cima de mim." Animou-se a posar nua, ou quase, para a revista *Playboy*,

foi procurar um analista e lembra do tempo em que estava grávida pela segunda vez: "Foi quando tudo começou. A gravidez foi para mim um processo revolucionário. Eu comecei a me perguntar a respeito de tudo o que fazia, do que eu tinha a oferecer a meus filhos". Não abriu a boca sobre a censura durante muitos anos, mas um dia abandonou as luzes dos refletores da Globo, mostrou as pernas no show "Regina Mon Amour" e subiu ao palco para ser "Janete", a prostituta da peça "Réveillon", de Flávio Márcio. Foi quando provou que veio para ficar: invertendo totalmente sua imagem, Regina Duarte ficou em cartaz mais de um ano — mais que uma novela de sucesso — e como produtora do espetáculo conseguiu ganhar mais dinheiro que na TV.

Hoje, nem socialista nem religiosa, mas "apenas atriz", como gosta de dizer, Regina Duarte tem uma história pessoal tão rica que um escritor de TV não encontraria nenhuma dificuldade em adaptar suas aventuras tanto para o horário das 6 da tarde quanto para algum — ou muitos — episódios de "Malu". "Amamentei meus filhos e foi maravilhoso", diz a Malu das 6 da tarde, em sua casa no bairro paulistano da Lapa, sobre sua atual campanha a favor da alimentação natural das crianças. "Eu era muito reprimida, hoje tenho minha sensualidade sob controle", repete uma outra Regina, versão 10 da noite, uma mulher ainda descasada lembrando sem inibições que só teve seu primeiro orgasmo um ano depois do casamento. Sobre ela mesma, em qualquer horário, diz, sem empestação nem drama: "Não sei. É uma loucura".



Ganhe 2 carros de uma só vez



Grande Concurso Dupli-Car.

Só mesmo quem tem a maior e a mais completa linha de veículos poderia lançar um Concurso deste tamanho. Até o dia 27 de julho, você vai ter muitas chances de ganhar 2 Chevrolet de uma só vez e de graça.

2 Chevrolet para cada ganhador.

Se você for sorteado, leva pra casa 2 Chevrolet, que você mesmo escolhe. Que tal um confortável Opala, mais um econômico Chevette para o seu filho? Ou então o macio Chevette SL, mais um espaçoso Caravan para as suas viagens? Que você acha do luxuoso Comodoro mais um Chevette Jeans? E do resistente pick-up mais um Chevette 4 portas?

Sempre com a tradicional mecânica Chevrolet: segurança e confiança também em dobro.



Caravan
Comodoro

Opala

Chevette
Jeans

Pick-up C-10

os Concessionários Chevrolet.



É fácil concorrer.

Leve o certificado de propriedade do seu carro num dos 400 Concessionários Chevrolet de todo o Brasil e você já está concorrendo no Dupli-Car. Não importam a marca e o ano do seu carro.

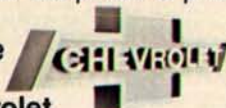


Dirija os carros que você quer ganhar, sem compromisso.

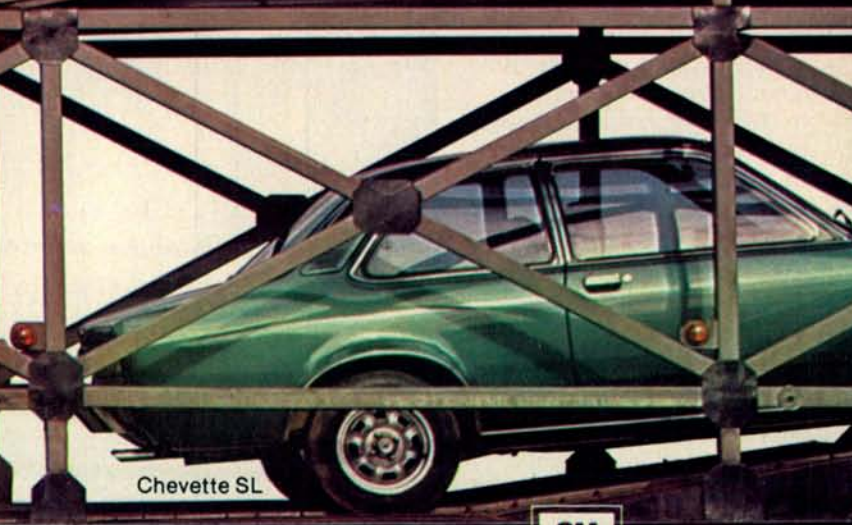
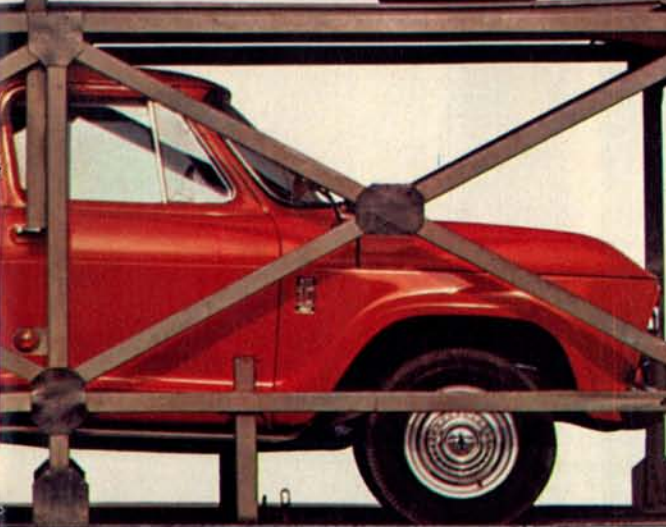
Peça isso ao fazer a sua inscrição. Sinta todo o conforto do Chevrolet, teste a sua mecânica, conheça o seu luxo. É sempre bom conhecer de perto o prêmio que você quer ganhar.

Maiores detalhes sobre o Dupli-Car nos Concessionários Chevrolet.

Passe num Concessionário Chevrolet. Informe-se de todos os detalhes do Dupli-Car e torça para que a sorte esteja do seu lado. Agora só depende de você.



Comodoro



Chevette SL



Garanta o combustível de amanhã. Respeite os 80.



Sílvia, ex-Falkenburg: limpando a imagem de mero enfeite da televisão

Gente

Não é a primeira vez que **SÍLVIA BANDEIRA**, 29 anos, trabalha em televisão. No tempo em que assinava Falkenburg, ela foi jurada do "Programa Sílvia Santos" e costumava segurar os canudos coloridos que guardavam as perguntas feitas por Paulo Gracindo aos competidores de "8 ou 800", na Globo. Desde a semana passada, ela está de volta à Globo e à rede de TVs educativas apresentando aulas de Física no "Telecurso 2.º Grau". "Este trabalho é muito importante", disse, "porque limpa a imagem que eu tinha de mero enfeite." Enquanto aguarda o lançamento (sem data marcada) de seu primeiro filme — "República dos Assassinos", dirigido por Miguel Faria — Sílvia estuda uma proposta para fazer teatro. Seu tempo disponível está empenhado nas questões de Física, pois ela quer entender bem tudo que diz "para poder passar as informações aos alunos de uma forma convincente".

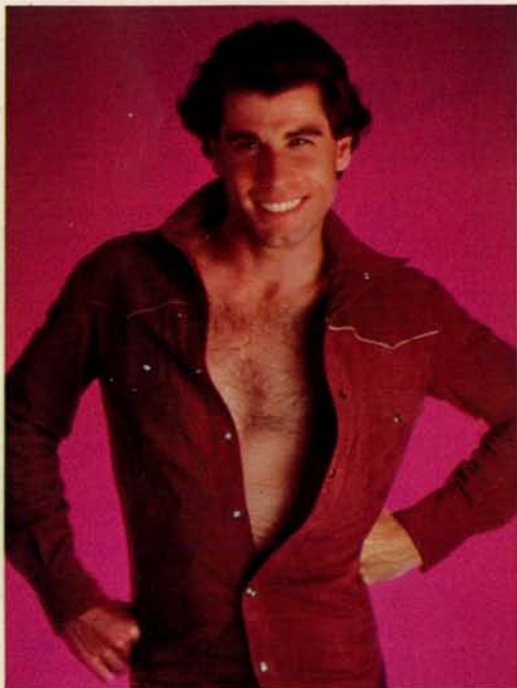
Vivendo há doze anos nos Estados Unidos,

onde conquistou um lugar no disputadíssimo primeiro time do jazz, a cantora brasileira **FLORA PURIM**, 36 anos, faz planos para voltar ao Brasil. "Não quero ser deportada", disse ela, referindo-se aos problemas com a polícia americana. "Estou trabalhando muito para me

recuperar." Flora esteve presa durante dois anos sob a acusação de uso de tóxicos, mas isso também ajudou a aumentar sua popularidade: recebeu mais de 30 000 cartas do mundo inteiro e agora a Colúmbia vai fazer um filme musical contando as peripécias de sua vida. En-



Flora: voltar, mas não como bicho



Travolta: quem sabe onde ele mora?

quanto não resolve o problema da volta ("Quero sair daqui como gente, não como bicho"), Flora prepara o lançamento de mais um LP e ajuda Joan Baez a musicar versos de Pablo Neruda. Depois, só restará uma dúvida: "Aqui fui aceita, o público me adora. No Brasil, não sei como será."

Não se pode dizer que o ator americano **JOHN TRAVOLTA** preocupe o Kremlin, mas pelo menos chamou a atenção do semanário literário moscovita *Literaturnaya Gazeta*, em que o jornalista Iúri Borobói o apresenta como um exemplo da superficialidade da fama no mundo ocidental. Escreve Borobói: "Travolta tornou-se desinteressante para os poderes que o criaram. Só seu filme 'Os Embalos de Sábado à Noite' permanece e, em Los Angeles, as pessoas nem lembram onde o antigo astro mora. Apenas uma alegria resta a Travolta: o hábito infantil de montar aeromodelos coloridos".

Divorciada há dezoito meses do rei americano do hambúrguer, **ERROL WETSON**, a atriz americana **MAR-**

WALTER FIRMO

CLÁUDIO EDINGER

LONDON FEATURES

GAUX HEMINGWAY, 24 anos, neta do escritor Ernest Hemingway, anunciou que vai casar-se ainda este ano com o ex-publicitário e atual diretor de cinema franco-venezuelano **BERNARD FOUCHER**, 40 anos, dois casamentos, três filhos, dono do único restaurante *nouvelle cuisine* (cozinha francesa que despreza os molhos tradicionais e vincula o sabor dos pratos a temperos naturais) em Caracas.

Eles se conheceram em 1977, no mesmo salão do Plaza Hotel de Nova York em que Margaux conheceu seu primeiro marido. De lá para cá já viajaram juntos para a Amazônia, Cuba e Veneza, sempre com Foucher insistindo para que Margaux aumente sua cultura pela leitura. Ele vai dirigila em "O Rei das Amazonas" e, em agosto, deve acompanhá-la em sua visita ao Brasil, juntamente com Alex Ponti, para o lançamento do filme "The Greed", rodado no ano passado em Angra dos Reis. Como publicitário, Foucher ganhou duas vezes o conhecido Prêmio Clio, para anúncios de televisão, mas seu maior feito foi ter sido, em 1968, o

coordenador da campanha eleitoral de Rafael Caldera, presidente da Venezuela de 1969 a 1974. Agora, Foucher e Margaux querem realizar um "casamento caipira" em Ketchum, Idaho, onde ela nasceu.

Repetindo o ritual que segue após cada vitória em Wimbledon, o tenista sueco **BJORN BORG**, 23 anos, raspou a barba rala que lhe dá um ar ainda mais circunspeto e começou a estudar uma proposta capaz de torná-lo o esportista mais bem pago do mundo: nada menos



Paulo César: onde está a tal de anistia?



Maria Alcina: desnudando-se no palco

que um contrato no valor de 5 milhões de dólares (cerca de 130,5 milhões de cruzeiros) para dar seu nome a uma nova marca de raquete de tênis, cujo fabricante permanece em segredo. Apesar de ser o primeiro tenista na fase profissional do torneio a vencê-lo por quatro vezes consecutivas, Borg saiu de Wimbledon com menos dinheiro no bolso que a bicampeã Martina Navratilova: ela recebeu mais de 21 000 libras (1,2 milhão de cruzeiros) porque venceu também o torneio de duplas femininas, enquanto Borg ganhou 20 000, pois só disputou a final de simples.

Pela primeira vez em sete anos de carreira, a cantora **MARIA ALCINA**, 30 anos,

terá a oportunidade de apresentar um show sozinha no palco: "Absolutamente Nada" estreia dia 19, no Teatro Nydia Lícia, em São Paulo, e nele a criadora de "Fio Maravilha" e "Kid Cavaquinho" cantará rocks, boleros, fados e marchas. "Fora da televisão", disse ela quinta-feira da semana passada, "vou mostrar a verdadeira Maria Alcina, não só a cantora mas a vedete, dançando e transando o amor, se desnudando e se entregando a seu público." E mais: ela contará também sua vida de "péssima operária em Cataguases", em Minas Gerais, onde foi demitida três vezes "porque aprontava mesmo: vivia cantando e dançando dentro da fábrica, pois o meu mundo já era outro".

Apesar da abertura política e da anistia, um brasileiro pelo menos acredita ter razões para sentir-se banido, embora viva em seu próprio país e jamais tenha cometido crimes políticos ou conexos. É o cidadão **PAULO CÉSAR LIMA**, 29 anos, titular da camiseta número 8 do Grêmio de Football Porto-alegrense, barrado da seleção brasileira e asilado no Rio Grande do Sul desde fevereiro passado. Cassado ainda na convocação para as eliminatórias da Copa da Argentina, em 1977, por atos atentatórios aos bons costumes e à disciplina vigente no selecionado, que exigia barba e cabelos civicamente aparados, Paulo César não teve a mesma sorte de seu companheiro de contestação, Paulo Roberto Falcão, recentemente reintegrado em seus direitos de titular do escrete brasileiro. Na semana passada, depois de ler a lista dos convocados para a Copa América, Paulo César bradou aos repórteres gaúchos: "Eu quero anistia! Brizola chega em setembro e eu ainda continuo nessa situação, sem lugar na seleção. Sinceramente, esperava uma chance nesse momento de abertura". Resta saber se Paulo César está jogando um futebol de categoria ampla e irrestrita para disputar vaga de titular com Sócrates, Zico e o próprio Falcão.



Margaux: aqui em agosto



Entre ambos — literalmente — Brasil e Paraguai estão construindo a maior usina hidrelétrica do mundo. O Citibank mundial ajuda.

No Rio Paraná, em Itaipu, Brasil e Paraguai estão juntos construindo uma estação geradora cujos 12,6 milhões de KW de capacidade será 30% maior que a usina de Grand Coulee, nos Estados Unidos. O próprio rio foi desviado para um canal paralelo, de 2.000 metros de comprimento, 150 metros de largura e 90 metros de profundidade, que aparece à esquerda da fotografia. Objetivo: o rio sair de seu curso, para permitir a construção da usina de Itaipu, com sua bateria de turbinas de 700.000KW.

"O Citibank compreendeu a enorme responsabilidade..."

Ao financiar este projeto de quase 9 bilhões de dólares, o Citibank, através do Citicorp International Group, é, hoje, um dos mais importantes provedores de fundos do setor privado.

Ivo C. Tonin, Vice Presidente do Citibank, comenta: "Nós, do Citibank, compreendemos a enorme

responsabilidade, não somente de prover nossos próprios recursos, como também estimular e coordenar a participação de outras fontes de financiamentos, em outros países, para este grande projeto internacional."

O Compromisso do Citibank Mundial
Tanto o General Costa Cavalcanti, do Brasil, Diretor Geral quanto o Enge-

À direita e à esquerda, respectivamente: General Jose Costa Cavalcanti, Diretor Geral e o Engenheiro Enzo Debernardi, Diretor Geral Adjunto da Itaipu Binacional; ao centro Ivo C. Tonin, Vice Presidente do Citibank.

neheiro Enzo Debernardi, do Paraguai, Diretor Geral Adjunto da Itaipu Binacional, testemunharam seu reconhecimento quer pela capacidade de financiamento do Citibank, quer pela qualificação profissional das pessoas do Citibank que estão contribuindo para o financiamento do projeto.

Esta contribuição pode ser medida em termos de produção — os 75 bilhões de Killowatts/hora de capacidade energética anuais que esta nova barragem vai produzir. E pode ser medida ainda mais significativamente em termos de progresso — o progresso econômico e industrial que os Citibankers, criativamente, fomentam através de seu trabalho. No Brasil, no Paraguai —

e em todo o mundo, através das suas filiais e escritórios que o fazem um dos maiores bancos internacionais.



CITIBANK 
Subsidiária do Citicorp



Cheraskin em São Paulo e Weyner no Rio: do açúcar ao xilitol

Medicina

A saúde da boca

No Brasil, 1,2 bilhão de dentes estragados

Cada brasileiro tem, em média, dez dentes estragados — e a causa dessa imensa multidão de desdentados seria a má alimentação. Isso, pelo menos, se dizia no Seminário de Saúde Oral, realizado semana passada no Hilton Hotel em São Paulo. O americano Emanuel Cheraskin, professor de Medicina Oral da Universidade de Birmingham, por exemplo, acusou o açúcar e os corantes alimentícios como responsáveis pela cárie. Segundo ele, há quinze anos havia apenas quinze corantes artificiais adicionados aos alimentos. “Hoje são mais de 2 000”, informa Cheraskin, “e cada pessoa dos países desenvolvidos ingere a cada 30 minutos o equivalente a uma colher de chá de açúcar. Tudo isso prejudica os dentes.”

Por sua vez, o dentista paulista Oswaldo de Toledo Camargo achou outro culpado: os refrigerantes. Numa experiência, Camargo pôs dentes sãos, extraídos de pessoas com problemas nas gengivas, em tubos de ensaio que depois encheu com refrigerantes. Em um caso, o refrigerante corroeu o próprio tubo; em todos, ficaram destruídos o esmalte e a dentina dos dentes.

VACINAS — Seria mesmo impossível,

a médio prazo, eliminar as deficiências dentárias no Brasil, disse o também paulista Renato de Andrade: “Nem os 46 000 dentistas brasileiros trabalhando 24 horas por dia poderiam consertar em dez anos a boca do brasileiro. É preciso educar alimentalmente o povo, eliminando o açúcar, o pão branco, as gorduras e adotando pão e cereais integrais, frutas e verduras frescas”. Uma primeira solução para substituir o açúcar está sendo anunciada, ainda para este mês, pela firma carioca Bhering: balas, chocolates e chicletes de xilitol, açúcar de casca de frutas e de madeira importado da Finlândia, que não causa cáries. Embora vendidos em muitos países, os doces com xilitol foram acusados por cientistas ingleses de provocar câncer.

Ainda assim, o dentista Sérgio Weyner, do Rio de Janeiro, como idealizador da introdução do xilitol no Brasil, sustenta que “sacarina só dá câncer em rato canadense e tudo que não é descoberto nos Estados Unidos é acusado de dar câncer”. Mas o problema de cárie talvez possa ter solução mais eficiente quando terminarem os testes finais de duas vacinas. Uma, preparada pelo Real Colégio de Cirurgias da Inglaterra, paralisa a bactéria que destrói o esmalte dos dentes e está prestes a ser lançada no mercado. Outra, americana, desenvolvida no Instituto Nacional de Pesquisa Dental, baseia-se no mecanismo glandular de auto-imunização. Serão o fim da cárie?

Fim da cólica

Novo remédio contra as dores menstruais

Uma nova droga, o ácido mefenâmico, vem em socorro das mulheres: ele poderia eliminar totalmente, na maioria dos casos, as cólicas menstruais. Esse ácido já vem sendo usado contra dores em geral e é vendido sem necessidade de receita médica na Europa, Japão, África do Sul e em alguns países da América do Sul. Nos Estados Unidos, usam-no contra as dores artríticas. Foi também lá, na Universidade Estadual de Nova York, em Stony Brook, que se realizaram as pesquisas sobre a eficácia dessa droga contra as cólicas menstruais.

Além do alívio para cada caso, a descoberta terá amplo efeito social, pois há cálculos de que, anualmente, as mulheres americanas perdem 140 milhões de horas de trabalho por causa das dores da menstruação. No Brasil, onde não se vende o ácido mefenâmico, isso implicaria as mulheres perderem, no emprego ou no serviço de casa, acima de 70 milhões de horas de trabalho por ano. A situação é ainda mais desagradável porque muitos médicos acreditam que as dores menstruais são de origem puramente psíquica e suas clientes, além de sofrerem fisicamente, ainda se julgam culpadas.

Médicos menos rígidos costumam receitar, para as cólicas menstruais, narcóticos e pílulas anticoncepcionais; no Brasil faz-se uso ainda de supositórios antiespasmódicos. Mas esses remédios apresentam efeitos colaterais indesejáveis. Por isso a clínica geral Penny Wise Budoff, chefe da equipe de Stony Brook, resolveu experimentar o ácido mefenâmico. Sabia-se que esse ácido inibe a síntese das prostaglandinas, substâncias gordurosas encontradas em todas as células do corpo humano. As prostaglandinas afetam a contração dos vasos sanguíneos e a contração dos músculos lisos. Sabia-se também que as mulheres com cólicas menstruais crônicas, acompanhadas de 24 a 36 horas por náuseas, vômitos e tonturas, apresentam níveis de prostaglandinas de quatro a cinco vezes maiores que os de mulheres que atravessam a menstruação sem dor. Nos testes, o ácido mefenâmico revelou-se efetivo contra as dores menstruais. Cinco laboratórios americanos já têm autorização federal para lançar a droga no mercado.



A passeata na praça XV: uma reivindicação alcançada

Grávidas na rua

Elas protestaram contra o fim de sua maternidade

Seguramente, a primeira passeata de mulheres grávidas do Brasil ocorreu segunda-feira no Rio de Janeiro, diante da sede do Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social

(INAMPS) na praça XV, no centro da cidade. As setenta mulheres da passeata protestavam contra a ameaça de fechamento da maternidade também localizada na praça XV, a única do INAMPS a servir o centro e a zona sul cariocas. Elas conseguiram ser recebidas pelo médico Harry Graeff, presidente do INAMPS. Entregaram a ele uma carta e um abaixo-assinado, em que diziam estar alarmadas com a possibilidade de a maternidade ser desati-

vada. As mulheres sabiam que o INAMPS considera inadequada a localização da maternidade, ali instalada há cinco anos, por funcionar na praça XV um mercado de peixe organizado pela Cia. Brasileira de Armazenamento (Cibrazem) e também por ser muito intenso o trânsito nas imediações.

Nos documentos, as mulheres faziam também referência à opinião de diretores do INAMPS, segundo a qual o grau de infecção na maternidade seria bem alto, mais um motivo para fechá-la. No entanto, elas citaram que a Organização Mundial da Saúde julga tolerável um grau de 16% de infecção entre as pacientes de maternidades enquanto na maternidade da praça XV o índice mal atinge 8%. Além disso, a Cibrazem prometeu mudar de local o mercado de peixe. E elas elogiaram o trabalho da equipe do médico Humberto Gueiros, diretor da maternidade, pois lá funcionam curso sobre o parto, banco de leite, posto de vacina, psicoterapia — e o bebê fica sempre com a mãe, no chamado alojamento conjunto. Diante disso, o presidente do INAMPS anunciou que a maternidade não será fechada em hipótese nenhuma; no máximo mudará de sede sem interromper o trabalho. •

PIONEER: O FABRICANTE QUE OFERECE O VERDADEIRO SOM DE ALTA FIDELIDADE AO ALCANCE DE TODOS.

A palavra alta fidelidade está sendo bastante usada atualmente. Principalmente em propaganda. Qualquer coisa, desde rádios despertadores até sistemas de atendimento ao público são chamados de alta fidelidade. Todavia, alta fidelidade não é uma simples palavra — é um som puro. Alta fidelidade quer dizer sentir a música tão bem como ouvi-la, em cada nota musical e com a definição de cada instrumento. Estas são as qualidades que todos os produtos PIONEER empenham-se em reproduzir e se a popularidade for uma medida de sucesso, nós estamos na verdade fazendo-o muito bem, pelo mundo inteiro.



CT-F1250, um dos muitos produtos PIONEER na avançada tecnologia de áudio.

Em 135 países, PIONEER desfruta de uma reputação de um líder mundial, dando às pessoas o tipo de qualidade de produtos de áudio que elas esperam por preços que possam usufruir. Assim, da próxima vez que você ouvir a palavra alta fidelidade lembre-se que pureza de som é o que alta fidelidade realmente significa, e PIONEER é o nome que significa pureza de som.

Há uma diferença entre preços altos e alta fidelidade. Essa diferença é PIONEER.

PIONEER

PIONEER INTERNATIONAL INC.

Daiwa Bank Bldg., 1-6-21, Nishi-Shimbashi, Minato-ku, Tokyo 105, Japan

Petrobrás.



A luta continua.

O Brasil inteiro lutou pela Petrobrás. Tomara que isto nunca se apague da memória do nosso povo.

A Petrobrás nasceu de uma luta que mobilizou este país de ponta a ponta: a luta pelo monopólio estatal do petróleo. Uma idéia tão forte que depois de 26 anos, seu lema - "o petróleo é nosso" - continua vivo na lembrança de todos. E deve ser explicado ao pessoal mais jovem.

Depois de tantos anos, será que toda essa luta valeu a pena? Valeu. Hoje todos sabem que o monopólio era e continua sendo essencial para a economia e a soberania do nosso país.

Para lutar por ele, a Petrobrás teve que se tornar uma grande

empresa. Hoje, ela é a 38ª maior empresa do mundo.

Mas ainda temos muita luta pela frente.

Refinamos 100% das nossas necessidades e garantimos totalmente o transporte da matéria prima e derivados. E economizamos, em 78, nada menos que 2 bilhões de dólares em divisas.

Mas ainda temos muita luta pela frente.

A Petrobrás está pesquisando petróleo em muitos lugares, inclusive no exterior. Temos 62 sondas procurando petróleo em terra e no mar. E o melhor de tudo é que estamos fazendo isso com técnicos brasileiros.

Mas ainda temos muita luta pela frente.

Já produzimos 170 mil barris diários de petróleo. Estamos longe de ter dado ao Brasil tudo o que ele precisa, mas demos tudo o que a natureza nos permitiu encontrar.

Hoje, num país de geologia difícil para a exploração do petróleo, a Petrobrás também está desenvolvendo novas fontes de energia, como o xisto, a gaseificação do carvão etc.

Porque é necessário.

E porque se um dia o país inteiro lutou pela Petrobrás, foi para que um dia ela pudesse lutar por ele.



PETROBRÁS



© Chrysler do Brasil

67% deste carro é

Hoje, a Volkswagenwerk detém 67% de uma nova empresa: a Chrysler Motors do Brasil.

Isso significa que ela é responsável por 67% deste carro aí de cima. E quem é responsável tem que cuidar.

Os engenheiros da Volkswagenwerk

examinaram, testaram exaustivamente e nos deram parabéns. O Polara tem qualidade para ser aprovado por uma das engenharias mais exigentes que existem: a engenharia Volkswagenwerk.

Ele é confortável, macio, econômico, resistente, tem câmbio preciso

e um motor excepcional.

O aperfeiçoamento mais importante que o Polara poderia receber não é de engenharia e sim de filosofia. Uma filosofia que está no título deste anúncio: o padrão Volkswagenwerk.

Estamos ampliando as linhas de



Volkswagenwerk.

montagem e os quadros técnicos. Estabelecemos um rígido controle de qualidade em cada fase da montagem. A ordem é ser rigoroso e exigente.

O resultado você pode ver hoje mesmo nos revendedores Chrysler. Além disso, dentro de bem pouco tempo,

o Polara será o primeiro carro médio do país a ter uma atração exclusiva: transmissão automática, opcional.

Se você acredita no que dissemos, obrigado pela confiança. Compre um Polara.

Se ainda tem dúvidas, dê um pulo

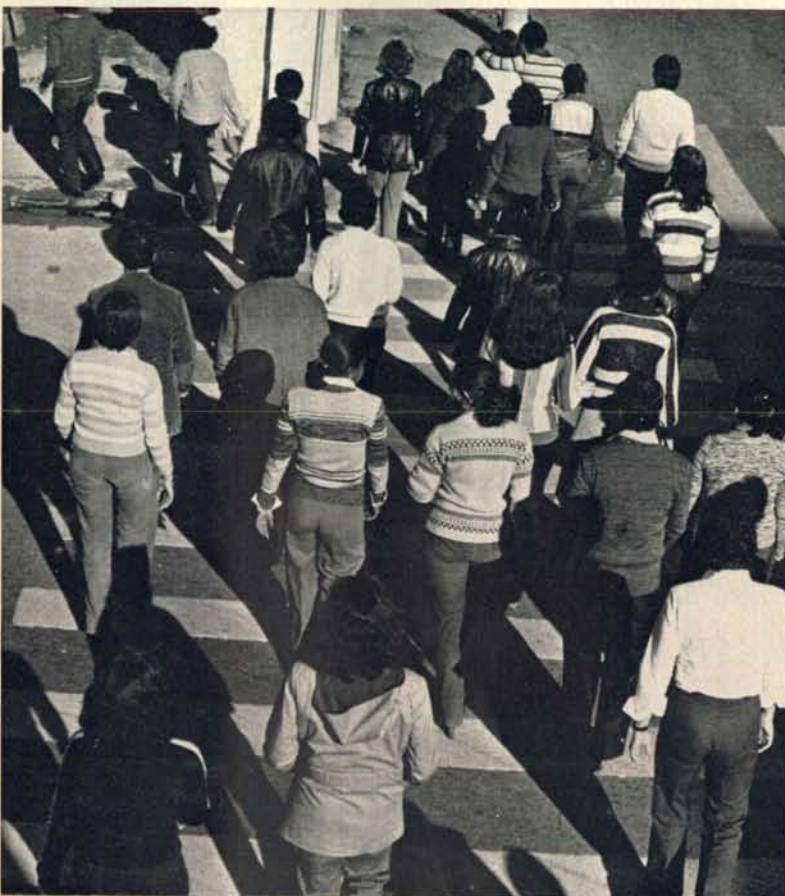
num revendedor Chrysler. Examine o carro você mesmo. Venha descobrir por que o Polara tem a garantia de duas das maiores indústrias automobilísticas do mundo.

Nem mais nem menos.



CHRYSLER
MOTORS do BRASIL LTDA.

Fiel às suas origens, o GBOEX continua operando, basicamente, com Pecúlios.



- O GBOEX sem a preocupação de oferecer planos sofisticados apresenta o **GRANDE PECÚLIO GBOEX**.
- Quem tiver de 14 a 50 anos incompletos pode inscrever-se numa das 10 faixas do maior pecúlio do Brasil.
- 10 faixas que lhe permitem melhor ajuste ao seu orçamento familiar.
- Pecúlios nos valores de 50 mil a 800 mil cruzeiros, corrigidos anualmente.
- Os valores pagos como mensalidades podem ser abatidos no **imposto de renda**.
- As mais baixas mensalidades para os maiores pecúlios do Brasil.
- O pagamento dos pecúlios está alicerçado num sólido patrimônio realizado em 66 anos de experiência em Previdência Privada.

PLANO DE BENEFÍCIO VÁLIDO ATÉ 30 DE JUNHO DE 1980

FAIXAS	52	56	58	60	62
Pecúlio (Cr\$)	50.000,00	78.000,00	123.000,00	165.000,00	238.000,00
Mensalidade (Cr\$)	50,00	78,00	123,00	165,00	238,00
FAIXAS	64	65	66	67	68
Pecúlio (Cr\$)	356.000,00	500.000,00	600.000,00	700.000,00	800.000,00
Mensalidade (Cr\$)	356,00	500,00	600,00	700,00	800,00

Observe a faixa!



GBOEX - presente em todo o Brasil.

Sede própria: Rua Sete de Setembro, 604 - Fones: 21.55.22 e 21.57.32 - Porto Alegre - RS

Vendas: GB Lançamentos - Rua dos Andradas, 735 - Fones: 21.90.88 e 24.8470 - Porto Alegre - RS

SÃO PAULO

Prefeito novo

Sai Setúbal, vem Barros.

O que vai mudar?

Indicado no final de janeiro pelo governador Paulo Salim Maluf para ocupar a Prefeitura de São Paulo, o engenheiro Reynaldo Emigdio de Barros só veio ter seu nome aprovado pela Assembleia Legislativa em fins de junho. Nesse meio-tempo, desenrolava-se um intricado novelo de intrigas e acusações de suborno e de adesismo que desagui-
ria na cisão da maioria de dois terços da banca-
da emedebista. A julgar, porém, pelas intenções manifestadas pelo novo prefeito nas duas semanas que decorreram até sua posse — na última quinta-feira —, a transição não provocará maiores trepidações. Mais que qualquer outro plano, Barros — reconhecido como um eficiente administrador durante os quatro anos em que exerceu a presidência da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp) — fez questão de destacar a continuidade administrativa como sua principal meta de governo.

“Não quero criar nada nem extinguir nada”, sustenta ele, numa atitude de extrema prudência ante a imagem extraordinariamente favorável deixada por seu antecessor Olavo Egydio Setúbal, considerado um dos melhores administradores que já passaram pela Prefeitura paulistana. Para o novo prefeito, esse é justamente um de seus maiores desafios. “Sucedem um governante ineficiente é uma barbada”, argumentou Barros, “pois qualquer coisa que se faça aparece. Mas, após o Setúbal, isso já fica bem mais problemático.” Para superar essa barreira, Barros pretende dar a seu governo características nitidamente políticas, a começar pela criação de uma coordenadoria

com o objetivo específico de escutar as reivindicações dos 8,7 milhões de habitantes da cidade — em especial os da periferia, para onde promete dedicar especial atenção.

A SOMBRA — O prefeito, porém, já tem algumas metas básicas alinhadas com o período de crise energética e falta de recursos que o país atravessa. Um de seus primeiros atos foi determinar que a frota de veículos da Prefeitura tenha imediatamente seus motores convertidos para funcionar a álcool. Bem mais ambiciosa é a intenção de optar pelo uso intensivo de trolebus em faixas exclusivas de tráfego, para complemen-

tar e até mesmo substituir linhas de metrô que não possam ser construídas por falta de recursos (*ver a reportagem seguinte*). Não que Barros seja especificamente contra o metrô mas ele lembra que o preço da implantação dos trolebus é de 2 milhões de cruzeiros por quilômetro contra cerca de 50 milhões por quilômetro de metrô.

Mesmo aí, porém, ressalta a sombra da administração Setúbal. Em um de seus últimos atos de governo, o ex-prefeito assinou um financiamento de 1,3 bilhão de cruzeiros para a implantação da primeira etapa de uma rede de trolebus que, até 1983, deverá estender-se por 280 quilômetros de linhas, operadas por 1 280 ônibus elétricos. Pelos primeiros 44 quilômetros de rede, a partir de janeiro do próximo ano, circularão 200 ônibus, carregando 200 000 passageiros por dia.

HUMANIZAÇÃO

Foi justamente no setor dos transportes coletivos que Olavo Setúbal deixou marcas mais evidentes. Em seus quatro anos de governo, renovou e duplicou a frota da Companhia Municipal de Transportes Coletivos (CMTc), que hoje conta com mais de 2 000 veículos. Igualmente disciplinou o serviço das empresas particulares. E, pelo Departamento de Operação do Sistema Viário (DSV), criou faixas exclusivas para ônibus nos mais importantes corredores de tráfego — medida que, em alguns casos, chegou a duplicar a velocidade média das viagens. Com a racionalização da operação do trânsito, conseguiu-se ainda diminuir consideravelmente os congestionamentos.

Na busca da “humanização” da cidade, prometida por Setúbal em seu discurso de posse, fecharam-se ruas do centro ao tráfego de carros, implantaram-se parques e praças, garantindo-se 1 200 hectares de novas áreas verdes. Se os resultados dessa política ainda não podem ser medidos pelas eleições, pelo menos



Barros (acima): “Será problemático substituir Setúbal”



AGÊNCIA FOLHAS

sensibilizaram a nova administração: na equipe de Reynaldo de Barros continuam alguns dos mais importantes colaboradores de Olavo Setúbal, como o secretário de Vias Públicas, Octavio Camillo Pereira de Almeida, o coordenador geral do Planejamento, Cândido Malta Campos Filho, e o diretor do DSV, Roberto Scaringella. •

METRÔ

Marcha lenta

Está faltando dinheiro em São Paulo e no Rio

Se os planos da diretoria do Sport Club Corinthians Paulista derem certo, em 1983 estará concretizado, em Itaquera, no extremo leste do município de São Paulo, um dos mais acalentados sonhos da fiel torcida: o "Corintião", um estádio do tamanho do Maracanã. Se os cronogramas da Companhia do Metropolitano de São Paulo — Metrô forem igualmente cumpridos, os 200 000 torcedores que certamente encherão o estádio no dia da inauguração já terão condução farta, segura e barata praticamente à porta — a 800 metros

será construída a estação Corinthians Paulista, ponto final da linha Leste — Oeste do metrô.

O fantasma do recesso econômico, porém, ameaça a comodidade da torcida corintiana. Do orçamento de 11,7 bilhões de cruzeiros submetido pelo Metrô paulistano em fins do ano passado ao governo federal, só foram liberados 8,7 bilhões — e com seis meses de atraso — no início deste mês. A consequência mais imediata da falta de recursos é uma demora de seis meses na conclusão do trecho de 9 quilômetros entre as estações Santa Cecília e Tatuapé cuja inauguração estava marcada para o fim do ano que vem.

ATÉ COPACABANA — Teoricamente a inauguração do trecho final, entre Tatuapé e Itaquera, com 11 quilômetros, também sofrerá um adiamento de seis meses. Só há uma maneira de recuperar esse atraso, explica o presidente da Companhia do Metrô, José Maria Siqueira de Barros: que não haja nenhum corte nos orçamentos dos três próximos anos. Mas, como o próprio Barros admite, "o corte de verbas está relacionado com a necessidade de se controlar a inflação e de se reduzir o déficit do

balanço de pagamentos do país". Assim, a manutenção ou não dos prazos "vai depender unicamente de nossas condições econômicas".

Percalços da mesma ordem rondam o metrô do Rio de Janeiro, que acaba de ver rejeitado o pedido de verbas para o início da implantação do trecho de 1,8 quilômetro entre Botafogo e a praça Cardeal Arcoverde, em Copacabana. "Como há escassez de recursos", explica o diretor de planejamento da Companhia do Metropolitano, engenheiro Fernando MacDowell, "resolvemos concentrar todos nossos esforços na conclusão da rede básica." Essa rede, com 37 quilômetros de linhas, vai unir o subúrbio da Pavuna ao centro da cidade (24 quilômetros) e Botafogo a Tijuca (13 quilômetros). Por enquanto, há apenas um trecho de 5 quilômetros, entre a praça Onze e a Cinelândia, em funcionamento. MacDowell garante, porém, que toda rede básica estará pronta em três anos — se não faltarem verbas. Só depois é que se deverá pensar nas outras linhas. "Não tenho dúvida de que o metrô acabará chegando a Copacabana", diz MacDowell. No entanto, ninguém se anima a prever quando isso finalmente acontecerá. •

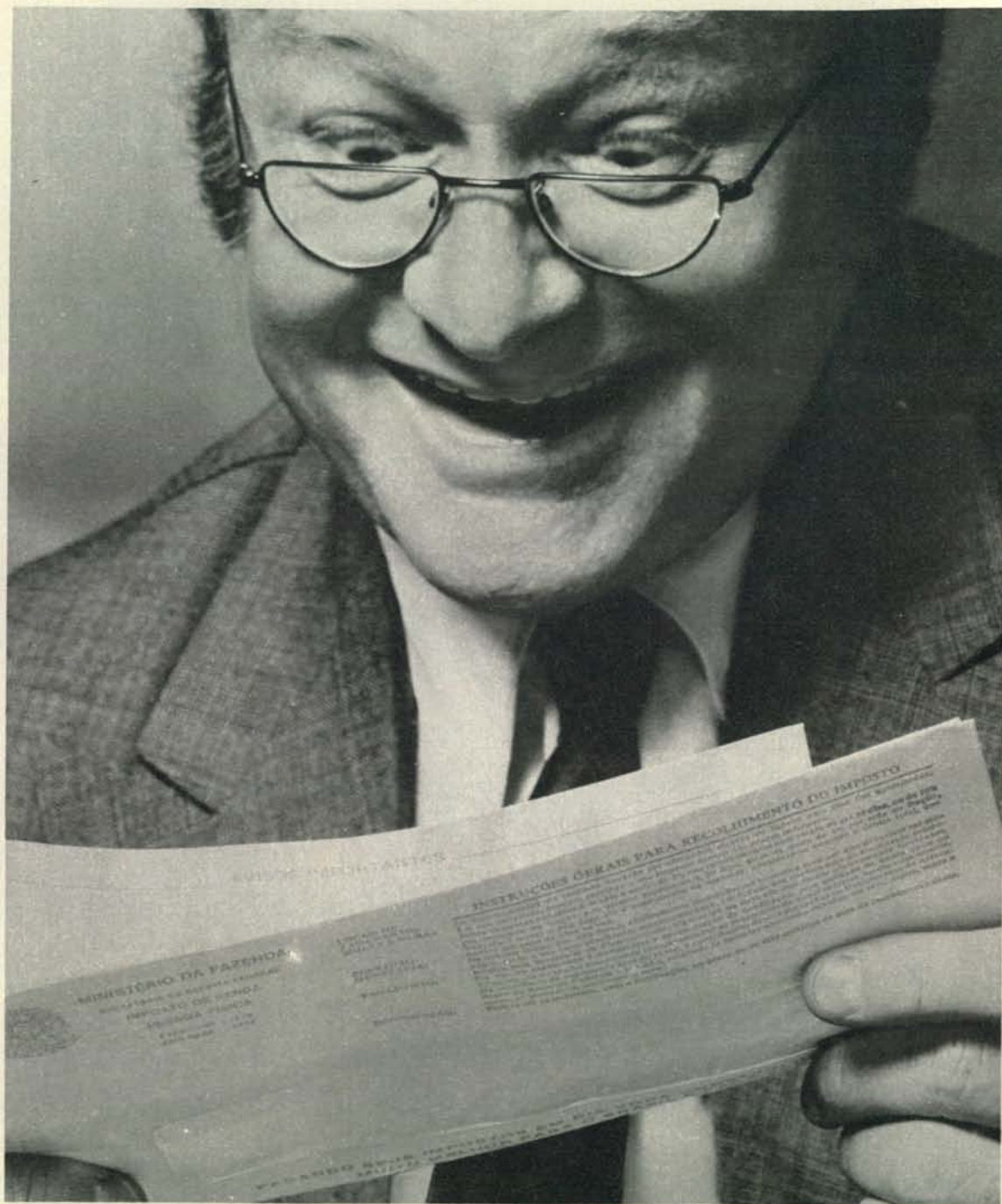
Oportunidade
Única

Empresa de porte
internacional seleciona, para
adquirir em grande quantidade:

produtos novos, de preferência inéditos,
na faixa de 1 a 3 mil cruzeiros,
do interesse de jovens,
donas-de-casa ou crianças,

para oferecer como prêmio, em promoção nacional,
a ser amplamente anunciada. Propostas para
"Promoção Nacional". Caixa Postal 30266 - São Paulo.

Uma das maiores alegrias do brasileiro é receber a devolução do Imposto de Renda



Aumente essa alegria. Ponha esse dinheiro na poupança.

Aumente essa alegria. Aplique a sua devolução na Caderneta de Poupança. Repare quando as pessoas recebem a devolução do Imposto de Renda: elas ficam que é um sorriso só. Se brasileiro já é alegre por natureza, nessas ocasiões então a felicidade é bem maior. Mas certamente você ficará mais satisfeito ainda se depositar sua devolução na Caderneta de Poupança. Você vai ganhar dinheiro em cima de dinheiro, graças aos juros ou dividendos, além da correção monetária que protege, o valor da sua aplicação. E se você usar a devolução do Imposto de Renda para abrir uma Caderneta de Poupança Programada, que lhe dá mais dinheiro ainda, aí então, você vai saber até onde pode ir sua alegria.

Caderneta de Poupança
Quem poupa conquista o que a vida tem de melhor.



Naturalmente suave

Veja a natureza. Suave, tranqüila.
Um equilíbrio perfeito. Que só Luiz XV
soube recriar. Resultado da seleção
apurada dos melhores fumos.
Luiz XV tem o sabor naturalmente
suave. Sem artifícios. Perfeito na
combinação entre suavidade e sabor.
Como a própria natureza.





Cecília e Maria: projeção da autora em cena

Teatro

Das janelas

As moças pensionistas no movimento de 1964

Durante a segunda metade dos anos 60 e a primeira dos anos 70, a palavra "comunismo" era um fantasma inominável e terrível para a dramaturga brasileira Leilah Assunção, 35 anos, autora das premiadas "Fala Baixo senão Eu Grito" e "Roda Cor de Roda" (1969 e 1975, respectivamente), até hoje em cartaz pelo mundo. Ela se recorda, por exemplo, do espanto que lhe causou uma conversa que ouviu na França, em 1970, enquanto fazia uma curta viagem de ônibus: "Duas pessoas falavam animadamente sobre Partido Comunista. Fiquei perplexa. Olhei para os lados com medo, até me acostumar com a idéia de que falar em comunismo é uma coisa perfeitamente normal".

Essa constatação, porém, não alterou a visão que tinha da realidade de seu país: "Aqui, o clima me levava à autocensura. Subversão, ditadura e comunismo eram palavrões". Tanto que, um ano depois, ao voltar ao Brasil, ela ainda manteve engavetado seu primeiro texto para teatro, escrito em 1964, intitulado **VEJO UM VULTO NA JANELA, ME ACUDAM QUE EU SOU DONZELA**, que só nesta semana teve sua primeira estréia, no Teatro Aliança Francesa, em São Paulo. Nesse texto, ela apresenta a visão social que as mulheres com quem conviveu tinham do comunismo.

VOLTA À REALIDADE — Reescrita em

1977, "pela necessidade que estava sentindo de voltar à realidade depois de me acostumar a escrever só parábo-las", a autora ganhou o prêmio leitura do Serviço Nacional de Teatro (SNT). Daí à montagem, foi uma questão de tempo: "Esse é o momento certo. É uma questão de necessidade que sinto de preservar a memória nacional cada vez mais diluída". Nesse sentido, o texto de Leilah convence. Tem um bom conteúdo informativo e consegue ser atraente em sua perspectiva de mostrar a história de cada personagem sendo vivida enquanto o Brasil passava por sua conturbada política — da renúncia de Jânio Quadros à instalação do primeiro governo da Revolução.

Nele está contido o comportamento da mulher brasileira da classe média durante o colapso do governo João Goulart, que culminou com sua participação na Marcha da Família com Deus pela Liberdade. São oito mulheres de idades que variam de 17 a 54 anos, e que vivem juntas, no último pensionato a se render diante da invasão dos espigões da avenida Paulista.

Da mocinha de classe média alta, noiva de um militar (Cristina Santos), à empregada doméstica nordestina, mulher de um operário ceramista, brilhantemente interpretada por Sônia Loureiro, todas carregam uma visão distorcida do comunismo, já que seu nível de informação não transcende a fofoca: os

jornais jamais entram na casa e a televisão é desligada na hora dos noticiários. Assim fica mais fácil acreditar que "os comunistas vão comer criancinhas mesmo! Vão castrar todos os padres e estuprar as freiras... Não vão deixar pedra sobre pedra!", como vocifera a solteirona "Mariangélica" (Ruthine de Moraes) ao conchamar as companheiras a participarem da Marcha.

QUASE AUTOBIOGRAFIA — Como a

"Cecília" (Cláudia Mello) da peça, Leilah era rebelde e prezava a liberdade — embora economicamente dependesse dos pais. Como a "Maria" (Eugênia de Domênico), ela tinha 17 anos em 1964 e gostava de escrever. Tanto que, para não incomodar as colegas, "ia, com minha máquina, escrever na cozinha do pensionato da avenida Angélica, o segundo em que morei e o primeiro que não era de freiras". Como Cecília e Maria, ela era curiosa e a única que não



Leilah: agora sem censuras

FOTOS IRMO CELSO

tinha chave da porta e não podia chegar depois da meia-noite.

"Naquela época eu estava descobrindo a vida. Fazia teatro na União Estadual dos Estudantes — uma peça que não chegou a ser montada. E, no dia do golpe, só me lembro de ter corrido para o grêmio de Filosofia, na USP, a fim de entender melhor o que estava acontecendo." Como a Maria que ela criou.

"Vejo um Vulto..." foi escrita nesse pensionato "numa sentada só" e é fruto da vivência que ela tinha até então: "A peça não tem personagens masculinas porque homens eu só conhecia os de família", ironiza. As mulheres, no entanto, têm todas as características das que conviveram com ela: "Como uma que estava comprando uma quitinete e eu pensava em sua vida que seria toda pagando aquele imóvel que só seria trocado para comprar o próprio túmulo".

Essas situações angustiantes, porém, Leilah retrata com muita habilidade e humor, injetando graça e leveza no espetáculo, que dura mais de duas horas e se destaca como um registro misto de realidade e ficção de uma fase de ebulição política ainda nebulosa.

LUCILA CAMARGO



IRMO CELSO

Xênia em ação: "Tenho sorte de não ser uma intelectual"

Televisão

Guerreira do lar

Xênia, a que sempre tem muito a declarar

Nós seguramos a barra do mundo", proclama a apresentadora Xênia Bier, das 3 às 4 e meia da tarde, diariamente, pela Rede Bandeirantes. E pelo menos uma parte das telespectadoras, para quem ela se dirige com sua voz contundente, seus gestos aflitos e inúmeras caretas de tristeza, alegria ou raiva, parece concordar com essa e outras afirmações. Tanto que há doze anos uma legião de donas-de-casa, professoras, dondocas e prostitutas se mantém absolutamente fiéis aos debates, entrevistas e pregações emitidos diariamente em seu programa "Xênia e Você" — dono de uma média de audiência em torno dos 4 e 7 pontos, bastante respeitável para o horário. Mais que os frios números do Ibope, contudo, o que faz de Xênia uma mulher única na televisão brasileira são seus inegáveis poderes para manter seu público num estado de permanente ebulição.

Costuma receber 900 cartas por mês, façanha só igualada por Regina Duarte, quando era a "Namoradina do Brasil". São pessoas pedindo ajuda para todo tipo de problema, a começar pelas

crises de identidade — a esmagadora maioria dos casos — passando ainda pela educação dos filhos depois de um desquite, para terminar em dolorosas situações de insatisfação sexual. Há dois anos, quando a antiga TV Guanabara (hoje TV Bandeirantes carioca) resolveu tirar Xênia do ar por alguns meses, seu público não se conformou. Para garantir sua volta imediata aos vídeos (e a seus lares), dezenas de telespectadoras armadas de faixas e cartazes dirigiram-se até os estúdios da emissora, onde realizaram uma insólita manifestação de protesto.

PRONTO-SOCORRO — Explicar tais acontecimentos não se trata de uma tarefa muito fácil. Nem mesmo para Vilma Borges Barreto, 43 anos, três casamentos desfeitos e uma filha adotiva. Também ela se espanta com os poderes que Xênia Bier (nome que adotou pouco depois de pisar num estúdio de TV pela primeira vez, dezenove anos atrás) possui. "Eu quero é que a mulher que assiste ao programa melhore seu modo de viver e esteja mais informada até para discutir novos assuntos com o marido." Atenta leitora de jornais, manuais de vida prática e de outras obras catalogadas nas estantes da chamada cultura geral, capaz de falar de problemas sexuais, políticos e religiosos com igual desenvoltura e convicção, Xênia pode-

ria ser comparada a um Vicente Leporace de saias — não fosse bem mais ingênua, e bem menos irônica.

A falta de astúcia, contudo, ela compensa com uma generosa combatividade. Seja para denunciar a campanha pela legalização da maconha que os Beatles levaram na Inglaterra, nos fins da década de 60, ou para protestar contra os riscos do Skylab, na semana passada, o tom extremamente agressivo é sempre o mesmo. "O caipira solta balão e dá cana, o americano solta o Skylab e não acontece nada", fala ela. Diante da anistia oficial, sua reação não foi muito diferente: "É como tirar as pernas de uma pessoa e depois só devolver o pé". Sempre foi assim. Ou melhor: no início de seu programa, era até pior. Dando socos na mesa, gritando com o público e consigo, Xênia atuava sem o menor pudor. "Para me impor, cheguei às raias da vulgaridade", reconhece. Assim, nem esperava pelos intervalos comerciais para desancar qualquer um de seus convidados, uma eclética equipe de doze especialistas, na qual se encontra tanto um filósofo como um astrólogo, um dentista e um endocrinologista. Na chefia desse verdadeiro pronto-socorro dos assuntos do corpo e do espírito, Xênia já submeteu suas telespectadoras aos tratamentos mais diversos.

Há alguns anos, por exemplo, levou aos vídeos uma surrealista seção de psicanálise eletrônica, em que ousava atacar a competência de um de seus comandados, um psicanalista. Impassível, o doutor respondia simplesmente: "Você está fazendo uma projeção de sua própria personalidade".

Com essas e outras, Xênia vai se tornando a única mulher capaz de passar muitas horas nos vídeos mostrando algo além dos vestidos da moda e das receitas mais saborosas. "Tenho sorte de não ser intelectual, senão sofreria pressões bem maiores", costuma dizer. Comentário que talvez valha como receita a ser seguida por suas futuras concorrentes. Afinal, depois de um mês de duração, na semana passada saía do ar o ousado noticiário "Enfoque", produzido dentro do programa "Mulheres", na Tupi, onde se faziam mesas-redondas e debates muito atuais. Sem ele, "Mulheres" voltou a ser um programa como qualquer outro, a Tupi voltou a ser a Tupi de sempre — após 45 dias de trabalho nenhuma das demitidas recebera seus salários — e Xênia voltou a ser a Xênia que sempre foi: absoluta em sua especialidade. ●

Nobre como poucos



LOUIS XIV - Le Roi Soleil
Toile de H. Rigaud - Musée du Louvre - Paris

*A nobreza sempre soube cultivar em cada detalhe
a finesse e o requinte.*

*O vinho Baron de Lantier revela um sabor tão nobre
quanto as mais tradicionais estirpes européias.*



BARON DE LANTIER

Vinho fino de origem controlada

**Ponha
na sua agenda
o telefone
de Beethoven,
Chopin, Brahms,
Frank Sinatra
e Dave Brubeck**



CLDOMIR BEZERRA

Baleia esfolada na Paraíba: cena que pode terminar em dois anos

Ambiente

Fim de matança

*Deve terminar, no Brasil,
a caça às baleias*

Na madrugada desta terça-feira, dia 17, zarpa do porto de Costinha, na Paraíba, o navio "Katsumaru", da Companhia Pesca Norte do Brasil (Copesbra), abrindo mais uma temporada nacional de caça à baleia. Até 30 de dezembro, cumprindo uma cota fixada pela Comissão Internacional de Pesca da Baleia (CIB), seus arpões deverão fulminar 786 exemplares do maior e mais pesado animal existente no mundo. Tradicionalmente, a abertura de cada temporada é acompanhada por irados protestos dos conservacionistas, segundo os quais as baleias de hoje serão os dinossauros de amanhã, a menos que pare a matança. E este ano não fugirá à regra: até o fim do mês, um documento com aproximadamente 30 000 assinaturas atracará na mesa de trabalho do presidente João Baptista Figueiredo.

Mas desta vez a reação conservacionista seria dispensável. Como declarou a VEJA na semana passada o secretário especial do Meio Ambiente, Paulo Nogueira Netto, o Palácio do Planalto acaba de autorizar ao Ministério da Agricultura a suspensão, dentro de dois anos, da licença da Copesbra para caçar baleias. O prazo foi estabelecido a fim de permitir que a empresa — na verdade uma subsidiária da poderosa Nippon Reiza KK, com sede em Tóquio — possa readaptar seus equipamentos para a pesca do cação e do atum, abundantes na costa brasileira.

Quase ao mesmo tempo — e ainda coincidindo com uma nova reunião da CIB, realizada em Londres entre os dias 9 e 13 últimos —, o biólogo e histologista Sebastião Monte, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, publicava em Natal uma pesquisa que vinha confirmar uma velha intuição dos conservacionistas e fornecer mais um aval para a decisão do governo. Após cinco anos de exames em setenta pares de ovários de baleias Minke, a encontrada no Brasil, Monte detectou, em 81% dos casos, "claros sinais de fecundação recente". Em outras palavras, a persistir a matança durante a procriação, a Minke, com uma atual população mundial de 200 000 exemplares, corre o risco de disputar um concurso de raridade com as baleias Fin (95 000) e Sei (100 000), além do cachalote (300 000).



1) Minke; 2) Fin; 3) Sei;
e 4) cachalote

Os telefones são: 220-0027, 221-0028 e 223-5093.

São os telefones da Brenno Rossi, onde você encontra o intérprete ou regente que quiser, a qualquer hora.

Porque a Brenno Rossi tem a mais completa linha de equipamentos de som, e também o maior estoque de discos nacionais e importados de toda a América do Sul.

Com uma vantagem a mais: se você não puder passar pessoalmente por nossa loja, basta escrever ou pedir por telefone.

A Brenno Rossi tem condições de enviar para qualquer cidade do Brasil os pedidos feitos por telefone ou pelo correio.

Brenno Rossi

Rua 24 de Maio, 253 - CEP 01041
Telefones: 220-0027 - 221-0028 - 223-5093
(Código 011) São Paulo

PLATINA

A suave diferença de Gillette® GII

Ação Gillette GII

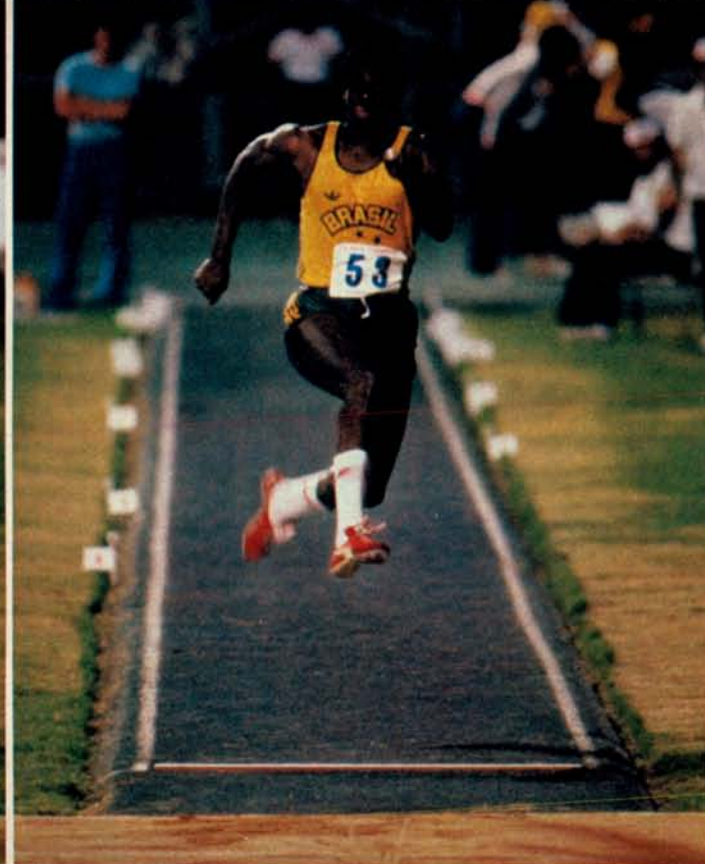


A primeira lâmina passa e puxa o fio de barba cortando-o imediatamente. A segunda vem logo a seguir pegando o fio antes que este se retraia, dando um escanhoar perfeito.

Fios enriquecidos com platina. Esta é a diferença de Gillette GII. Um fino revestimento deste nobre metal proporciona um barbear suave, confortável e seguro.



Exija lâminas Gillette GII com platina. A suave diferença.



FOTOS PEDRO MARTINELLI

Esporte

Um João só é pouco

Para superar as distâncias que separam os países nos Jogos Pan-Americanos é preciso mais que heróis isolados, como João Carlos de Oliveira

Com um salto de 8,18 metros — mais que suficiente para atravessar um ringue de box sem pôr os pés no chão — e outro, de 17,27 metros (um palmo a menos que o comprimento de uma quadra de voleibol), o brasileiro João Carlos de Oliveira ganhou as provas de salto em distância e salto triplo. Exatamente como prometera ao embarcar para os VIII Jogos Pan-Americanos de San Juan de Porto Rico. Não se tratava de uma declaração pretenciosa. Ao deixar o Brasil, João Carlos estava em excelente estágio atlético e disposto a repetir as duas vitórias que conquistara no México, quatro anos antes.

Saltar mais que os outros novamente foi, para ele, a melhor maneira de dar o troco a James Buts (terceiro lugar),

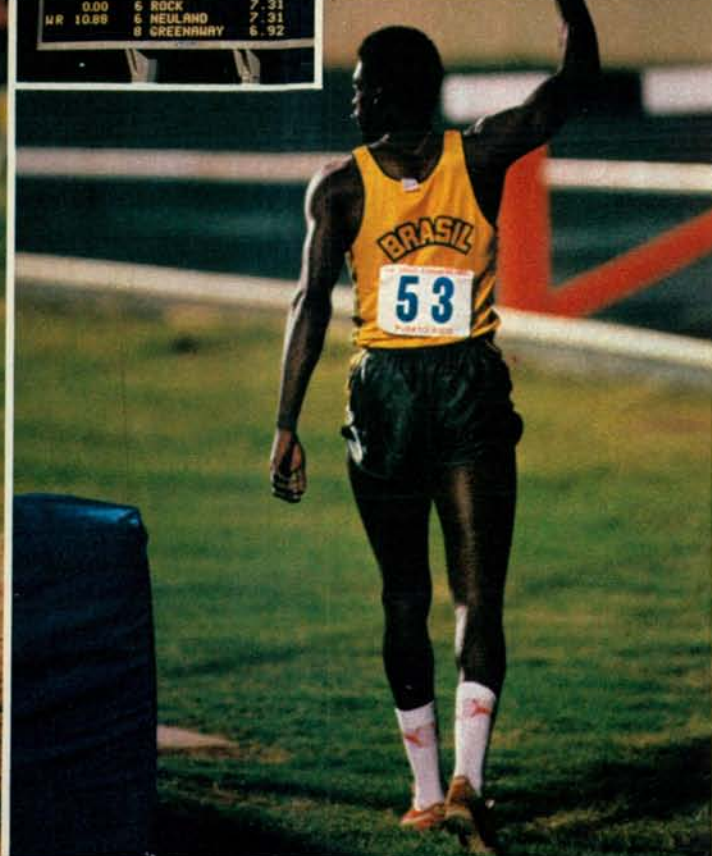
o americano que ganhou a medalha de prata nas Olimpíadas de Montreal. Na época, segundo João Carlos, Buts e o soviético Viktor Saneev, medalha de ouro, teriam debochado da medalha de bronze do brasileiro. “O americano eu já peguei. No ano que vem quero pegar o russo lá na casa dele mesmo”, promete João.

Vingança igual sonhava Agberto Conceição — mas não foi possível. Chegou em terceiro lugar nos 800 metros rasos, quase pisando os calcanhares do cubano Alberto Juantorena. “Corri bem mas não cheguei onde queria”, afirmou ele a Wladir Dupont, de VEJA: “É que, como tenho porte pequeno, nas curvas, por uma questão de movimentos, os atletas maiores podem

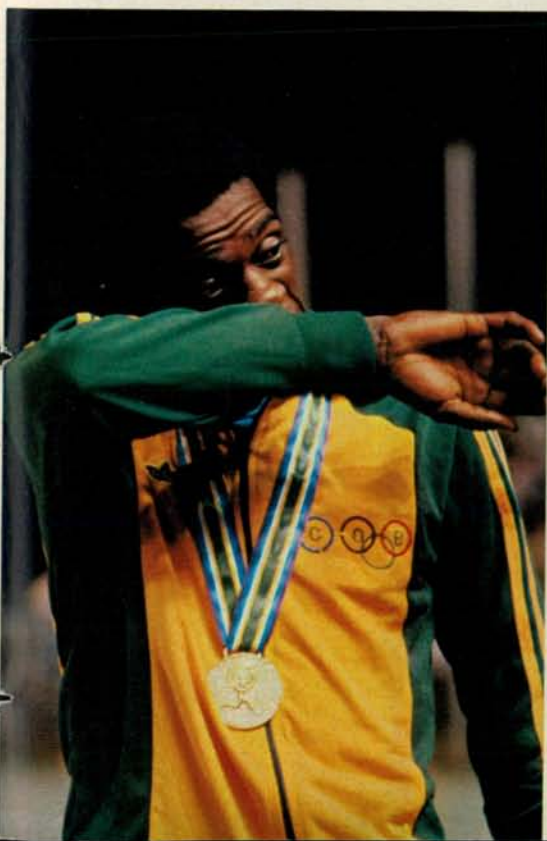
me machucar. Então, para me proteger, acabo me prejudicando”.

É um defeito possível de ser corrigido antes das Olimpíadas de Moscou, na opinião de Agberto. Terminados os Jogos Pan-Americanos, ele vai para os EUA estudar arquitetura e treinar em melhores condições que encontra até agora. “No Brasil falta-nos mais apoio do governo, assistência médica, alimentação adequada”, numera Agberto. “E, no esporte, a gente não deve parar e, sim, procurar melhores condições. É isso que vou fazer. Para ver se ganho uma medalha para o Brasil em Moscou, seja qual for o tipo de medalha.”

MÃOS DADAS — É também com apoio para estágios no exterior que



O fenômeno brasileiro: na seqüência acima, João Carlos de Oliveira ganha o salto em distância com 8,18 metros, e comemora. Ao lado, completando a festa no salto triplo. Abaixo, enxugando o suor na hora de receber uma das medalhas

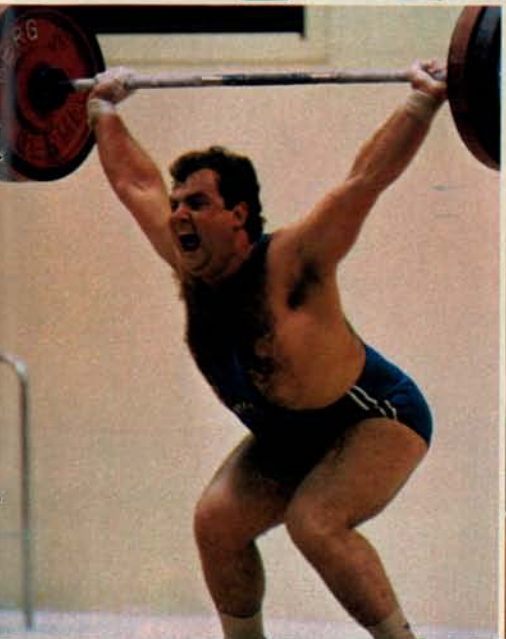
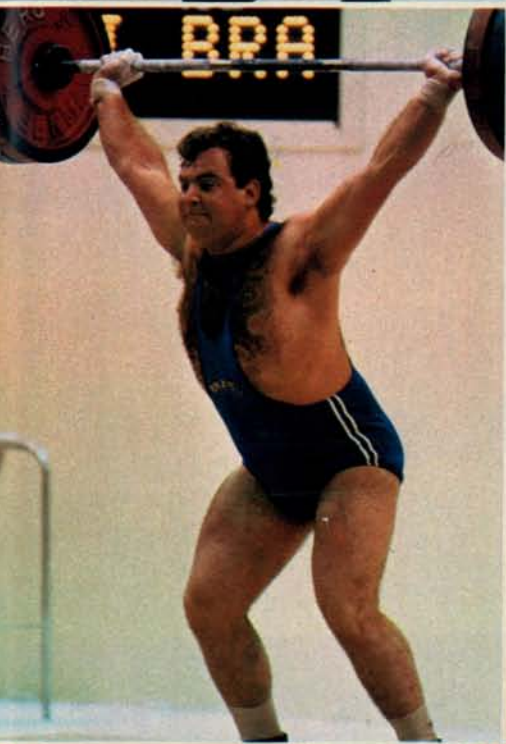




A chuva, um dos problemas dos Jogos de Porto Rico (acima) atrapalha as provas de equitação. Abaixo, o barco dois-com, do Brasil rumo a mais uma medalha ganha pela equipe de remo e saudada (ao lado) junto à bandeira nacional. Na página seguinte, os juízes assistem a uma final das provas de atletismo e o halterofilista brasileiro Roberto Fornaciori fracassa em sua tentativa de ganhar medalha



FOTOS PEDRO MARTINELLI

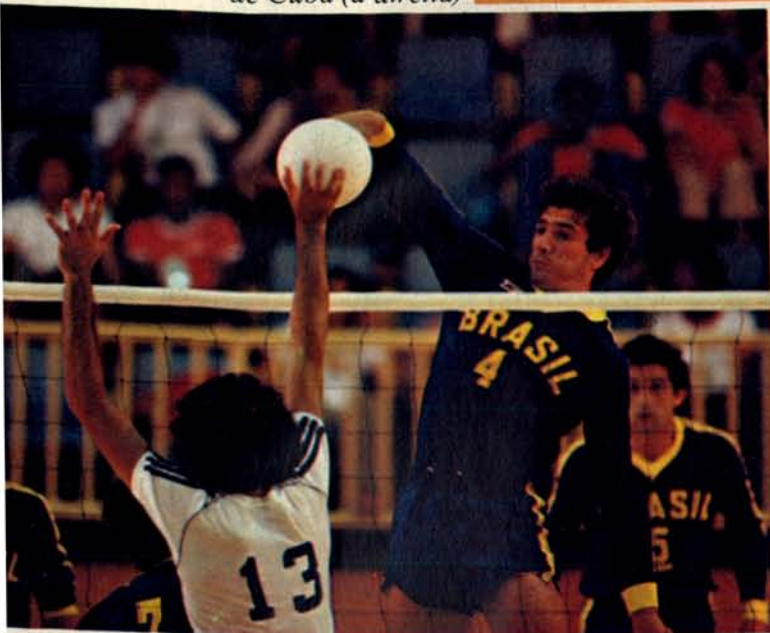




Acima: Agberto, Robinson e Juantorena: amistosamente, esperando o placar oficial depois da árdua disputa dos 800 metros rasos



Os esportes coletivos: o Brasil no basquete (ao lado) e no voleibol masculino (abaixo), e o time de vôlei feminino de Cuba (à direita)



João Carlos espera desenvolver ainda mais virtudes para as Olimpíadas de 1980. Ele é um raro fenômeno latino-americano capaz de bater e continuar batendo os formidáveis atletas dos Estados Unidos. São, porém, esforços isolados, insuficientes para alterar o quadro dos Jogos Pan-Americanos. E as competições de Porto Rico refletiram mais uma vez as distâncias que também no esporte separam os países do hemisfério. Na classificação geral, não há adversários para os Estados Unidos (acima de 200 medalhas). Ninguém consegue também chegar perto da disputa entre Canadá e Cuba pelo segundo lugar (entre 110 e 140 medalhas). Um terceiro grupo, formado por Brasil, México e Argentina, fica na luta por trinta a quarenta medalhas. Finalmente, bem abaixo, todos os outros. Para esses, ganhar uma única medalha (ainda que de bronze) já é um feito memorável — e o objetivo máximo é chegar a dez.

Os americanos, na maior parte das vezes, disputam entre eles mesmos as medalhas de ouro e prata. Em San Juan, pelo menos no atletismo, passaram o tempo surrando os cubanos, seus rivais ideológicos. Às vezes quase amistosamente, outras nem tanto. Na semana passada, na pista do Estádio Sixto Escobar, James Robinson, autor de uma espetacular atropelada no final da prova dos 800 metros, surpreendeu e bateu o favorito Juantorena e o brasileiro Agberto Conceição. Depois de passar a fita de chegada, e antes mesmo que o rival parasasse, Robinson — que já havia vencido Juantorena cerca de um mês atrás — ergueu amistosamente o braço do derrotado e depois, de mãos dadas, ambos esperaram a confirmação do resultado.

No dia seguinte, o recordista mundial Renaldo Nehemiah agria de outra forma, tripudiando sobre o campeão cubano Alejandro Casanas, ao vencer a prova dos 110 metros com barreiras. Nehemiah disparou na frente dos adversários e colocou uma distância tão confortável entre ele e Casanas, o segundo colocado, que se deu ao luxo de levantar o braço, saudando a vitória antes de cruzar a linha de chegada.

DESPREZO — No esporte, o triunfo é quase sempre mais efêmero do que as derrotas, e atletas como Nehemiah correm o risco de cedo ou tarde lastimar os atos de agora. O cubano Juantorena que o diga. No ano passado, ao ganhar a prova do Campeonato

Mundial, ele desprezou ostensivamente o cumprimento tentado pelo brasileiro Agberto. “Ele nem olhou para a mão que eu estendi”, reclama Agberto. Depois da derrota para Robinson, em Porto Rico, e, dois dias depois para Tommy Dorden (EUA), nos 400 metros rasos, Juantorena já não mantinha a mesma pose e, até, tentava parecer amigável com todos.

Perder a pose, aliás, não é raro em



PEDRO MARTINELLI

Contra o Canadá: derrota e queixas

competições esportivas — e, nos VIII Jogos Pan-Americanos, outros passariam pelos mesmos sabores que Juantorena.

Também aos brasileiros estariam reservadas decepções — principalmente com o time de basquete masculino que viajou para Porto Rico prometendo disputar a medalha de ouro. Ganhou a de bronze mas entrou em crise, depois de uma campanha de espantosa irregularidade. O time, entre outras coisas, perdeu para as Ilhas Virgens, quase bateu os EUA, vingou-se da derrota no campeonato sul-americano vencendo a Argentina, passou com alguma folga por Cuba, perdeu para Porto Rico e desmoronou na sexta-feira em sua última partida, der-

rotado pela medíocre equipe canadense. Mesmo assim, o Brasil acabaria ficando em terceiro lugar graças ao saldo de pontos. Mas, ao final do jogo, conta Pedro Martinelli, de VEJA, o veterano Ubiratã desabafou para o técnico Ary Vidal: “Olha aí, ‘seu’ Vidal, perdemos essa partida por sua causa. Ainda bem que o senhor vai embora”.

Os jogadores se queixavam de que o técnico não dava instruções coerentes ao time e atribuíam as poucas vitórias a seus próprios esforços.

Vidal, de certo, é uma das cabeças que correm o risco de rolar na volta da delegação — pois foi exatamente do basquete masculino o maior vexame de uma equipe brasileira nos Jogos. O basquete feminino, como era previsto, ficou com o quarto lugar. O futebol chegou à final para disputar a medalha de ouro no sábado. O time de hóquei-sobre-patins, totalmente desprezado ao sair do Brasil, garantiu medalha de bronze. O vôlei feminino, que esperava chegar em quarto, ficou em terceiro. Finalmente, o voleibol masculino foi para a decisão do título contra Cuba, na sexta-feira, necessitando de uma vitória por 3 a 0. Perdeu de 3 a 2. Mas foi a única equipe nos Jogos a vencer dois sets de Cuba.

“Ganhar de Cuba por 3 a 0 seria uma tarefa quase impossível”, confessou o técnico brasileiro Paulo Russo. “Eles são os terceiros do mundo e nos últimos Pan-Americanos nós perdemos por 3 a 0. De qualquer forma, conseguimos classificação para disputar as Olimpíadas de Moscou, no ano que vem.”

Disputar as Olimpíadas, de fato, passa a ser agora o objetivo do esporte brasileiro. Nesse encontro internacional, contudo, o Brasil voltará a ser apenas mais um daqueles países para os quais uma única medalha, qualquer que seja, já pode ser festejada como um feito glorioso — pois nessa competição o país continua dependendo apenas de um só João Carlos de Oliveira.

Um tiro no escuro

*O triste fim do Skylab,
que se espatifou de madrugada
num deserto da Austrália*

Foi um anticlímax. Durante semanas, o mundo inteiro ficou em sobressalto com a proximidade da volta do Skylab à Terra e com os estragos que causaria se caísse em alguma região densamente povoada. Acidentalmente, porém, o que sobrou do laboratório espacial, o maior artefato já colocado em órbita pelo Homem, despencou sobre a desértica região ocidental da Austrália, na madrugada de quarta-feira passada (13h30 em Brasília). E ninguém ficou ferido.

À parte o alívio pela inexistência de vítimas, ficou no ar senão uma frustração geral pelo menos um olímpico desinteresse por parte da opinião pública: na sexta-feira, o assunto já estava recolhido às páginas internas dos jornais e as agências internacionais simplesmente deixaram de transmitir notícias e radiofotos a respeito do resgate. Em dois lugares, contudo, o Skylab continuou brilhando: nos laboratórios da NASA e, é claro, na Austrália. Os depoimentos de testemunhas da queda vão de "um barulho profundo, como um trovão", à "chuva de meteoritos riscando o céu como cometas em tons de amarelo, rosa, verde e azul". Um espetáculo deslumbrante, na opinião de policiais, lavradores, funcionários de aeroportos e até de um piloto que voava sobre o deserto de Nullabor. Antes mesmo que o dia amanhecesse, começou a corrida de colecionadores e curiosos em geral em busca de fragmentos da nave — uma odisséia a que se entregou até mesmo a Miss Estados Unidos, Mary Friel, que foi à Austrália para participar do concurso de Miss Universo.

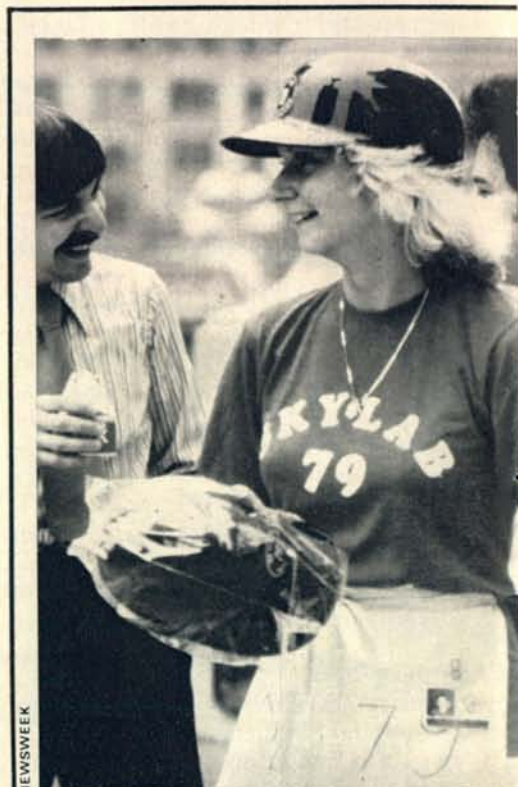
A ROTA DOS DESTROÇOS — Foi uma "chuva" de cerca de 20 toneladas de material incandescente, numa faixa que vai da cidade de Albany, no sudoeste, a Somerset, no nordeste do território australiano e mais além, no mar de Coral, próximo da Nova Guiné. Apesar do empenho dos caçadores de destroços, o primeiro pedaço do Skylab só seria encontrado na quinta-feira, numa fazenda de criação de carneiros próxima da cidade de Rawlinna: um cilindro metálico de 1,80 metro de comprimento por 0,90 de diâmetro, pesando aproximadamente 1 tonelada. Provavelmente, um dos seis tanques de oxigênio da nave.

Enquanto despachava uma equipe de engenheiros para a Austrália, a NASA informava, na sexta-feira, que pelo menos 48 grandes pedaços do Skylab haviam caído nesse país, dos quais 38 deveriam pesar mais de 100 quilos e dez com 500 quilos. Entre estes estariam um tubo de telescópio, um divisor de tanque de combustível, o cofre de filmes forrado com chumbo (1 800 quilos) e um envoltório a prova de ar, de cerca de 7 metros de comprimento, pesando 2,5 toneladas — nenhum dos quais encontrado até sexta-feira à noite.

Mas, apesar de ser a proprietária dos restos do Skylab, a NASA não tinha muitas esperanças de recolher mais que alguns pedaços de menor importância. "Uma pena", lamentavam alguns funcionários, antecipadamente em Washington, pois a recuperação de uma peça metálica que ficou exposta à radiação cósmica por mais de seis

anos seria preciosa para uma série de pesquisas.

FINAL INGLÓRIO — Embora o ponto de impacto com o solo não tenha sido previsto pelos cientistas da NASA que trabalhavam na central de controle de Houston, no Texas, uma manobra de última hora evitou que o laboratório caísse no Canadá ou nos Estados Unidos. Esse perigo chegou a ser alertado pelas estações de rastreamento que acompanhavam as últimas revoluções do Skylab em torno da Terra, pouco depois da meia-noite de terça-feira. Diante disso, a central de controle decidiu acionar os pequenos jatos da nave, com o que foi possível elevar sua altitude de 120 para 128 quilômetros — para retardar sua reentrada na atmosfera.

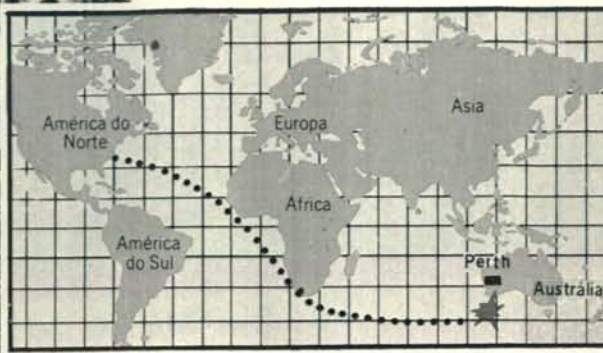


Os efêmeros produtos do Skylab



UPI

Partido em dezenas de pedaços, o Skylab deu um show de 2 minutos no céu da Austrália. Depois, até a Miss Estados Unidos, Mary Friel, saiu à procura dos destroços



Cada minuto ganho representaria uma distância de 350 quilômetros percorridos a mais pelo Skylab. A estação estava voando de lado e não de ponta, em sua órbita, o que aumentava o atrito e apressava a queda. Foi o oficial de controle de computador Mike Hawes, 23 anos, quem deu a ordem de retificação da altitude para a estação de rastreamento de Santiago, no Chile. Logo depois, às 2h23, o Skylab recebeu os sinais e passou a piruetar no espaço pelas seis órbitas seguintes. A partir daí, já

sem nenhum controle sobre a queda, o pessoal da NASA só podia afirmar que a maior probabilidade para o ponto de impacto seria o oceano Atlântico ou o Índico — uma previsão, afinal, nem tão distante do ocorrido.

De qualquer forma, um final inglório para a última etapa do mais ambicioso programa espacial, o Apolo, que há exatamente dez anos levou o primeiro homem à Lua. Antes do fiasco final, contudo, o Skylab cumpriu uma das mais importantes missões de pesquisa

científica no espaço, entre as quais de comprovar que as funções biológicas do homem se estabilizam depois de uma permanência prolongada em ambiente sem gravidade.

Uma folha de serviços, enfim, que não merecia ter seus restos mortais trocados por uma maior cota nas exportações de carne da Austrália para os Estados Unidos, como propôs jocamente o primeiro-ministro Malcolm Fraser em telegrama ao presidente Jimmy Carter.

Da histeria ao deboche, um "happening"

Materialmente, o episódio do Skylab não teve importância: a cada ano cai sobre a Terra uma tonelação maior de corpos espaciais. O célebre meteorito que caiu sobre Tunguska, na Sibéria, em 1908, pesava, por exemplo, 10 milhões de toneladas, 125 000 vezes mais que as 80 toneladas do Skylab. Tal como esse de Tunguska e todos os corpos vindos do espaço que desabam continuamente sobre a Terra desde há bilhões de anos, o Skylab também não causou dano nenhum ao homem — exatamente, aliás, como previam os funcionários da NASA e as pessoas razoavelmente bem informadas. Afinal, seu peso equivale a um terço de um Jumbo. E jatos, infelizmente, caem de tempos em tempos com prejuízos maiores.

No entanto, a imaginação popular

viu-se mais uma vez acendida. Skylab foi o nome dado a um bebê cearense. Um pastor protestante americano pretendeu fazer uma "corrente de pensamento" com milhões de pessoas para impedir a queda. Um sul-africano, Johnny Hilthausen, exigiu judicialmente do governo americano uma indenização equivalente a 100 milhões de cruzeiros "por não ter dormido as últimas noites por causa do Skylab". Em São Paulo, um cidadão que teve a parede de sua casa destruída por um ônibus desgovernado, bem no dia da queda, garantiu que sua primeira reação foi gritar: "É o Skylab!" Em Madrid, uma mulher de 56 anos, Victoriana López, subiu ao peitoril da janela de seu apartamento no 3.º andar e gritou: "Quero me matar antes que o monstro caia sobre minha cabeça".

FATO PREVISTO — A sra. López foi salva pelos bombeiros. Mas nem todas as reações foram histéricas. No mundo inteiro, nos bares e locais de trabalho, foram feitas apostas,

mapa-múndi à mão, sobre o local da queda. A revista americana *Aviation Week* organizou um concurso para quem acertasse esse local. Particularmente nos Estados Unidos, foram vendidas camisetas, distintivos, botões de lapela e os mais variados objetos com o símbolo do Skylab.

Nada disso foi emocionante quanto a espera mística do malogrado cometa Kohutek, que se mostrou invisível a olho nu. Havia, nesses últimos dias, um certo deboche por trás da expectativa de massa sobre o Skylab. O jornal soviético *Izvestia* deu a entender que a cobertura dos meios de comunicações ocidentais sobre o caso visava a "promover comercialmente" filmes de ficção científica. E no Brasil não faltou quem sugerisse o franqueamento de nosso mar territorial a dezessete Skylab que possam cair no futuro. A 2,6 bilhões de dólares cada — preço do que acaba de desabar —, isso seria suficiente para resgatar a dívida externa brasileira de 43 bilhões de dólares.



Darcy (à esquerda): pelos araras



A primeira sessão: desencontros entre a mesa e a platéia

Cultura

A SBPC da abertura

Pela trigésima primeira vez, a comunidade acadêmica brasileira está reunida: para debater seus temas e para mostrar todo seu vigor

Pelado eu sou assim", sentenciou o antropólogo, educador, ex-ministro da Educação e ex-chefe do Gabinete Civil (governo João Goulart) Darcy Ribeiro. Ele não estava propriamente pelado: escarrapachado sobre uma *chaise longue* à beira da piscina do Hotel Colonial, em Fortaleza, Darcy Ribeiro, evidentemente, usava um calção. Sua frase, ao sentir a aproximação de um interlocutor, foi apenas uma maneira cordial de iniciar uma conversa-ção.

Na manhã da quinta-feira passada, sob o sol perene da capital cearense, a piscina do Hotel Colonial, como nunca em sua história, regorgitava de saber. O historiador Carlos Guilherme Motta, da Universidade de São Paulo, pulava de grupo em grupo. Com um calção largo, circunspecto como sempre, o septuagenário farmacologista Maurício Rocha e Silva, da Escola de Medicina

de Ribeirão Preto, cautelosamente des- cia os degraus da piscina e entrava na água.

Por sua vez, sentado a uma mesa e protegido por um guarda-sol, o físico Luís Carlos Menezes — outro da USP — compulsava um livro de bolso americano contendo uma seleção da correspondência de Albert Einstein.

"SALVAR OS ARARAS" — De manhã, piscina — ou praia, para quem preferisse —, à tarde, ciência. Transcorria assim até o final da semana passada a XXXI Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, aberta na quarta-feira passada e com final previsto para esta quarta-feira, dia 18. Na tarde daquela mesma quinta-feira, as mesmas personagens da piscina do Colonial se travestiam em papéis diferentes. "É preciso salvar os araras", proclamava Darcy Ribeiro, num debate so-

bre o índio, numa das salas do *campus* universitário do bairro do Pici, sede da Universidade Federal do Ceará e local onde se realizam ou se realizarão as 139 sessões de painéis, 82 sessões de comunicações, 129 simpósios, mesas-redondas e debates, e 49 conferências previstas para este ano.

Darcy Ribeiro referia-se a uma tribo do sul do país e causava um frêmito na platéia, constituída na maior parte de estudantes. "Sejam egoístas", insistia. "Pensem em si próprios. Vão morar com os índios." Enquanto isso, em uma outra sala, onde se realizava uma comemoração dos 100 anos do nascimento de Albert Einstein, o físico Menezes se utilizava do que lera pela manhã e recorria a uma citação do inventor da teoria da relatividade, escrita na época do macarthismo, para abrir sua conferência: "O problema com o qual estão confrontados os intelectuais deste país



Furtado: saindo sem ser percebido

é muito sério. Políticos reacionários dedicam-se ao afã de instalar no público uma suspeição com relação ao trabalho intelectual. Tendo conseguido isso, eles tentam subtrair de suas posições todos os que não são submissos, isto é, fazê-los morrer de fome”.

PRÊMIOS E COMÍCIOS — “Um Woodstock cultural.” Assim um dos participantes do congresso deste ano — o sociólogo José de Sousa Martins — define as reuniões da SBPC. Como nos anos anteriores, é extremamente diversificada, tanto a qualidade de participantes como a dos temas debatidos. Há estrelas, como Darcy Ribeiro, o economista Celso Furtado — um dos homenageados deste ano — e o físico José Leite Lopes, que, depois de dez anos de exílio, pela primeira vez volta ao Brasil (veja o quadro na página 82). Lado a lado com eles, entre os quase 2 000 inscritos deste ano, anônimos pesquisadores com especialidades variando da Sociologia ou da Física à Enfermagem ou à Metabologia e Nutrição.

Da mesma forma, do programa consta de um excitante debate sobre a “miséria intelectual dos anos 70”, previsto para esta semana, a um hermético painel sobre “Enucleação Total dos Cistos de Retenção do Assoalho Bucal”, realizado na quinta-feira, dentro da programação de Odontologia. Um festival, sem dúvida. E um festival que inclui ao mesmo tempo episódios ao gosto de um leitor de *Seleções do Reader's Digest* —

como a entrega dos prêmios aos colegiais contemplados no concurso “O Cientista de Amanhã” — e manifestações paralelas fortemente políticas, como o comício pela anistia ampla, geral e irrestrita realizado ao cair da tarde de sexta-feira, na praça do Ferreira, no centro de Fortaleza, com a presença do senador Teotônio Vilela, de meia dúzia de deputados da ala esquerda do MDB e de alguns luminares acadêmicos presentes na cidade.

DESENTENDIMENTO — Também não faltou um toque de surrealismo. Na sessão de abertura do congresso, realizada na concha acústica localizada no pátio da reitoria da Universidade Federal do Ceará, o

desentendimento entre as 26 pessoas que constituíam a mesa solene e as cerca de 2 000 pessoas na platéia foi total. A concha revelou-se nada acústica. Os microfones, por sua vez, emitiam grunhidos que impediam qualquer captação da palavra dos oradores. Mesmo assim — e este foi um fato extraordinário — a platéia revelou um inabalável respeito pela ciência. Ficou em seus lugares, estoicamente. Como prêmio de consolação, de vez em quando era possível discernir alguma expressão

lançada pelos oradores — “terrorismo cultural”, por exemplo, ou o nome do governador Virgílio Távora. Registravam-se então as manifestações que se podem imaginar: aplausos para o terrorismo cultural e vaias para Virgílio Távora. Este, sentado ao lado do ex-presidente da SBPC, o físico Oscar Sala, ao perceber que o clima lhe era desfavorável, desistiu de fazer o discurso em que conclamaria os cientistas presentes em Fortaleza a ajudarem na formulação da política energética do país.

Sob um certo ponto de vista, o festival SBPC já não é o mesmo de alguns anos atrás. Ninguém mais se surpreende com ele. Hoje já não é o mesmo que foi, por exemplo, em Brasília em 1976 ou em São Paulo, em 1977 — ocasiões em que a SBPC explodiu como um concentrado furo de denúncias contra o regime e uma vanguarda caixa de ressonância em favor de temas como anistia ou a constituinte. Pudera! Hoje, o país é outro. As greves são rotina, os sindicatos se reerguem, há articulações partidárias, surgem outros foros de debate. “Hoje, posso chegar no meio dessa gente e gritar ‘Abaixo a ditadura’”, dizia um jovem físico, na noite de abertura. Ficou claro à exaustão, nas reuniões da SBPC da semana passada ou nas manifestações paralelas realizadas em Fortaleza, que o país mudou. No comício em favor da anistia ampla, total e irrestrita da praça do Ferreira, houve um orador que citou — acredite-se — o “glorioso ex-senador Luís Carlos Prestes”. E entre as bancas de livros e revistas montadas na entra-



Festas para os intelectuais: ciência só no período da tarde



Pimenta: o governo é que deveria desculpar-se pelas injustiças

da do prédio da computação de dados da Universidade Federal do Ceará — local onde funciona a secretaria e a coordenação geral do congresso — um dos itens mais procurados são posters de Che Guevara.

Mesmo esvaziada das surpresas que proporcionou nos anos anteriores, porém, esta Reunião de Fortaleza não deixa de se revestir de certas características especiais. Ela não é ainda, como poderiam esperar os mais otimistas, a SBPC da reconciliação. Mas talvez se possa dizer que seja a SBPC do começo da reconciliação. Nunca, como no congresso deste ano, a legião dos exilados, ou ex-exilados, esteve tão numerosamente representada: Celso Furtado, Darcy Ribeiro, Leite Lopes, o ex-reitor da Universidade Federal de Minas Gerais, Aloísio Pimenta, o sociólogo paulista Eder Simão Sader — para citar apenas alguns deles.

Mas ainda há outro elemento que singulariza a SBPC deste ano: ela coincide com o momento que a comunidade científica brasileira começa a se recolocar de pé. Os cientistas, até agora, não se queixaram sistematicamente de que não eram ouvidos nas grandes questões nacionais? Pois bem — agora já há uma luz de esperança. “Ao firmar o acordo nuclear com a Alemanha, por exemplo, o governo não ouviu os cientistas”, declara o geneticista Warwick Kerr, da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. “Mas agora está ouvindo.” E este não é o único exemplo dos canais que, embora tímidos, embora ainda longe de completamente desentupidos, começam a ser abertos entre governo e comunidade científica. Recentemente, a Secretaria de Planejamento da Presidência da República pediu aos cientistas do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia um parecer sobre

a política florestal a ser posta em prática na Amazônia? “Agora, é esperar que o governo ouça a voz de quem mais entende de Amazônia no mundo”, diz Kerr.

“A SBPC PESOU” — Hoje, no Brasil, entre universidades e institutos isolados de ensino superior, há 862 unidades. Uma cifra que representa um crescimento de 131% em relação aos 372 estabelecimentos de ensino superior que existiam há dez anos. O número de alunos já supera o milhão e meio. E o número de professores está próximo dos 100 000. Evidentemente, em meio a esse cipoal de números, podem-se extrair



Sinal dos tempos: Che de volta

distorções variadas. A qualidade dos institutos que foram abertos nos últimos dez anos, por exemplo, é uma delas. Outra é o fato, grave, de a Universidade ainda não ter recuperado sua autonomia plena nem a liberdade essencial para o exercício de suas funções.

Com seu folclore, comum a qualquer tipo de convenção, a reunião anual da SBPC, pelas vaias, aplausos, conferências brilhantes ou discursos enfadonhos, é sobretudo o grande momento de consciência política e festiva da comunidade acadêmica brasileira. É precisamente ela quem dá à SBPC a projeção nacional e, ao Brasil, a projeção cultural que o transforma em abrigo de uma sólida comunidade universitária, capaz de exibir resultados e estudos absolutamente singulares para um país do Terceiro Mundo e inexistentes em certos campos de pesquisas até em países desenvolvidos. O Brasil tem hoje uma comunidade acadêmica respeitável, produtiva e criadora. Ela pode hostilizar governos e regimes, pode ter instantes de deslumbramento social mas, sem qualquer dúvida, seja qual for o traçado do futuro do país, seu desenho haverá de ser cada vez mais influenciado pelos rostos circunspectos daqueles que, sentados no chão, ouvem palestras na SBPC.

Quanto à comunidade científica propriamente — gente diretamente ligada à pesquisa, à produção de teses ou à publicação de livros —, ela se constituiria de umas 30 000 pessoas. E sua atividade pode ser medida pelo número de trabalhos que este ano desabou no congresso da SBPC: 2 342.

Como pode essa massa deixar de ter alguma influência nos destinos nacionais? Ela não pode — segundo reconhece o próprio Oscar Sala, que ao fim da atual reunião passará o cargo de presidente da SBPC a seu sucessor eleito, José Reis. “A influência da comunidade científica na sociedade não é imediata, mas já está se fazendo sentir”, diz Sala. Ele cita um exemplo: em 1972-1973, na Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, já se começava a discutir a utilização do álcool como combustível para a indústria de base. Mesmo em relação aos temas políticos, como as reivindicações de anistia e democracia, Sala

FOTOS CENTRAL/MANUEL NOVAES

O "ranking" acadêmico

Como medir a produção acadêmica brasileira? Quais as faculdades, universidades, institutos mais ativos na busca de idéias novas? Nada mais significativo que os trabalhos registrados na Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Poderá objetar-se que, em determinadas áreas do conhecimento, os pesquisadores preferem enviar teses a outras instituições. É o caso dos economistas, que prestigiam com maior entusiasmo as resenhas anuais da Associação Nacional

de Centros de Pós-Graduação em Economia (Anpec) às da SBPC. No entanto, a pesquisa organizada por VEJA, baseada nas teses recebidas pela SBPC no período 1976/1979, permite, sem dúvidas, o retrato mais claro do panorama acadêmico brasileiro atual, onde se percebe, por exemplo, a extraordinária performance das faculdades paulistas, sobretudo da Universidade de São Paulo e da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).



Ciências aplicadas

COMPUTAÇÃO E SIMULAÇÃO

Unicamp	44
Universidade de São Paulo	18
Univ. Federal de Santa Catarina	7

ENGENHARIA E TECNOLOGIA

Universidade de São Paulo	174
Unicamp	167
Univ. Federal do Rio de Janeiro	23

MEDICINA E EPIDEMIOLOGIA

Universidade de São Paulo	13
Universidade de São Paulo (Ribeirão Preto)	12
Univ. Federal do Rio de Janeiro	8

ENFERMAGEM

Universidade de São Paulo	23
Universidade de São Paulo (Ribeirão Preto)	9

ODONTOLOGIA

Unesp Araraquara (SP)	7
Universidade Federal de Uberlândia (MG)	6
Universidade de São Paulo	5

AGRONOMIA E ZOOTECNIA

Inst. Agrônomo de Campinas	76
Universidade de São Paulo	46
Instituto Biológico de São Paulo	40

TECNOLOGIA DE ALIMENTOS

Inst. de Tecnologia de Alimentos de Campinas (SP)	54
Unicamp	46
Universidade de São Paulo	5

ECONOMIA E ADMINISTRAÇÃO

Univ. Fed. do Rio de Janeiro	9
Inst. Nac. de Pesq. Espaciais	7
Univ. de São Paulo	6
Unicamp	5
Unesp Araraquara (SP)	5



Ciências do homem

LITERATURA

Universidade de São Paulo	17
Unicamp	9
Unesp Araraquara (SP)	6

HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA

Universidade de São Paulo	45
Unicamp	18

LINGÜÍSTICA

Unicamp	30
Universidade de São Paulo	26
PUC de São Paulo	25

POLÍTICA

Unicamp	23
Universidade de São Paulo	11
Centro de Estudos Josué de Castro (PE)	4

FILOSOFIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA

Universidade de São Paulo	14
Unicamp	8
Univ. Júlio de Mesquita Filho	5

SOCIOLOGIA

Universidade de São Paulo	24
Univ. Federal da Paraíba	12
Centro de Estudos e Pesquisas Rurais (Brasília)	12



Ciências do meio ambiente

ECOLOGIA E POLUIÇÃO AMBIENTAL

Univ. Federal de São Carlos (SP)	34
Univ. Federal de Pernambuco	28
Universidade de São Paulo	25

Univ. Federal do Rio de Janeiro	276
Univ. Federal de Minas Gerais	168

PSICOLOGIA E PSICOBIOLOGIA

Universidade de São Paulo	92
Univ. de São Paulo (Ribeirão Preto)	28
Escola Paulista de Medicina	25



Ciências da matéria

FÍSICA

Unicamp	345
Universidade de São Paulo	332
Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas	158

QUÍMICA

Universidade de São Paulo	326
Unicamp	175
Univ. Federal do Rio de Janeiro	128

FÍSICO-QUÍMICA

Universidade de São Paulo	63
Unicamp	63



Ciências da Terra e do universo

GEOFÍSICA

Inst. Nacional de Pesquisas Espaciais	50
Universidade Federal da Bahia	16
Universidade de São Paulo	16

ASTRONOMIA

Ins. Nacional de Pesquisas Espaciais	41
Universidade de São Paulo	39
Universidade Mackenzie (SP)	26

GEOLOGIA

Universidade de São Paulo	13
Universidade Federal do Pará	8
Unesp São José Rio Preto (SP)	6

GEOGRAFIA

Unesp Rio Claro (SP)	14
Univ. Júlio de Mesquita Filho	8
Universidade de São Paulo	7

OCEANOGRAFIA

Universidade de São Paulo	70
Univ. Federal da Bahia	11



Ciências da vida

CIÊNCIAS MÉDICAS E BIOLÓGICAS*

Universidade de São Paulo	798
Univ. São Paulo (Ribeirão Preto)	324
Unicamp	279

* Considerados trabalhos para as áreas de: Medicina, Fisiopatologia, Biofísica, Parasitologia, Microbiologia, Metabolismo e Nutrição, Imunologia e Patologia, Epidemiologia, Zoolo-

gia, Genética e Evolução, Citologia, Histologia, Embriologia, Bioquímica, Botânica, Biologia Molecular, Fisiologia, Farmacologia e Terapêutica Experimental, e Imunologia.

acha que o clamor levantado nas últimas reuniões da SBPC tiveram seu peso no programa de abertura do governo: "A SBPC pesou porque repercutiu no resto da sociedade, propagando-se pela imprensa". Ainda falta muita coisa, evidentemente. Embora o clima tenha melhorado consideravelmente em relação aos anos passados, ainda se sentem, entre a comunidade acadêmica e o poder, as marcas do ressentimento e da incompreensão que assinalaram os últimos anos. Tome-se o projeto de anistia do governo enviado ao Congresso — um tema de comentários cotidianos na SBPC de Fortaleza. Embora se sintam, da parte dos cientistas afastados

de seus postos na Universidade, um generalizado desejo de serem reintegrados em seus cargos, não se conhece ainda um caso de pessoa disposta à reintegração nos termos propostos no projeto — isto é, mediante um requerimento do interessado.

"Não cometi crime algum, fui afastado sem processo. Não vou pedir coisa

alguma", diz Leite Lopes. O ex-reitor Aloísio Pimenta, por sua vez, toma a palavra anistia em seu sentido etimológico para explicar: "Este é o momento de esquecer, por exemplo, que fui perseguido, que fui injustiçado. Se o governo não precisa me pedir nada para isso por que eu tenho de pedir para ser reintegrado?" Em todo caso, já há um projeto de anistia, já há mais exilados voltando à terra. Esta primeira SBPC depois do fim do AI-5 e do Decreto 477, se não se constitui propriamente na SBPC da reconciliação e do entendimento, pelo menos transcorre num momento em que se discerne uma luz no fim do túnel. O caminho está aberto. ●

As órbitas das estrelas da ciência

O economista Paul Singer, do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), fez suas contas e concluiu: a subvenção da SBPC para o custeio de sua viagem de São Paulo a Fortaleza era insuficiente. "Não estou acostumado a pagar para trabalhar", disse ele, e, ato contínuo, cancelou sua participação na reunião científica. Deve saber o que faz: seu negócio são números. Outro economista que costuma magnetizar multidões, no Brasil ou onde quer que ande, o ex-ministro e ex-superintendente da Sudene, Celso Furtado, desembarcou de Paris, via Rio de Janeiro, no momento em que a comissão organizadora da SBPC se dava conta de um grave lapso: ainda não estava garantido o apartamento onde Furtado ficaria durante a semana de conferências.

Houve um momento de embarço. Enquanto telefonavam desesperadamente para os hotéis locais, àquela altura lotados, os organizadores tentavam ganhar tempo, acautelando uma legião de jornalistas sobre o convidado ilustre. Mas Furtado fincou pé no chão lajeado do Aeroporto Pinto Martins: "Não dou entrevista enquanto não souber onde vou dormir", murmurou sombrio. Assim foi. O ex-ministro só falou depois que vagou, como por mágica, um apartamento no Hotel Colonial, um dos melhores da cidade.

Claro, a comunidade científica também tem direito a pão, teto — e estrelas. É por isso que informa-



Lopes: quieto em seu canto

ções, como o rigor contábil de Singer, ou a obstinação de Furtado em não falar enquanto não soubesse onde dormir, circulavam, na semana passada, em Fortaleza, murmuradas entre dentes. Singer, Furtado, todos eles têm seu sistema planetário próprio — os estudantes, colegas ou simples curiosos que em torno deles gravitam seja qual for a órbita. Esses satélites lotam salas de conferências, atravancam halls de hotéis, peregrinam pelos restaurantes em busca de uma palavra ou mesmo um simples olhar de suas estrelas maiores.

Dessa constelação, na atual SBPC, o ponto mais reluzente na semana passada era ocupado pelo bulhoso antropólogo e ex-ministro da Educação Darcy Ribeiro, que se deslocava em caravana, era aguardado com ansiedade nos lugares onde tinha compromissos, provocava curiosidade e reverência. Talvez ele venha a ser desbancado, esta semana, pelo sociólogo e quase-senador Fernando Henrique Cardoso, o príncipe de SBPCs passadas, cuja chegada está prevista apenas para terça-feira, penúltimo dia do congresso.

Ainda que, por ser tão meteórica sua passagem, tenha desde já provocado decepções. Uma frustração, aliás, só igualada pela extrema discricção do físico exilado José Leite Lopes, um pernambucano que, depois de dez anos de residência na França, volta aureolado por sua nomeação para uma cátedra na respeitada Universidade de Estrasburgo. Deliberadamente, Leite Lopes programou sua órbita de forma a permanecer distante de qualquer burburinho, em Fortaleza. Só apareceu no *campus* da Universidade Federal do Ceará na sexta-feira, para a conferência que lhe previa o programa. Aí sim, foi um sucesso de público e de crítica ainda que sua complexa exposição tenha sido algo inescrutável para a maioria dos ouvintes.

Mas ainda sobram surpresas no mundo das estrelas. Na mesma sexta-feira, ao término de uma mesa-redonda, à qual fora agregado Celso Furtado, o ex-ministro saiu sem ser abordado por ninguém da assistência. Em compensação, o jovem sociólogo José Álvaro Moisés, coordenador dessa mesa, levou 15 minutos para se ver livre de seus admiradores. A seguir apresenta-se ninguém menos que o ex-ministro e ex-candidato à vice-presidência Severo Gomes, para falar sobre "A Questão Nacional". Houve surpresa, porém. Na palestra de Severo Gomes, predominavam clamorosamente as cadeiras vazias — talvez, como observaram os mais atentos, ou piedosos, pelo fato de seu horário coincidir com a hora do jantar, às 19h30. Como se percebe, uma mera questão de momento, uma simples hora do jantar, pode influir no Ibope de uma estrela na SBPC.

N. M. PASSOS

O álcool levou o Fiat 147 à vitória.

**Esta é a realidade
Fiat para
solucionar o problema
energético do nosso país.**



O Fiat 147, já acostumado a enfrentar as curvas, lama, buracos, pedras e chuva, provou também que a tecnologia movida a álcool já está à altura de competir com todos esses obstáculos.

A dupla, Anna Cambiaghi e Dulce Nilda Doege, da equipe Aseptogyl - Concessionárias Fiat, mais conhecida como equipe "Panteras Cor-de-Rosa", venceu o Rallye do Brasil, sendo o 1.º carro brasileiro a chegar, com o quarto melhor tempo absoluto:



Pela primeira vez no mundo um carro a álcool participa de rallye. Fiat 147, movido a Coperalcool - o álcool da Copersucar -, venceu o I Rallye Internacional do Brasil.

E essa vitória também se deve à Copersucar, que defende desde 1959 a utilização do álcool como combustível, e é responsável por dois-terços de todo o álcool produzido no Brasil, tendo fornecido todo o álcool utilizado na prova, fazendo o modelo econômico brasileiro, o Fiat 147, mais econômico ainda.



A equipe, patrocinada pelo dentífrico Aseptogyl e Concessionárias Fiat, é composta por duplas femininas de piloto/navegadora, conhecidas como "Panteras Cor-de-Rosa".



São três duplas compostas por pilotos europeias e navegadoras brasileiras: Mariane Hoepfner, Anna Cambiaghi, Maurizia Baresi, Dulce Nilda Doege, Ana Elisabeth Von Muhlen e Maria do Carmo Alves Zacarias.

Com as "Panteras Cor-de-Rosa" tem início um programa que prevê a presença de duplas femininas em outros seis rallies neste ano.

Servirá para selecionar um elevado número de equipes femininas a nível regional, que em novembro participarão de uma seleção final, quando da inauguração do Clube Méditerranée, que revelará o team brasileiro das "Panteras Cor-de-Rosa". E que competirá no famoso Rallye de Montecarlo com carros brasileiros movidos a álcool.

ORDEM DE CHEGADA	TEMPO
1.º Fiat Abarth (Europa)	7h 30m 25s
2.º Fiat Abarth (Europa)	7h 35m
3.º Ford Escort (Europa)	8h 24m 23s
4.º Fiat 147 a álcool (Brasil)	8h 59m 47s

FIAT
147
Tecnologia movida a álcool.

Equipe Aseptogyl/Concessionárias Fiat. Com a participação de:

faróis
CIBIE

CINZANO



COPERALCOOL
O ALCOOL DA COPERSUCAR

Kadron

PORTO SEGURO
COMPANHIA DE SEGUROS GERIAS

PIRELLI
A TECNOLOGIA DA SEGURANÇA

Poupança Continental

As duas únicas opções

O congelamento decidido ainda não serve para definir uma política energética, mas já delimita com clareza as saídas de que dispõe o país

Desde a quarta-feira da semana passada, quando se realizou em Brasília a primeira reunião da Comissão Nacional de Energia (CNE), o país ficou diante de duas únicas opções: ou economiza combustível ao mesmo tempo que se estimulam fontes alternativas de energia; ou, então, adota o racionamento drástico. A resolução de congelar o consumo do petróleo importado em 960 000 barris diários (volume atual) funcionou, deste modo, como um divisor de águas no futuro energético. É bem verdade que o

país poderia ter sido colocado de forma mais direta diante desse desafio, caso fosse aprovada a proposta do ministro das Minas e Energia, César Cals, de limitar o consumo em 900 000 barris.

Todavia, a folga estabelecida não afastará totalmente a ameaça de novas e maiores restrições no futuro. Além dos 960 000 barris liberados, o consumo interno poderá contar ainda com 170 000 barris diários produzidos internamente, mais 35 000 barris/dia de álcool. Portanto, haveria uma oferta assegurada de 1,165 milhão de barris/dia — quantia pouco superior ao recorde de consumo verificado no primeiro semestre deste ano, da ordem de 1,155 milhão de barris/dia. Essa suficiência, no entanto, é apenas aparente, se considerar o crescimento da demanda dos diversos derivados de petróleo nos primeiros seis meses do ano. A gasolina



Chaves e Figueiredo na CNE: a difícil busca de novos caminhos

é a que apresenta menos problemas (veja o quadro ao lado). O mesmo já não acontece com o consumo de óleo combustível e o de diesel, que cresceram, respectivamente, 11% e 14% no período.

CONFUSÃO INEVITÁVEL — A ameaça embutida nesses números não admite vacilações. Se não houver presteza e agilidade na dinamização dos projetos alternativos de energia, o país correrá o risco de resvalar perigosamente para uma recessão. Afinal, de cada barril de petróleo, 30% são transformados em óleo combustível e, desse total, 85% destinam-se ao consumo industrial. Assim, a mesma decisão e segurança demonstrados na fixação do congelamento terão agora que ser canalizadas para viabilizar o funcionamento de programas como o do álcool e do carvão,

prioritariamente. Exatamente nesse ponto, porém, as resoluções da CNE foram, por enquanto, genéricas.

Praticamente, nada se acrescentou ao que vem sendo dito e repetido por técnicos e autoridades desde a crise de 1973, a não ser conselhos. Ou seja, recomendou-se o que já era sabido: evitar o desperdício de combustível, buscar energias substitutivas e intensificar o aproveitamento dos recursos hídricos do país. Claro, é preciso levar em conta que a CNE deverá desempenhar muito mais uma função

orientadora das grandes linhas da política energética — detalhes e execuções ficariam a cargo de organismos competentes. Ou, ainda, o fato de ser uma reunião inaugural, em que confusões são inevitáveis. “Havia muita gente falando, cada qual sobre sua área, o que impediu a formulação de medidas mais concretas”, justificou depois do encontro o ministro do Planejamento, Mário Henrique Simonsen.

De fato, boa parte das duas horas de encontro foram consumidas em exposições setoriais ou específicas demais. O ministro da Indústria e do Comércio, João Camilo Penna, por exemplo, explicou até como funcionam as caldeiras das indústrias de cimento. E o dos Transportes, Eliseu Rezende, deteve-se em considerações sobre o novo motor da Mercedes-Benz, movido a diesel e álcool. Apenas o ministro das Minas e

SALOMON CYRANOWICZ

Uma medida e várias propostas

Aguardada com expectativa, a primeira reunião da Comissão Nacional de Energia (CNE), realizada na quarta-feira da semana passada, em Brasília, não produziu catadupas de providências. Além de fixar o congelamento do consumo de petróleo importado em quantidade idêntica à média diária registrada no primeiro semestre deste ano, a CNE apenas esboçou as linhas gerais da política energética brasileira. Apesar disso, questões importantes foram debatidas e muitas delas deverão se transformar em medidas efetivas na próxima reunião, marcada para a próxima semana. A seguir, o significado da decisão adotada e das propostas discutidas:

1



CONGELAMENTO

MEDIDA: congelamento do consumo do petróleo importado em 960 000 barris diários.

O QUE SIGNIFICA: Decisão já esperada: na cerimônia de criação da CNE, o presidente João Baptista Figueiredo já a antecipara. A novidade é o volume fixado e o fato de que não se restringiu a importação de petróleo, mas apenas o consumo do óleo importado. Assim, a Petrobrás continuará a recompor seus desfalcados estoques (ela pode armazenar 31,4 milhões de barris e o estoque atual não passa de 25,5 milhões). Se quiser consumir mais, o país terá que produzir em casa ou valer-se de fontes alternativas. Para alguns técnicos, a medida representaria a decretação de fato do racionamento.

2



ABASTECIMENTO

PROPOSTA: definição de cotas mensais fixas para os postos de abastecimento.

O QUE SIGNIFICA: Segundo o ministro da Comunicação Social, Saíd

Farhat, a falta de gasolina e óleo diesel nos postos, ao final de cada mês, seria uma consequência inevitável do congelamento já decidido. No entanto, técnicos do Ministério das Minas e Energia afirmam que existe outra hipótese, pelo menos com relação à gasolina. Afinal, o crescimento de seu consumo tem sido mínimo. Excluindo o álcool a ela adicionado, a demanda de gasolina aumentou somente 1% no primeiro semestre. O mesmo, porém, não vale para os veículos movidos a diesel. O seu consumo foi o que mais cresceu, neste ano, aumentando 14%.

Para reduzir o consumo de óleo diesel, o governo, segundo o diretor geral do DNER, David Elkind, pretende aumentar a fiscalização nas estradas e ampliar os estímulos para transferir 50 milhões de toneladas de carga "tipicamente ferroviária ou hidroviária" — e, no conjunto, poupar, até o final de 1980, 20% do consumo de diesel. Para os carros de passeio, o DNER promete colocar em ação um sistema de controle de velocidade comandado por computadores.

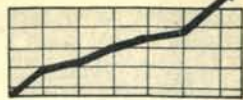


PROPOSTA: misturar 20% de gasolina e 7% de álcool ao óleo diesel.

O QUE SIGNIFICA: A sugestão foi feita pelo ministro das Minas e Energia, César Cals. O objetivo é evidente: atenuar o impacto que o congelamento do consumo de petróleo importado poderia causar na esfera dos transportes coletivo e de carga, predominantemente movidos a diesel. Para isso, seria utilizado o excedente de gasolina que, em parte, tem sido exportado. A proposta, contudo, não foi bem recebida nem entre técnicos da Petrobrás nem entre os fabricantes de veículos com motor diesel. Segundo a Petrobrás, seria um desperdício misturar a cara gasolina ao menos nobre óleo diesel. Para eles, exportar ainda seria mais vantajoso.

Do lado dos fabricantes, a restrição é de ordem técnica. Uma mistura de 10% de querosene ao diesel é a única em que confiam.

4



PREÇOS

PROPOSTA: aumento de 30% no preço da gasolina; de 40% no do óleo diesel; e de 60% no de óleo combustível.

O QUE SIGNIFICA: Apresentada pelo general Oziel Almeida Costa, presidente do Conselho Nacional de Petróleo (CNP), a proposta provocará acaloradas discussões. Tem-se como certo que o ministro-chefe da Secretaria do Planejamento, Mário Henrique Simonsen, e o ministro da Fazenda, Karlос Rischbieter, se oporão a ela. Um importante assessor de Simonsen adiantou, na semana passada, que o aumento proposto para o óleo combustível "não passará". A retirada gradual do subsídio, porém, já foi decidida. Com outros percentuais, haverá um novo aumento de preços, a partir de 1.º de agosto.

5



FUNDO

PROPOSTA: criação de um fundo energético.

O QUE SIGNIFICA: Até agora, nenhuma autoridade soube dizer de onde sairiam os recursos para tocar as diretrizes e planos do setor energético. Segundo o ministro dos Transportes, Eliseu Rezende, um fundo de 49 bilhões de cruzeiros poderá ser brevemente aprovado pela CNE. O dinheiro viria do imposto único sobre combustíveis e lubrificantes. No entanto, esses recursos já são aplicados em diversos outros programas em andamento. Pretende-se congelar as parcelas destinadas a esses programas, investindo o saldo e o aumento no volume do imposto — decorrendo das elevações de preços — no novo fundo. Ainda assim, os recursos serão insuficientes. O imposto sobre combustíveis deverá alcançar, em 1980, cerca de 400 milhões de dólares, que, somados aos 49 bilhões de cruzeiros, não dariam para sustentar dois anos de Proálcool. Sem falar nos gastos com o programa do carvão e o de alternativas de transporte.

Energia apresentou uma sugestão concreta de política energética — “uma evidente tentativa de recuperar o espaço perdido nessa área”, comentaria alta fonte governamental, logo em seguida ao encontro.

EFEITOS POLÊMICOS — Esse comentário já era indício de que a reunião, sob a direção do presidente João Baptista Figueiredo, teria desdobramentos conflituosos entre seus participantes, no decorrer da mesma semana. “O esforço de Cals é inútil, pois ele já perdeu o comando da política energética”, comentaria um assessor do vice-presidente da República, Aureliano Chaves, já na quinta-feira. E não era apenas contra o ministro das Minas e Energia que se dirigiam as críticas dos círculos próximos do novo czar da energia. Também o ministro-chefe da Secretaria de Planejamento seria atingido. Contra ele pesava o ressentimento de tentar exercer “monopólio” sobre a política energética, definindo suas linhas gerais, em documento secreto enviado ao presidente da República (VEJA n.º 566, de 11-7-1979). A eclosão das divergências, porém, não se limitaria aos boatos e às confidências de corredores. Ao contrário, elas rapidamente transbordaram em pronunciamentos públicos, denunciadores de que não se está jogando exatamente pelo time, dentro da constelação governamental.

“Eu não costumo dormir em reuniões. E, nessa quarta-feira, não se falou em cotas para os postos.” O comentário, em tom azedado, foi feito pelo general Oziel Almeida Costa, presidente do Conselho Nacional do Petróleo (CNP), na quinta-feira, para refutar uma afirmação em sentido contrário, feita nesse mesmo dia, pelo ministro da Comunicação Social, Saïd Farhat. E a sucessão de desmentidos não se encerraria aí. Ainda no final da semana, técnicos da Petrobrás reagiriam indignados ao que chamaram “irresponsabilidade de Simonsen”. Irresponsabilidade? Ela estaria no mesmo documento secreto que desagradou a Chaves, no trecho em que descarta a possibilidade de a Petrobrás recuperar um poço descoberto no Iraque, em área conflituosa. Em resposta, funcionários da empresa, também no final da semana, no Rio de Janeiro, não gostaram do que consideraram “previsões irreais contidas no documento”. Quais? A de que o país estará produzindo 500 000 barris de petróleo por dia em 1985. Na melhor das hipóteses, já se defende a Petrobrás, tal produção seria de 350 000.

Não faltaram também discordâncias quanto aos novos preços a serem estabelecidos para os derivados de petróleo (veja o quadro). Nem reações contra os projetos do governador de São Paulo, Paulo Maluf, de buscar petróleo no Estado por conta das empresas públicas paulistas. “A Petrobrás só liberará áreas com indícios reais de óleo, pois a empresa tem a obrigação de preservar os recursos financeiros do país”, disse em resposta a Maluf o ministro César Cals.

OUTRO DILEMA — Mas o eixo principal das divisões em relação ao nó energético envolveria riscos bem maiores que os que pretende correr o governador de São Paulo.

Na verdade, a pedra de toque das desavenças, principalmente na esfera ministerial, estaria na confrontação entre

duas estratégias para enfrentar a crise que ameaça o país no campo energético e econômico. E resume-se numa pergunta: a saída para a crise do petróleo é algum tipo de recessão ou um eventual aumento da dívida externa, atualmente nas vizinhanças dos 48 bilhões de dólares? Por enquanto, a primeira terapia, recomendada por Simonsen, estaria ganhando terreno rapidamente. Mas os opositores dessa estratégia já teriam deflagrado uma contra-ofensiva, liderada pelo ministro da Fazenda, Karlos Rischbieter, para quem o aumento da dívida seria preferível “aos efeitos danosos de uma recessão”. Trata-se, portanto, de uma encruzilhada que poderá condicionar todo o percurso da política energética a ser seguida pelo país. E essa dificilmente deixará de ser genérica, para se tornar convincente e efetiva, se o dilema não for superado. ●



O jogo dos sete acertos

Adivinhe quem está economizando gasolina no desenho acima? Este é um teste adaptado de um folheto que a Shell está encartando, no momento, nas revistas americanas, para orientar o consumidor a gastar menos gasolina. Eis os conselhos:

1 Respeite os limites de velocidade — Em termos de Brasil, é uma economia respeitável.

2 Mantenha o motor regulado —

Desregulado, o carro gasta 10% a mais de gasolina.

3 Calibre sempre os pneus — Menos 20% de pressão custam 5% em gasolina por 1,6 quilômetro rodado.

4 Programe o roteiro — Numa única viagem, liquidar vários compromissos.

5 Ande de bicicleta ou a pé — Faz bem à saúde e à dieta da gasolina.

6 Não compre um carro maior que o necessário.

7 Use transporte coletivo sempre que possível — Ônibus e trens, por exemplo, são mais baratos e, frequentemente, mais convenientes.

O Samba do Telex-tex.



Recebe mensagens. Envia mensagens. Registra mensagens. Perfura fita. Elimina dúvidas. Desfaz mal-entendidos. Consulta. Confirma. Avisa. Recebe avisos. Vai. Volta. Economiza, economiza, economiza, economiza, economiza.

É nesse ritmo que o telex internacional ajuda você a fazer a maior economia na sua empresa. E a lucrar muito mais. Porque ele evita as despesas e os atrasos desnecessários causados pelos problemas de comunicação.

O telex internacional é a maneira mais rápida e segura que existe para você enviar mensagens por escrito para qualquer parte do mundo. É tão simples que até parece letra de samba. Todos os códigos dos países estão no Guia Brasil Telex. E se você quiser mais informações é só chamar o número 915 – Informações Internacionais. Depois, você faz a sua ligação imediatamente. Sem perder o compasso.

Quando você usa o telex internacional a sua empresa trabalha assim: na cadência de uma boa batucada. E você resolve negócios com rapidez, segurança e economia.

No ritmo do telex-tex.



EMBRATEL
Empresa do Sistema TELEBRÁS

As árvores da comunicação não são verdes, mas deram bons frutos aos lugares onde cresceram.



Julho 69/79.



Edifício Sede

197 municípios atendidos, 90% dos aparelhos servidos por DDD e o mais moderno sistema em operação no país. Tudo isso em apenas 10 anos.



Ministério das Comunicações
TELESC telecomunicações de santa catarina s a
Empresa do sistema Telebrás

Um outro Brasil

O desenvolvimento do país, segundo os números

Quem deixasse o Brasil no início da década de 60 e só voltasse a tomar conhecimento do país no ano passado seguramente imaginaria ter aportado em lugar errado — há por aqui um Brasil radicalmente diferente e, surpresa, muito melhor. Melhor, pelo menos, segundo indicam os dados coletados pelo IPEA e reunidos no documento "Brasil, Indicadores Sociais", divulgado na semana passada pelo jornal *Gazeta Mercantil*. Nos últimos dezoito anos, o produto interno bruto (PIB) avançou de 44 bilhões de dólares para quase 200 bilhões — um dos dez maiores do mundo. Mais: a vida média do brasileiro passou de 52 para 63 anos, o número

de analfabetos baixou de 40% para 13% da população com mais de 15 anos, e praticamente metade das residências tem um aparelho de televisão — contra apenas 4,6% em 1960 (veja a tabela).

Houve, portanto, um sólido surto de desenvolvimento. Nem todos os números indicam, naturalmente, o mesmo ritmo de evolução, ainda que nenhum tenha piorado. Por exemplo, a renda per capita evoluiu de 624 dólares para 1 650 dólares, o que coloca o país tão somente na média mundial. A mortalidade infantil mantém-se, teimosamente, nos níveis do começo dos anos 60 — ao contrário do que se poderia esperar, por sinal, o índice aumentou na região sudeste e reduziu-se no nordeste. Além disso, o emprego não acompanhou o crescimento da população disposta a trabalhar e a renda continuou a concentrar-se.

O salário médio mensal na indústria de transformação, a que emprega os

operários mais qualificados, também dobrou entre 1960 e 1976 — e chegou a 6 326 cruzeiros, no ano passado. Um resultado provavelmente influenciado pelos salários dos executivos e diretores, pois apenas as faixas mais bem remuneradas aumentaram a sua participação na renda nacional. Os demais segmentos da população economicamente ativa não acompanharam a evolução da produtividade média da mão-de-obra, que triplicou no período.

Embora apenas 35 milhões de pessoas, numa população de 80 milhões com mais de 10 anos de idade, trabalhem 40 horas semanais e recebam mais de um salário mínimo por mês, percebem-se definitivas melhorias nas condições de vida. Praticamente todos os domicílios brasileiros têm fogão, 40% têm geladeira (eram 11% em 1960), 75% ouvem rádio. E quase um quinto das famílias possui automóvel, sendo que 60% delas moram em casa própria.

Radiografia do Brasil

Indicadores	1960	1970	1976	1978
PIB (US\$ bilhões/78)	43,9	88,5	172,5	192,1
PIB per capita (US\$/78)	624,8	950,2	1 566,1	1 650,5
POPULAÇÃO (milhões de hab.)	70,2	93,1	110,1	116,4
● Taxa média de crescimento anual (%)	3,0	2,9	2,8	2,8
● População urbana (% da pop. total)	44,9	55,9	60,6	62,1
● Pop. das regiões metropolitanas (% da pop. total)	21,5	25,2	27,4	28,2
POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA (milhões de pessoas)	22,7	29,5	35,4	—
● Taxa média de crescimento anual (%)	2,7	2,7	3,0	—
● População ocupada (milhões de pessoas)	22,5	28,9	35,3	—
● Subemprego visível ¹ (milhões de pessoas)	—	5,4	4,6	—
● Subemprego invisível ² (milhões de pessoas)	3,8	16,6	11,0	—
RENDIMENTOS (em % do total dos que são remunerados)				
● Até 1 salário mínimo	70,1	64,4	46,7	—
● De 1 a 2 salários mínimos	20,0	19,7	25,5	—
● De 2 a 5 salários mínimos	7,9	11,9	19,5	—
● Mais de 5 salários mínimos	2,0	4,0	8,3	—
● Salário médio mensal na indústria de transformação (Cr\$/78)	2 305	2 878	4 065	6 326
DISTRIBUIÇÃO DE RENDA (% da participação na renda)				
● 10% mais ricos	45,4	49,5	54,0	—
● 50% mais pobres	10,7	10,6	9,7	—
● Coeficiente de Gini ³	0,60	0,61	0,66	—
SAÚDE, SANEAMENTO E EDUCAÇÃO				
● Vida média (em anos)	52	58	62	63
● Mortalidade infantil (por mil nascidos vivos)	105,2	108,7	101,0	—
● Instalações sanitárias (% do total de domicílios)	49,9	60,6	71,2	—
● Analfabetos (% da pop. maior de 15 anos)	39,5	34,1	16,4	13,0
EQUIPAMENTO DOMÉSTICO (% dos domicílios equipados com)				
● Fogão	88,4	92,3	94,4	—
● Geladeira	11,6	26,1	42,3	—
● Rádio	35,4	58,9	75,6	—
● Televisão	4,6	24,1	46,6	—
● Automóvel	—	9,1	17,6	—

1 — Pessoas ocupadas que trabalham menos de 40 horas semanais

2 — Pessoas ocupadas que recebem menos de 1 salário mínimo por mês

3 — Quanto mais próximo de 1, maior é a concentração de renda (estimativas do IBGE)

Fonte: IPEA.

É muito comum a indústria automobilística brasileira ser criticada por produzir 1 milhão de veículos por ano, ou já ter produzido 8 milhões de veículos até agora.

Isso é coisa de rico, dizem alguns. De países árabes, dizem outros. Não é nada disso. Só para sua informação: nenhum dos 10 países maiores produtores de autoveículos do mundo é membro da OPEP.

Mas vamos aos fatos sobre economia de combustível. Pode começar anotando.

Nos últimos 5 anos - espaço de tempo relativamente curto para a idade da nossa indústria - foram tomadas medidas sérias, pois um novo consumidor começou a surgir, interessado sobretudo num veículo de baixo consumo.

Começemos por um exemplo prático: a transmissão. O conjunto de transmissão foi reformulado (em todos os veículos, de todas as fábricas), pois uma transmissão mais eficiente pode reduzir o consumo de combustível em até 10%.

A indústria aeronáutica brasileira, por sua vez, também se uniu a esse esforço. Seus engenheiros estão colaborando em problemas de estilo e ajudando a melhorar o padrão

aerodinâmico dos carros. Hoje, a resistência do ar ao deslocamento do veículo caiu em 4%. Mais economia para você.

Mas os avanços não param aí. A redução do peso das partes, peças e componentes, está sendo posta em prática. Com essa redução, a relação

peso/potência tem um ganho bastante satisfatório. E isso já pode ser observado não só nos carros, como também nos caminhões, ônibus e tratores.

Tem mais: o desenvolvimento da tecnologia de soldas a ponto de alumínio já é uma realidade. Isso nos permite usar, em todas as fases de fabricação, componentes e até carrocerias dessa liga leve (alumínio), reduzindo consideravelmente o peso do veículo.

O objetivo da indústria é oferecer, a curto prazo, veículos que também utilizem outras conquistas tecnológicas.

Hoje, por exemplo, a fabricação de veículos movidos a energia elétrica já está em fase pré-industrial.

Trabalhamos em motores só a álcool. Estamos desenvolvendo motores que tradicionalmente operam a diesel, para utilizarem combustíveis não convencionais.

E mesmo a mistura do álcool anidro à gasolina, até 20%, já é uma significativa economia de dólares.

Querem outra informação interessante? Os carros grandes representam hoje apenas 2% da nossa produção total de automóveis. Em 1974, eles representavam 12%. Dá para imaginar quanto se economizou com essa alteração no esquema de produção?

Os engenheiros e técnicos, nas fábricas, lutam, gota a gota, por uma economia global que seja sentida e representativa. Querem conhecer os resultados desse trabalho? Boa pergunta.

O consumo médio anual de gasolina por veículo caiu de 3.700 litros, em 1972, para 2.020 litros, em fins de 1978.

Não é uma resposta animadora?

Mas não vamos ficar nisso. Vamos continuar trabalhando duro para fazer veículos cada vez mais econômicos, seja carro, ônibus, caminhão ou trator.

No que depender da indústria automobilística, a gente chega lá.

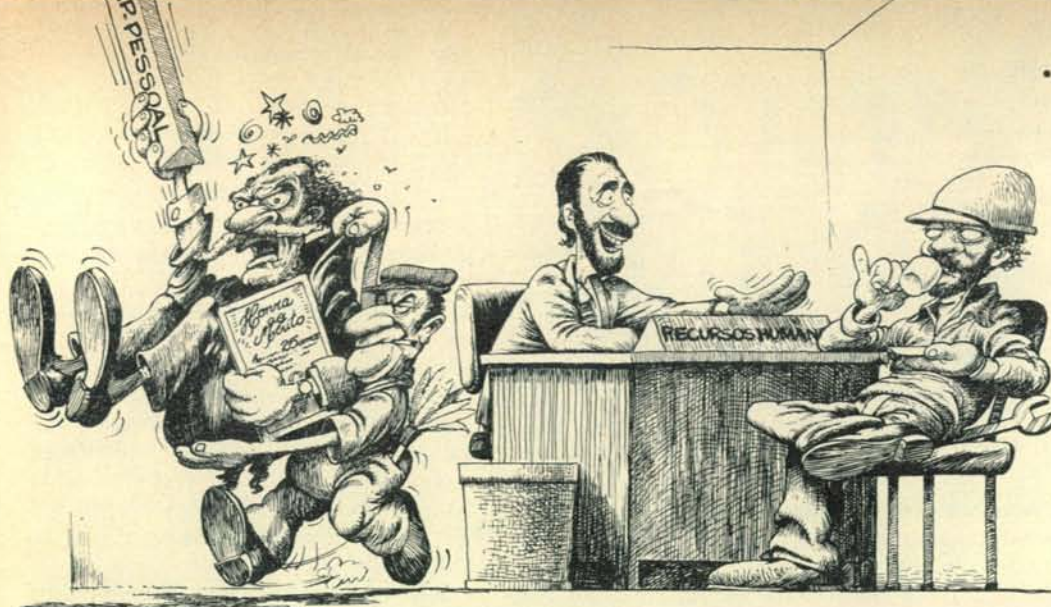
E com você, podemos contar?

ANFAVEA

Associação Nacional dos
Fabricantes de Veículos Automotores

**QUAIS AS MEDIDAS QUE A INDÚSTRIA
AUTOMOBILÍSTICA ADOTOU
PARA OS VEÍCULOS GASTAREM
MENOS COMBUSTÍVEL?**

**SEM BLABLABLÁ,
POR FAVOR.**



RECURSOS HUMANOS

O fim dos tecnocratas

*Agora, é a vez de quem
defende o diálogo, entende as greves e
não teme a negociação direta*

Eles podem ser advogados, engenheiros, militares ou psicólogos de formação, mas exercem uma atividade muito requisitada nestes tempos de abertura política, com suas greves e negociações diretas entre empresas e empregados: são os profissionais de recursos humanos. "Hoje, as empresas precisam do clínico geral. É mais importante que o homem de RH seja um bom negociador do que um especialista", diz Simon Franco, da Simon Franco Recursos Humanos, uma empresa de consultoria. "Essa pessoa tem que ser um pouco inventada, criada", adverte o professor Carlos Osmar Bertero, coordenador dos cursos de pós-graduação da Escola de Administração de Empresas de São Paulo, da Fundação Getúlio Vargas.

O Brasil tem, na verdade, como única tradição neste setor, a de improvisar saídas ou, quando muito, assimilar técnicas de países desenvolvidos, onde os conflitos trabalhistas são aceitos e tratados dentro de um contexto liberal. "No Brasil, ao contrário, o conflito nunca foi sequer admitido", lembra Bertero. E esta parece ser a primeira tarefa do novo homem de relações humanas: a de saber lidar com os tais conflitos. De maneira geral, parece já existir hoje uma boa vontade neste sentido. Da

parte das empresas, pode-se sentir isto inclusive no aumento da oferta de empregos na área de recursos humanos, um indicador detectado pelas principais empresas de consultoria nos últimos meses. Entre os profissionais do setor, a tendência dominante é de defesa do diálogo. As greves, por exemplo, já são vistas como um fenômeno natural numa economia de mercado. Há até os entusiastas, como Luís Scheuer, assessor de atividades especiais da Mercedes Benz e responsável pela política de RH da empresa, que admite com franqueza: "Uma das coisas boas que aconteceram nos últimos meses foram as greves".

A VISÃO DE FORA — Nem todos pensam como Scheuer, um advogado especializado em relações trabalhistas, que passou todo o ano de 1978 fazendo um estágio na Daimler-Benz, a matriz alemã, onde estudou o dia-a-dia do relacionamento empresa/empregado e acompanhou algumas negociações entre empregados e empregadores. O coronel Darci Siqueira, o ex-diretor geral do Dasp que hoje dirige o Setor de Pessoal da Petrobrás, acredita que "haverá sempre possibilidade de acordo" e, a partir disso, não admite a possibilidade de uma greve na empresa. "Os sindicatos têm responsabilidade suficiente para

não chegarem a esse radicalismo", conclui.

Diferente é a posição de Mauro Marcondes Machado, gerente da Área de Relações Industriais, Desenvolvimento de Pessoal e Assistência ao Pessoal da Volkswagen do Brasil: "A greve é um fenômeno social com o qual precisamos aprender a conviver". Psicólogo, funcionário da Volkswagen desde 1961, Machado é também presidente da Comissão de Negociação Coletiva do Sindicato da Indústria Automobilística e seu representante no Grupo 14 da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP). Em fevereiro do ano passado, no que ele chama de "um vis-

lumbre das alterações que viriam a ocorrer no quadro sindical brasileiro", esteve no Peru, Colômbia, EUA, Inglaterra, Suécia, Alemanha, Itália e Suíça, em contato com sindicatos de trabalhadores, quando teria adquirido "conhecimentos que viriam a ser utilizados durante as greves ocorridas no setor metalúrgico".

Pode ser que o estágio de Scheuer na Alemanha ou o périplo transcontinental de Machado não tenham sido tão importantes quanto a avaliação que eles fazem, mas a experiência internacional tem sido de grande valia para que os executivos das empresas multinacionais encarem com naturalidade a volta das reivindicações e das greves. O próprio Scheuer, ao mesmo tempo que acha impossível importar técnicas de recursos humanos, admite que as multinacionais têm uma vantagem em relação às empresas nacionais, "pois já trazem a visão de outros países e sabem que a situação social pode evoluir".

RIQUEZA E DOR — Segundo Scheuer, o período que se seguiu às greves do ano passado no ABC paulista foi de muita tranquilidade no ambiente de trabalho, o que ele considera um benefício indireto trazido pelo movimento dos trabalhadores. Dentro da Mercedes, no entanto, seu maior trabalho foi convencer as chefias de que as greves não devem interferir no relacionamento com seus chefes. Nas empresas estatais, contudo, onde não há experiência recente de convivência com este tipo de problema, as greves ainda provocam alguns arrepios, como o que está implícito na colocação de Siqueira.

Mesmo no Instituto de Pesquisas Tecnológicas, de São Paulo, que enfren-



LUGO KOYAMA

Greve em São Paulo: o homem de RH transforma-se em negociador

tou este ano a primeira greve nos seus oitenta anos de existência, a defesa do diálogo é um pouco arrefecida quando entra em cena a possibilidade de um movimento paredista. Seu gerente de RH, Ricardo Cayubi Ariani, um advogado com pós-graduação em administração de empresas, diz que viveu “pessoalmente uma experiência rica, mas dolorosa, pois a greve é uma situação onde as feridas acontecem”. E Ariani lembra, com certa tristeza, que, durante a greve, muitos de seus amigos do IPT evitavam sutilmente conversar com ele.

OS PIONEIROS — Mas o comportamento dos executivos das multinacio-

nais diante da deflagração das greves também se repete em empresas privadas nacionais. Sérgio Mindlin, diretor-adjunto do RH da Metal Leve, admite: “Era evidente que diversas necessidades da população, características do estágio em que se encontra o processo de industrialização do país, teriam de ser respondidas. Os empregados aceleraram este processo e os empresários souberam oferecer respostas concretas, através da negociação”.

Mindlin, acionista e herdeiro da empresa onde trabalha, é um caso especial. “Engenheiro não muito convicto” formado pela Escola Politécnica de São Paulo, com pós-graduação em Sociolo-

gia das Comunicações na universidade americana de Cornell, foi elogiado pelo próprio Luís Inácio da Silva, o Lula, por sua participação nas negociações entre empresários e metalúrgicos do ABC que se encerraram em maio. Mas a defesa das negociações diretas é uma espécie de questão fechada para os atuais homens de RH. “Negociar não afeta ninguém e não desgasta a empresa”, proclama Gilnei Mourão Teixeira, chefe-adjunto do Setor de Pessoal da Petrobrás. “É fundamental que o gerente de RH acredite na negociação direta”, acrescenta Ariani. “A indústria automobilística é adepta e preparou-se para este momento. Nós somos os pioneiros”, orgulha-se Machado.

RELAÇÕES DE PODER — Assim, crescem os sinais de que o conflito industrial já é aceito, embora permaneçam limites não muito claros para as negociações, que terminam sendo arbitrados, um a um, pelo governo. Bertero lembra que, historicamente, os conflitos sindicalistas têm sido reprimidos ou negados no Brasil. Atualmente, admite ele, “há boa vontade para encarar o problema na medida em que se ouve com frequência: ‘Vamos dialogar’”. Há uma espécie de consciência de culpa em relação ao que ganham hoje os operários. O pró-

Receita para ser um RH positivo

O que separa o antigo chefe de Pessoal do atual diretor de Relações Humanas? “A fotogenia, já que o conteúdo da função pouco foi alterado nos últimos anos”, responde Simon Franco, da Simon Franco Recursos Humanos. “Mas, agora, ou o homem de RH muda ou a empresa vai ser obrigada a substituí-lo”, constata Luís Scheuer, responsável pela política de pessoal da Mercedes-Benz. O perfil deste profissional, peça importante na livre negociação entre empresas e empregados, pode ser esboçado a partir de depoimentos de quem hoje trabalha no setor. Os ingredientes principais da receita:

■ Antes, ele estava voltado para os aspectos tecnocráticos da função (métodos e sistemas de avaliação, por exemplo). Hoje, ele deve estar atento para o nível de aspirações dos

empregados, isto é, para os aspectos mais sociológicos da função.

■ A política de pessoal deve ser definida pela diretoria da empresa e não apenas pelo departamento, pois, na verdade, é toda a atitude empresarial em relação ao trabalho que importa. Da mesma forma, o diretor de RH tem de influir no planejamento e até no orçamento da empresa. “Ele deve influir até na escolha do local onde será construída uma nova fábrica”, diz Sérgio Mindlin, diretor-adjunto de Recursos Humanos da Metal Leve.

■ O novo homem de RH tem de ser necessariamente bem informado e integrado na comunidade em que se localiza a empresa. Grande parte do seu tempo é dedicada ao tratamento de problemas fora da empresa. Sua sensibilidade e visão políticas são mais importantes do que seu instrumental técnico, pois ele sempre pode contratar especialistas que o asses-



sorem nas questões apenas técnicas.

■ Durante o processo de negociação com os empregados, há três aspectos importantes, lembrados por Franco: 1) Ele não pode improvisar, devendo estar bem informado sobre as exigências dos trabalhadores e a disposição e possibilidades da empresa; 2) Não pode envolver-se emocionalmente durante as discussões; e 3) Não pode subestimar a capacidade da outra parte.

■ Depois de uma greve, o homem de RH terá uma preocupação: na volta à empresa, assegurar a todos o mesmo ambiente de trabalho existente antes do movimento.

Universitário: você que tem idéias sobre o álcool como combustível no Brasil, não fale. Escreva.



Muitas idéias brilhantes já se perderam no ar, por falta de quem as anotasse. Por isso, agora, em vez de simplesmente discutir ou discursar sobre a função que o álcool pode exercer, como combustível, em nosso País, escreva sobre o assunto. Seus conhecimentos e sua criatividade poderão credenciá-lo a ganhar um Fiat 147 L - 0 km, ou Cr\$ 30.000,00 (2º lugar) e

Cr\$ 20.000,00 (3º lugar). Este prêmio foi lançado em 1978, para comemorar o aniversário da fábrica da Fiat Automóveis, abrindo um caminho para a participação dos universitários nas grandes questões nacionais. Agora, quando ela faz 3 anos, lançamos o "Prêmio Fiat Automóveis para Universitários - 1979", com o tema "Álcool:



uma alternativa energética". Trata-se de matéria polêmica, que você pode abordar sob os mais diversos aspectos, dentre os quais o social, o econômico e o tecnológico, inclusive com o aproveitamento de pesquisas já desenvolvidas em sua faculdade. Com esta iniciativa, a Fiat Automóveis, pioneira na produção em

série do carro a álcool, convida o universitário a opinar e contribuir para o equacionamento do problema do combustível alternativo. Um país para ser realmente uma grande nação deve solucionar a tempo e com talento os seus impasses.

FIAT
Automóveis s.a.

Uma empresa integrada na comunidade

PRÊMIO FIAT AUTOMÓVEIS PARA UNIVERSITÁRIOS - 1979

TEMA: "ÁLCOOL: UMA ALTERNATIVA ENERGÉTICA".

Informações e Regulamento na Secretaria e Diretório Acadêmico de sua Faculdade e Concessionárias Fiat.

Prazo para entrega dos trabalhos: de 10 de agosto de 1979 a 31 de janeiro de 1980

prio governo Geisel admitiu que os índices inflacionários foram manipulados pelo Delfim Netto”.

Mas as negociações entre empresas e trabalhadores se dão hoje basicamente em torno de salários. Entre os profissionais de RH, no entanto, já existe a convicção de que novas reivindicações serão colocadas no futuro. “Devemos estar preparados para negociar também o relacionamento empregado/empregador e a representação sindical, por exemplo”, diz Machado.

Bertero diz que é imprescindível, para o homem de RH, este entendimento de que “a realidade será mais participativa, desde que continuem soprando os bons ventos da abertura”. Ele lembra que as relações de poder, dentro da sociedade, vêm se tornando, nos últimos anos, cada vez mais flexíveis. “Isto é facilmente visível na família”, diz, “e, por certo, terá reflexos na empresa. Em alguns setores, o operário brasileiro pode não beber scotch, mas já bebe Drury’s; pode não comprar na Arredamento, mas compra móveis; ele lê o Estadão e assina a VEJA; quer que os seus filhos estudem. Enfim, estes operários — de que um bom exemplo são os metalúrgicos do ABC, uma espécie de mandarimato do operariado brasileiro — embarcaram no sonho da ascensão social. E este tipo de operário vai tender a exigir mais do que simples aumentos, vai querer discutir até a participação na gestão.”

SONHO DIFÍCIL — Como a necessidade de negociar é hoje defendida por todos os homens de RH, a questão que se põe para eles é: como negociar? “Felizmente, este know-how não pode ser importado”, responde Machado. “O que serve para a Itália não serve para a Alemanha e, muito menos, para o Brasil. Aqui, talvez devêssemos nos preparar para as medidas que antecedem as greves e que são, no mínimo, tão importantes quanto elas. Não se pode usar a greve para resolver todos os problemas. Corre-se o risco de desgastá-la como instrumento de barganha ou de provocar frustrações nos casos de insucesso, o que não é conveniente no momento atual.” Segundo ele, as negociações devem “buscar caminhos saudáveis, que defendam os interesses dos empregados, mas sejam compatíveis com o grau de riqueza do país, com a economia das empresas e com o momento político e social”.

Para o responsável pelo departamento de RH, o problema maior que se coloca é exatamente o de como identificar este precário e teórico ponto de equi-

brio. Como lembra Bertero, nas negociações entre empresas e trabalhadores, “as duas partes querem, de fato, a mesma coisa, com nomes diferentes: dividendos para uns, salários para outros”. Colocar-se equidistante das duas posições parece ser o sonho de alguns homens de RH. Mas seria isto possível?

A LIÇÃO DE BRECHT — “O homem de RH honesto é uma espécie de representante dos trabalhadores junto à empresa”, pretende Scheuer. Ariani discorda: “É ilógico achar que ele vai defender o interesse dos empregados contra a empresa”. E há quem, como Mindlin, procure uma síntese: “Ele é um canal de comunicação e não pode, portanto, ser considerado um representante dos trabalhadores. Ele procura ajustar os interesses das duas partes, mas tem de tomar posições pela empresa. O representante dos trabalhadores evidentemente defende seus interesses, e o homem de RH, mesmo quando os justifica diante de seus colegas de diretoria, não está encaminhando apenas problemas dos empregados, mas também da empresa”.

Aliás, talvez ninguém melhor do que Mindlin — ele próprio, um empresário — para detectar os perigos de navegar nas águas de uma pretensa neutralidade. Em 1968, com apenas 21 anos — participando de uma inesquecível montagem de “Os Fuzis da Senhora Carrar”, de Brecht, que levou o Teatro da USP ao Festival de Nancy do ano seguinte — Mindlin interpretava o papel de um operário revolucionário, empenhado na luta contra os franquistas durante a Guerra Civil Espanhola. Ele vai à casa de sua irmã Teresa Carrar buscar os fuzis deixados por seu cunhado, morto na luta, e tem a seguinte fala, dirigida a um padre que defende o princípio da neutralidade: “A questão é saber se o senhor não é mesmo um combatente. Espero que me entenda. Se, por exemplo, um homem vai ser morto e procura defender-se, e o senhor segura o braço dele dizendo ‘não matará’, permitindo que o sangrem como a um frango, aí talvez o senhor esteja também tomando parte da luta”. Pode-se supor que a lição ainda esteja tão viva quanto as agradáveis recordações que o negociador dos anos 70 guarda do ator dos anos 60.



Johanpeter: o grupo Gerdau quer comprar a Cofavi

DESESTATIZAÇÃO

É só possível

A resposta para quem quer comprar uma estatal

Avenda da Companhia Ferro e Aço de Vitória (Cofavi), uma siderúrgica estatal que faturou 1 bilhão de cruzeiros em 1978, ao grupo Gerdau “é possível, mas não provável” — admitiu, na sexta-feira passada, o ministro da Indústria e do Comércio, João Camilo Penna. Trata-se da primeira manifestação do governo à anunciada disposição do grupo gaúcho de pagar 500 milhões de cruzeiros a vista pelo controle acionário (51% das ações) da Cofavi e outros 500 milhões em três anos, acrescidos de juros e correção monetária, pelos restantes 49%.

Essas condições de compra foram confirmadas pelo empresário Jorge Gerdau Johanpeter, presidente do grupo, na semana passada. O governo, no entanto, continuaria esperando a apresentação concreta da proposta. “O Gerdau manifestou interesse na compra, mas ainda não fez nenhuma proposta”, ressaltou Penna. Quando isto ocorrer, segundo o ministro, o governo poderá inclusive fazer uma contraproposta. Para Johanpeter, contudo, a compra já está bem encaminhada, embora ele admita que há margem para negociações: “Se um outro grupo quiser comprar a Cofavi e pagar mais, eu vou lastimar. Mas o importante é privatizar”.

TESTE DAS INTENÇÕES — Pelas contas de Gerdau, sua proposta vai representar um pagamento de 1,78 cruzeiro por ação, cujo valor de mercado — ainda segundo seus cálculos — estaria hoje abaixo do seu valor nominal, de 1 cruzeiro. Por que, então, o interesse na

Processamento de contabilidade ao alcance de todos.

CIB

Não importa se sua empresa é pequena ou média. O Bradesco criou a CIB - Companhia de Informática do Brasil, para que sua empresa seja grande em contabilidade. A CIB é especializada em processar informações de contabilidade, através do computador e também de todo tipo de estatística comercial,

controle de cobrança, controle orçamentário, etc. Para fazer tudo isso, a CIB trabalha rápido. Depois de 5 dias, sua contabilidade será entregue, com o material devidamente encadernado e na ordem correta para qualquer consulta. A CIB não utiliza contrato, você usa seus serviços quando e

quantas vezes quiser, sem surpresas desagradáveis em seus custos. Em 2 dias a CIB treina seu pessoal para atuar no novo sistema, e mantém orientação permanente através de assistentes técnicos comerciais. Enquanto tudo isso vai acontecendo, a garantia dos bons serviços da CIB vai

cuidando para que cada etapa do trabalho tenha um ótimo desempenho e perfeita qualidade, tudo no maior sigilo, pois cada empresa é identificada por um número. Entre em contato hoje mesmo com a CIB. Você vai ver que a contabilidade mais rápida, eficiente e garantida que existe está definitivamente ao alcance de todos.



**COMPANHIA
DE INFORMÁTICA
DO BRASIL**

Av. Brasil, 46 - Jardim América
CEP 01430 - São Paulo - SP
Tels.: (011) 64-3711 e 64-3733
Telex: 1123707

UMA EMPRESA COM A GARANTIA BRADESCO.

Cofavi desse grupo que faturou 7,6 bilhões de cruzeiros no ano passado com suas cinco siderúrgicas, uma metalúrgica, duas empresas comerciais, duas reflorestadoras e participação acionária num banco de investimento e numa companhia seguradora? Responde Johanpeter: "O nosso grupo, como outros grandes grupos do país, tem preocupação com o crescimento da participação do Estado em alguns setores onde ela talvez não fosse necessária. Estamos, pois, pagando um ágio pelo rompimento da política da estatização".

Com a Cofavi, o grupo Gerdau adquiriria uma nova linha de produtos, como perfis e cantoneiras mais pesadas do que faz hoje, e aumentaria sua produção anual de aço — 1,2 milhão de toneladas — em mais de 10%. Os números, de qualquer modo, não provocariam modificação substancial nos organogramas e balanços do grupo, embora sejam suficientes para que o próprio empresário lamente caso surja uma proposta superior à sua.

O que parece inegável é o fato de a proposta pretender também testar a atitude do governo Figueiredo em relação à privatização de determinadas empresas estatais. "O processo de privatização deve ser tocado etapa por etapa, para não dar confusão. Mas deve abranger todas as usinas estatais de aços não-planos, talvez até a Acesita", propõe Johanpeter, explicando: "Digo 'talvez' porque a Acesita é muito grande e não sei se há condições de privatizá-la".

CIRCO

Dupla atração

O papel promocional de um leãozinho que sumiu

O circo chegou. Mas agora, numa adaptação forçada aos novos tempos, o espetáculo começa bem antes das palavras do apresentador. Na verdade, nessa época de férias escolares, trava-se uma verdadeira batalha entre os circos instalados nas grandes cidades para atrair a preferência do respeitável público. Os recursos vão desde a superposição de cartazes de rua dos concorrentes, feita sorratamente de madrugada, até o emprego de bem-sucedidos golpes publicitários. Neste último caso se enquadraria o roubo do leãozinho de



Garcia: nos jornais, depois que o leão sumiu



dois dos maiores e mais ricos de seus concorrentes: o Circo Orlando Orfei e o Circo de Moscou.

O sumiço do leãozinho ganhou logo as primeiras páginas dos jornais e espaço generoso na televisão. No segundo dia após o seu desaparecimento, o leãozinho compareceu ao 2.º Distrito Policial, no colo de Vanderlei Martins, 15 anos. Aos policiais, o garoto deu uma estranha versão: disse que, de madrugada, retirou o animal da jaula, levando-o de táxi até seu apartamento, "por gostar muito de bichos".

MARACANÃ LOTADO — O episódio acabou rendendo publicidade gratuita ao circo de propriedade de Romano Garcia. "O roubo foi muito bem planejado", afirma ele, que acabou retirando a queixa na polícia. Mas já não é muito convincente ao repelir a insinuação de que foi um golpe publicitário. Em todo caso, sua platéia, calculada em 12 000 pessoas por semana, "aumentou em 40%, sem contar que até hoje telefona gente querendo saber se achamos o leão", diz Romano, sem disfarçar o seu contentamento.

Truque publicitário ou não, o fato é que Romano Garcia não se mostra muito preocupado em investir na propaganda tradicional. "O que o Orfei gastou em publicidade dá para encher um Maracanã", revela ele, com seu circo montado a 1 quilômetro de distância do concorrente. "Nós preferimos que ele gaste, pois isso é como liquidação,

a sobra sempre acaba no vizinho." De fato, segundo cálculos de Frederico Orfei, um engenheiro químico que há sete anos decidiu auxiliar seu tio Orlando na direção do circo, "recebemos mais de 35 000 pessoas por semana e ainda sobram milhares de fora". Mas, para conseguir essa platéia, a verba de propaganda não é pequena. "Nós gastamos 10 milhões de cruzeiros no espaço de um mês" informa ele. "Depois desse período, os que assistiram ao espetáculo é que fazem a divulgação."

O PREÇO DO ESPETÁCULO — Orfei acha que hoje a vida do circo mudou muito. "Não adianta apenas ter bons artistas. O circo tem de ser dirigido como uma grande empresa e preocupar-se muito com o marketing." Ele calcula em 40 milhões de cruzeiros o capital empregado no investimento. Fala, para ilustrar, que um elefante treinado vale mais de 100 000 dólares e o Orfei tem sete deles. Isso sem falar nas despesas com contratação e transporte de cinquenta artistas romenos que vieram para essa temporada. Ou, ainda, na alimentação dos animais — um leão come 8 quilos de carne por dia e um elefante 50 quilos de alfafa.

Nem assim Orfei demonstra ter preocupações financeiras. Enquanto se aprontava para apresentar o espetáculo dentro de um trailer que serve como camarim, já que ele se hospeda no Hilton Hotel —, revela que, "apesar de tudo, o negócio é rentável". Melhor ainda quando ajudado por estranhos acasos. Como lembra seu concorrente, Romano Garcia, "certa vez fugiu um chimpanzé em Salvador e causou o maior tumulto. A notícia atraiu o dobro de público. E olhe que daquela vez fugiu mesmo".

Depois de viver esta cena 250 mil vezes, o Consórcio Nacional Ford continua se emocionando com ela.



Sonhos, muita emoção e um final feliz. Uma história com estes ingredientes tem sempre sucesso. É por isso que o Consórcio Nacional Ford não se cansa de repeti-la. O que acontece hoje pela 250.000ª vez, desde que começou, há 12 anos atrás. Para comemorar, o Consórcio Nacional Ford realizou uma grande festa nos salões da Revenda Imesa de Manaus. A entrega do carro ao felizarado coube a José Maria Teixeira da Silva, Diretor da Revenda, na presença de Alberto E. Matalon, Diretor do Consórcio Nacional Ford, além de outras personalidades importantes da cidade.

Entre para o Consórcio Nacional Ford. O próximo personagem desta história emocionante pode ser você.

Desta vez o personagem é Áureo Amândio Martins, de Manaus.

Morando em Manaus há 44 anos, Áureo Amândio Martins começou a sonhar com um carro novo desde o dia 12.04.77, quando entrou para o Consórcio Nacional Ford.

O sonho transformou-se em realidade em pouco tempo: no dia 27 de junho de 1979, emocionado, ele recebia seu Corcel II zero km.

Com 61 anos de idade, brasileiro, securitário e com muita visão das coisas, Áureo Amândio Martins tem outras paixões na vida, além do Corcel II: sua mulher, Suzana Martins e seus 6 filhos.

**CONSÓRCIO
NACIONAL**



Ford Administração e Consórcio Ltda.
Certificados de Autorização da Secretaria da Receita
Federal nºs 10/040, 116, 125, 349, 463 e 522.

250.000 carros entregues.

COTAÇÕES

Sexta-Feira
06/07/79

Sexta-Feira
13/07/79

Ações mais
negociadas no
Rio e São Paulo

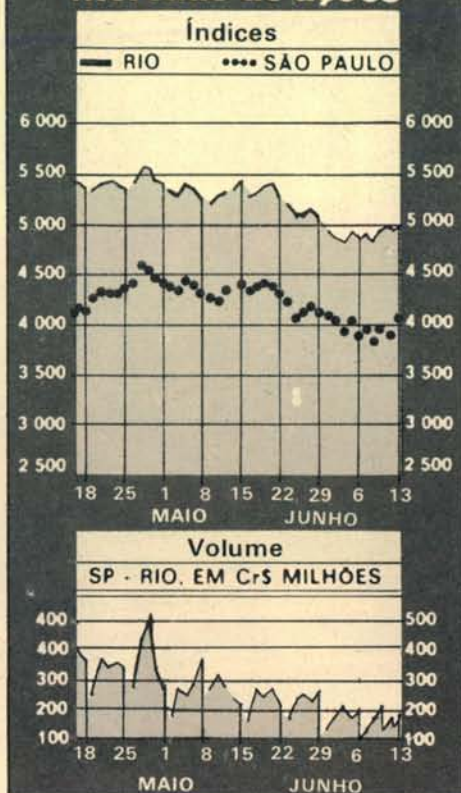
	Preço	P/L	Preço	P/L	Varição na semana %	Indicador
Acesita - op	0,88	5,5	0,89	5,6	+ 1,1	SP
Acos Villares - pp	1,33	6,0	—	—	—	SP
Alpargatas - op	2,47	3,7	2,55	3,9	+ 3,2	SP
Alpargatas - pp	2,41	3,5	2,48	3,8	+ 2,9	SP
Anderson Clayton - op	1,26	6,3	1,24	6,2	- 1,6	SP
Arno - pp	2,50	5,6	2,50	5,6	—	SP
Banespa - on	0,68	2,3	0,65	2,2	- 4,4	SP
Banespa - pp	0,75	2,6	0,76	2,6	+ 1,3	SP
Bco. do Brasil - on	1,32	3,9	1,34	3,9	+ 1,5	RJ
Bco. do Brasil - pp	1,46	4,3	1,52	4,5	+ 4,1	RJ
Bco. Nordeste - on	1,06	2,1	1,06	2,1	—	RJ
Bco. Nordeste - pp	1,31	2,6	1,23	2,4	- 6,1	RJ
Belgo - op	1,73	6,9	1,80	7,2	+ 4,0	SP
Bic. Monark - op	0,75	7,5	0,76	7,6	+ 1,3	SP
Bradesco Inv. - pn	1,63	2,5	1,67	2,6	+ 2,4	SP
Bradesco - pn	1,63	4,3	1,67	4,4	+ 2,4	SP
Bradesco - on	1,63	4,3	1,67	4,4	+ 2,4	SP
Brasmotor - op	4,30	—	4,40	—	+ 2,3	SP
Brahma - op	1,32	4,7	1,35	4,8	+ 2,3	RJ
Brahma - pp	1,37	4,9	1,40	5,0	+ 2,2	RJ
Cacique - pp	5,70	3,5	—	—	—	SP
Casa Anglo - op	1,83	4,0	1,85	4,0	+ 1,1	SP
Casa Anglo - pp	1,63	3,5	1,60	3,5	- 1,8	SP
CESP - pp	0,73	4,1	—	—	—	SP
Cimento Cauê - pp	1,00	—	1,00	—	—	SP
Cimento Itaú - pp	—	—	—	—	—	SP
Cobrasma - pp	1,14	6,3	1,10	6,1	- 3,5	SP
Consul - ppB	—	—	5,80	—	—	SP
Copas - pp	0,95	2,8	0,85	2,5	- 10,5	SP
Docas - op	1,92	3,8	1,90	3,7	- 1,0	SP
Duralex - pp	1,75	5,1	1,76	5,2	+ 0,6	SP
Eluma - pp	—	—	—	—	—	SP
Engesa - ppB	—	—	—	—	—	SP
Ericsson - op	—	—	1,38	4,6	—	SP
Estrela - pp	—	—	2,86	7,5	—	SP
Eternit - op	—	—	—	—	—	SP
FNV - ppA	—	—	2,25	4,6	—	SP
Ferro Ligas - pp	1,35	1,1	1,54	1,3	+ 14,1	SP
Fundição Tupy - op	—	—	1,26	4,1	—	SP
Fundição Tupy - pp	—	—	1,48	4,8	—	SP
Guararapes - op	2,68	6,5	2,80	6,8	+ 4,5	SP
IAP - op	0,92	4,8	0,86	4,5	- 6,5	SP
Ibesa - ppB	1,70	2,4	1,75	2,5	+ 2,9	SP
Ind. Villares - pp	—	—	2,40	3,4	—	SP
Itaubanco - pn	1,31	5,0	1,31	5,0	—	SP
Light - op	0,60	3,7	0,58	3,6	- 3,3	RJ
L. Americanas - op	1,93	5,7	2,05	6,0	+ 6,2	SP
Mesbla - pp	—	—	2,54	4,4	—	SP
Manah - op	2,10	—	—	—	—	SP
Mannesmann - op	0,98	—	1,06	—	+ 8,2	RJ
Metal Leve - pp	—	—	2,32	4,9	—	SP
Moinho Santista - op	2,09	7,5	2,12	7,6	+ 1,5	SP
Noroeste-Est. SP - pp	1,80	6,4	1,80	6,4	—	SP
Orniex - pp	2,00	—	1,79	—	- 10,5	SP
Petrobrás - pp	1,42	2,5	1,42	2,5	—	RJ
Petrobrás - on	1,10	2,0	1,12	2,0	+ 1,8	RJ
Pirelli - op	1,06	4,8	1,06	4,8	—	SP
Pirelli - pp	1,00	4,5	—	—	—	SP
Real Café - ppA	—	—	6,50	—	—	SP
Samitri - op	1,14	—	1,26	—	+ 10,5	RJ
Servix - op	0,46	3,5	0,43	3,3	- 6,5	SP
Sharp - pp	1,18	—	—	—	—	SP
Sid. Açonorte - ppA	1,49	3,7	1,45	3,6	- 2,7	SP
Sid. Gualira - ppA	—	—	—	—	—	SP
Sid. Nacional - ppA	—	—	—	—	—	SP
Sid. Rio-grandense - op	—	—	—	—	—	SP
Sid. Rio-grandense - pp	—	—	—	—	—	SP
Solorrico - pp	0,75	3,0	0,82	3,3	+ 9,3	SP
Souza Cruz - op	2,02	7,0	—	—	—	SP
Telex - on	0,18	0,5	0,19	0,5	+ 5,6	RJ
Telex - pn	0,77	2,0	0,76	1,9	- 1,3	RJ
Transparaná - pp	0,95	—	0,90	—	- 5,3	SP
Vale - pp	1,47	7,0	1,50	7,1	+ 2,0	SP
Varig - pp	—	—	2,35	2,6	—	SP
Vidr. Santa Marina - op	—	—	2,17	2,6	—	SP
White Martins - op	1,95	—	1,80	—	- 7,7	RJ
Zanini - pp	1,18	—	1,12	—	- 5,1	SP

on — ordinária nominativa; op — ordinária ao portador; pn — preferencial nominativa; pp — preferencial ao portador. P/L em relação ao lucro por ação sobre o capital médio. Fonte de uma parte dos dados: Bolsas do Rio e São Paulo.

INVESTIMENTOS

A SEMANA/FUNDO 157

Mercado de ações



Oscilação das cotações entre 06/7 e 13/7

Maiores altas da semana %

Ferro Ligas - pp	14,1
Samitri - op	10,5
Solorrico - pp	9,3
Mannesmann - op	8,2
L. Americanas - op	6,2

Maiores baixas da semana %

Orniex - pp	10,5
Copas - pp	10,5
White Martins - op	7,7
IAP - op	6,5
Servix - op	6,5

Dia	Índice Bovespa	Varição %	Volume (milhões Cr\$)
9	3,936	- 0,3	51,9
10	3,899	- 0,9	91,3
11	3,993	+ 2,4	94,3
12	3,977	- 0,3	80,4
13	4,020	+ 1,0	95,4
6/13	+ 73	+ 1,8	413,3

Dia	Índice BV Rio	Varição %	Volume (milhões Cr\$)
9	4,861	- 0,3	66,3
10	4,843	- 0,4	71,7
11	4,924	+ 1,7	109,5
12	4,952	+ 0,6	83,1
13	4,973	+ 0,4	70,9
6/13	+ 96	+ 2,0	401,5

O que a pesquisa mostrou

Na época do vencimento do prazo de entrega das declarações de imposto de renda, entre os dias 5 e 9 de abril deste ano, o Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (Ibmecc) realizou uma pesquisa de opinião sobre os fundos fiscais regulamentados pelo Decreto-lei n.º 157. Sob encomenda da Bolsa de Valores de São Paulo, foram consultados 2 318 contribuintes, com o objetivo de verificar, na prática, os efeitos da Resolução n.º 470, que fixou critérios rígidos de informação e de opção individual, através do número-código, da instituição financeira que administra o fundo fiscal.

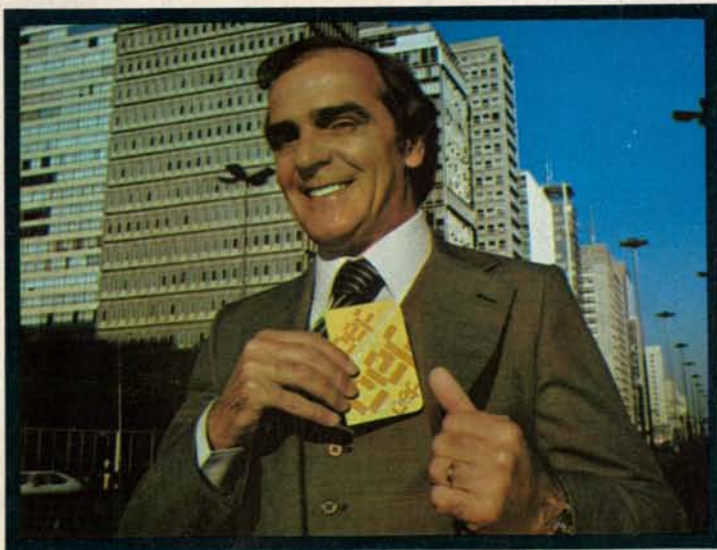
Tradicionalmente, as cláusulas contratuais do Ibmecc fornecem ao órgão financiador prioridade na divulgação da pesquisa. Assim, a iniciativa caberia à Bolsa de São Paulo, que, segundo se comentava, estaria adiando a publicação dos resultados, bastante negativos. Mas, na semana passada, a pesquisa — "O sistema 157 depois da Resolução

470: um estudo empírico de seus efeitos sobre os aplicadores" — foi finalmente divulgada.

Estava justificada a eventual apreensão da Bolsa de São Paulo. A pesquisa mostra que os aplicadores em Fundos 157 entregam suas declarações de rendimentos nas agências de bancos em que têm conta. A concentração num reduzido número de fundos deve continuar, pois os aplicadores ainda demonstram um nível deficiente de informações sobre os fundos fiscais.

O pior é que 80% dos aplicadores não sabiam informar a rentabilidade aproximada, nos últimos cinco anos, do fundo que escolheram em 1979. Portanto, as alterações institucionais não parecem ter modificado o processo de concentração das aplicações. O que seria motivo de orgulho para os bancos comerciais, pois a pesquisa mostra que a opção se deve basicamente "à imagem positiva que os contribuintes têm da instituição administradora".

É segura. Dá segurança. Faz você se sentir seguro.



“É aqui que eu guardo o dinheiro que economizo: na Caderneta de Poupança da Caixa Econômica Federal.

Por que Caixa Econômica Federal?

Porque a Caixa é a Caixa.

Já tenho boa parte da entrada do meu apartamento, da festa de casamento da minha filha e dinheiro suficiente para não ser pego desprevenido.

Eu tenho Caderneta de Poupança na Caixa Econômica Federal por três motivos: porque é segura, dá segurança e me faz sentir mais seguro.”

**CADERNETA DE POUPANÇA DA
CAIXA ECONÔMICA FEDERAL**



Por que o Pão de Açúcar e o Matterhorn

Existem coisas que a gente não pode mudar.
Coisas que, como se diz, nasceram para estar ali.
Como o Pão de Açúcar e o Matterhorn, por exemplo.

O Pão de Açúcar é sol, é carnaval, é gente cheia de jeitinho, é um bondinho que sobe e desce, é samba, é calor, é Rio, é Brasil.

O Matterhorn é neve, é gente que sabe esqui,

é sol de montanha, é sonho, é esporte, é inverno, é Zermatt, é Suíça.

Cada um no seu lugar, em combinação perfeita com o mundo ao seu redor.

E isso não acontece apenas com o Pão de Açúcar e o Matterhorn, não.

O carnaval, as mulatas, as praias, o candomblé, a Amazônia e centenas de outras atrações são



car deve estar no Rio em Zermatt.

brasileiras e só podem ser vistas aqui.
Do mesmo jeito que os lagos, as montanhas
geladas, os chalés, o esqui e tantas coisas mais
são privilégios da Suíça e de todos que um dia
forem até lá.

E este é um dos motivos que leva tanta gente a
viajar: brasileiros para a Suíça e suíços para o
Brasil.

E a Swissair e a Varig, a transportar cada vez
mais e melhor.

swissair 



FRANCISCO CELSO

Cauby Peixoto: "Fiz um monte de bobagens, gravei de qualquer maneira"

Música

O irresistível Cauby

O cantor que já parou o trânsito lança um novo disco e quer de volta as velhas glórias

"E u trouxe aqui um resumo do que quero dizer", apressou-se Cauby Peixoto, tirando do bolso do casaco de couro umas folhas de papel amassado. "Aos senhores críticos da arte de cantar, da qual modestamente faço parte, venho mostrar este trabalho que chamo meu grito de vitória. Acredito que... Peraí, deixa ver pra onde vai." Vira e desvira as páginas, suspende para a testa os óculos escuros e, atrapalhado à parte, nem mesmo assim é possível adivinhar-lhe a idade. Os cabelos escuros, armados num moderado estilo *black power*, não mostram fios brancos, a pele não tem rugas e o corpo é magro, nenhuma gordurinha à vista. Pode ter uns 35 anos. Mas é impossível esquecer que este é Cauby Peixoto, que alguns viram cantar como um modesto *crooner* de boate em São Paulo no final dos anos 40 — está, portanto, beirando os 50.

Este, porém, é um assunto que ele de-

testa e diz que já se autocatequizou para esquecer (fiquemos com 48, idade calculada com base na data de nascimento fornecida pela Enciclopédia Delta-Larousse). O que se sabe mesmo é que nasceu em Niterói, profissionalmente estreou em 1954 e, passados 25 anos, o cantor que provocou tumultos memoráveis na Rádio Nacional, que parou o trânsito e reuniu um dos mais fiéis fãs-clubes do país resolveu se auto-analisar. Suas conclusões não deixariam muito feliz um artista mais orgulhoso. "Só fiz dois bons discos até hoje. O primeiro — 'Nosso Amigo Cauby' — e este — 'Cauby' (Som Livre) — que acabo de lançar." As explicações, enfim, refletem uma realidade que Cauby parece aceitar com a maior naturalidade: "Fiz um monte de bobagens, gravei de qualquer maneira, sem cuidado. Músicas que eu não sabia, que não gostava e que não eram de meu estilo".

MALA — Cauby não está mentindo nem mesmo exagerando. Em seus 26 LPs gravados é possível encontrar, por exemplo, um tenebroso "Mambo do Galinho" (*O galinho faz/Quiquiriqui/Lá no galinheiro*). Hoje, ele nem sequer ouve tais gravações e muitas vezes se pergunta: "Será que fui eu mesmo quem fez isso?"

Ao contrário de tantos outros cantores de sua época, Cauby teve uma carreira rápida e certa para o sucesso. Criado numa família de músicos, ele estava em São Paulo ensaiando com o irmão Moacyr quando um senhor meio autoritário entrou na boate e foi logo dizendo: "Mas você canta mesmo?" Cauby pegou o microfone, totalmente desajeitado, cantou duas frases e, quando ia entrando no grave, o homem falou: "Chega. Você tem mala?" Ele disse: "Não, não tenho mala". O homem: "Mas você está pronto para viajar?" Dali a pouco, um Thunderbird negro parou na porta da boate e lá foram Cauby e seu misterioso descobridor para o Rio de Janeiro. O homem já era conhecido nos meios musicais cariocas, pois vivia pela Rádio Nacional à procura de alguém que se aventurasse a gravar suas músicas. Tratava-se de um certo Di Veras, na verdade, um próspero construtor que viu em Cauby a grande



FOTOS JEAN SOLARI

O assédio das fãs: "Elas me arranhavam, pegavam, rasgavam"



Cauby em viagem para a "América"

chance de se tornar — quem sabe — também um próspero compositor. Di Veras entenderia logo que seu negócio não era bem esse. Resolveu empresariar o jovem Cauby com todos os requintes. Seus malabarismos promocionais foram realmente fantásticos.

Ele percebeu que Cauby era um moço simpático e, sobretudo, humilde. Tratou, então, de explorar as duas qualidades, digamos assim, ensinando preceitos básicos a seu pupilo: nunca diga não, sempre talvez ou quem sabe; nunca vire as costas para a imprensa; trate as fãs, bonitinhas ou feinhas, com a maior atenção. Em 1954, Cauby já estava na Nacional, um ano depois não podia sair às ruas e, no seguinte, voaria para a "América". "Eu fazia tudo o que o Di Veras mandava", conta Cauby. "Sempre fui muito obediente. Por isso a coisa deu certo." Uma vez, Di Veras levou Cauby para a porta de uma escola normal no Rio — uma escola feminina. Parou com o carro na porta, furou o pneu e mandou o cantor tomar um cafezinho no bar da esquina. E ele foi. Não estava entendendo direito, mas foi. A rua era movimentadíssima, passavam ônibus, carros e



As cartas nos bons tempos: "Era uma delícia"

gente, muita gente. Quando Cauby voltou do café, o mecânico consertava o carro, tocou o sinal de saída da escola. Uma delas viu e gritou: "Olha o Cauby, olha!" "Aí elas pegaram e se serviram", conta Cauby. Parou ônibus, parou carro, parou tudo e os fotógrafos — porque sempre apareciam, sabe-se lá de onde, seis ou sete fotógrafos. Veio também a polícia com cassetetes. Tudo perfeito.

"TIREI TUDO" — Dizem até que Di Veras pagava as fãs para aplaudir Cauby. O cantor nega. "Os aplausos eram

espontâneos, com muito amor, muito diferente dos de hoje. Hoje elas aplaudem mas não se sacrificam, não morrem por seus ídolos. Elas arriscavam a vida por nossa causa!" E arriscavam mesmo. Certo dia, ao sair do programa "Ronda dos Bairros", de Paulo Gracindo, uma moça veio correndo atrás de Cauby. Correu atrás do carro, tão estonteada, que nem percebeu quando o trem vinha chegando. "Ela morreu e daí nasceu um grande sucesso meu, 'Prece de Amor', porque a mãe depois falou que era a música que ela mais gostava. Uma

tragédia, mas era assim mesmo. As moças dormiam na porta de meu hotel, me pegavam, arranhavam, rasgavam. Uma delícia."

Se Di Veras realmente não chegava ao extremo de pagar as fãs, ele sabia — e bem — como provocar essas situações. O episódio mais famoso aconteceu em 1956, quando repórteres da revista americana *Time* vieram ao Brasil para fazer uma reportagem sobre ídolos de massa. Quando Cauby desceu do elevador da Rádio Nacional, a praça Mauá estava cheia de moças. "Botei uma roupa toda alinhavada, fácil de

rasgar, saí pra rua e foi aquele negócio. Puxa daqui, puxa dali, uma puxou o cinto e aí eu compreendi o negócio e fui tirando a calça logo. Tirei tudo, fiquei de cueca e corri pela avenida Rio Branco — e os fotógrafos atrás, plá, plá. Dali a pouco eu caí no chão e elas plá. Fizemos um material fabuloso.”

SER OU NÃO SER — Todas essas loucuras acabariam no dia em que Di Veras, o “padrinho”, o “professor” de Cauby, há oito anos, chegou e disse: “Olha Cauby, vai voar sozinho e eu vou te orientando por trás da cortina. O dia que você fizer besteira eu digo: ‘Não faça’”. Mas acontece que Cauby fez as besteiras todas. “Meu padrinho já tinha me habituado a dizer sim e, tudo o que me mandavam gravar, eu gravava. Fui dizendo sim. Tem que gravar ‘Tatu subiu no Pau?’ Vamos lá, vamos gravar.” O afastamento de Di Veras tem explicações, segundo Cauby: “Estavam mexendo muito na vida dele”, explica. “E isso prejudicava a família, os negócios. Começaram a fazer fofocas, nhenhên, fofquinhas.” Fofocas, aliás, que numa certa época fervilhavam sobre a imagem pouco máscula do cantor. Na platéia de seus shows, por exemplo, quase nunca apareciam homens. Preconceito? “Hoje não tem mais isso. Os jovens não se ligam mais nessas coisas do ser ou não ser. Já era. Em Brasília, recebi dois elogios de dois garotos que caí duro. Mas falaram tudo. Sabe o que é tudo? Sem problemas, sem preconceitos, sem nada.” Desde o ano passado, porém, Di Veras está de novo comandando a carreira de Cauby. Colocou-o sob contrato na gravadora Som Livre, onde já gravou dois discos. Este último, que Cauby classifica como seu “grito de vitória”, demonstra uma clara preocupação com sua voz — não há gritos nem exageros. O repertório ainda não é o mais adequado, mas com certeza é significativamente superior ao que ele vinha fazendo meio aos tropeços. É verdade também que, mesmo com suas idéias geniais, Di Veras nunca mais conseguirá provocar o “massacre” das fãs mais ardorosas. Os tempos mudaram. “A televisão acabou com a curiosidade, com o mistério”, lamenta Cauby. “As fãs não sabem mais onde vamos aparecer, não sabem para onde mandar as cartas.” Mas, certamente, Di Veras poderá ajudar Cauby Peixoto a se tornar como ele quer, “o cantor de todos os brasileiros”. “Não quero ser o maior”, confessa, “mas quero meu lugar lá, gosto do aplauso, do brilho, quero me consolidar como os grandes cantores.”

Cartão postal

O Festival de Inverno, em busca de soluções

Deveria ser, a princípio, apenas uma apresentação do coro de bolsistas durante o X Festival de Inverno que se realiza anualmente — sempre no mês de julho — na cidade paulista de Campos do Jordão. Mas, no fim de semana passado, os 48 integrantes do grupo, surpresos, acabaram servindo a outros interesses: deslocados para uma estreita galeria ao lado da igreja principal da cidade — onde todos pensavam que iriam cantar — eles tiveram que entoar suas aleluias para uma desatenta platéia que, na verdade, estava mesmo

Em cada cidade onde haja um núcleo musical já formado, Tatuí, por exemplo, escolhemos três ou quatro instrumentistas para passar este mês em Campos do Jordão. Quando voltarem, eles poderão passar a seus colegas o que aprenderam aqui. Foi essa a maneira que encontramos de o pessoal continuar aproveitando o que aprendeu.”

BATENDO EM LATAS — A reação entre os bolsistas a essa inovação ainda é de expectativa. “A seleção baixou o nível”, diz Oswaldo Esperandio, 18 anos, regente de coral e cantor em São Paulo. “O que foi muito bom, porque assim os mais fracos têm oportunidade de aprender.” Maria Sílvia Carneiro, por exemplo, de um coral de São Paulo, acabou sendo convocada mesmo não sabendo uma só nota musical. “O que



Os bolsistas em Campos do Jordão: um teste para as inovações

assistindo à inauguração de uma exposição de tapeçaria promovida por uma conhecida senhora da sociedade de Campos.

“Isso aqui não passa de um cartão postal do governo”, desabafou um dos decepcionados membros do coral. Foi para evitar estas e outras críticas que a Secretaria da Cultura do Estado (que este ano gastou 8 milhões na organização) fez uma série de modificações no Festival deste ano. O desastroso episódio do coral refletia, enfim, a vontade de integrar turistas, moradores — e músicos. Há também outras tentativas. “Muitos costumavam criticar o Festival porque não sabiam o que fazer depois”, explica Milton Andrade, coordenador da Comissão Organizadora. “Fizemos um outro esquema de seleção.

falta ao músico brasileiro é base, teoria, solfejo”, analisa o maestro Diogo Pacheco. Um problema, é claro, que não se resolve em apenas um mês e muito menos num festival de inverno. Mas há outras maneiras de se incentivar o estudo da música erudita.

Uma delas, colocada em prática este ano em Campos do Jordão, é proporcionar aos bolsistas a chance de trabalhar com partituras de autores brasileiros (que ocupam 60% da programação) e a introdução da música de vanguarda — velha reclamação dos músicos. O conjunto Ágora, um grupo de percussão de São Paulo, por exemplo, formado por quatro músicos da orquestra sinfônica, apresentou obras de John Cage e Waldir Azevedo batendo em latas e — incrível — lendo partitura.



O ESTILO LONGINES



Beta e Longines
se uniram para oferecer a você
tradição e elegância
como nunca se viu
neste país.

β

beta

Rua Pedroso Alvarenga,
1208. São Paulo.

Representante exclusivo.

LONGINES



uma questão de estilo.

• Relojaria Paulista - Santos • Joalheria Marchesi - São Paulo • Top - Time - São Paulo • Joalheria Ourvidor - São Paulo • Joalheria Marvel - São Paulo • Boiko Joalheiros - Curitiba • Bergerson Jóias - Curitiba • Giuliano Jóias - São Paulo • Relojaria Carrião - São Paulo • Coppe Joalheiros - Campinas • Casa Murano - São Paulo • Pellegrini & Zucari - São Paulo • Tic-Tac Jóias e Relógios - S. Vicente • Brasília de Jóias - São Paulo • Frutina Joalheiros - São Paulo • Frankel Jóias - São Paulo • Jean Jóias - São Paulo • Irmãos Murano Ltda. - Sorocaba • Relojaria Antoninho - São Paulo • Cristal Jóias - São Paulo • A Preciosa Jóias - São Paulo • Casa Masson.

SÉRIO DEMAIS — É possível que nem todos os 304 bolsistas selecionados este ano — divididos entre orquestra, coral e a banda, uma das presenças mais importantes do festival — se incluam nos planos de “continuidade” programados pela Secretaria da Cultura. Mas há muitas chances para o coral — em que a idéia vilalobesca é formar 30 000 vozes até o final deste ano e 200 000 até o ano que vem. Entre os bolsistas — que estão alojados no Preventório da cidade, local onde se hospedavam os filhos de tuberculosos em tratamento na cidade — há quem olhe com muita desconfiança esse monumental coro de vozes. “O projeto da Secretaria pode funcionar apenas como um grande final e ser perigoso, pois a preocupação com a quantidade pode baixar a qualidade”, analisa a estudante Maria Sílvia Carneiro.

Preocupação que o professor Bruno Wizuj, que trabalha atualmente com o coreógrafo Maurice Béjart, consideraria “séria demais”. Wizuj, talvez um dos mais respeitados professores do Festival (dá aula de expressão vocal), costuma dizer: “O brasileiro precisa encontrar sua própria linguagem musical. Nada melhor para isso que brincar com a música”.

O último bamba

Nelson Sargento já não é mais inédito

Adoentada, dona Vivinha, a quem ele chama de patroa, desfiou seu rosário de queixas contra a desatenção conjugal. Irônico como sempre, recostado na cama, o compositor, alvo das reclamações, aproveitou a deixa e emendou, no tom: *Vivinha, agoniza, mas não morre/O Nelson sempre lhe socorre/Antes do suspiro derradeiro*. Dona Nairde da Silva Pinto, a “Vivinha”, nem chegou a protestar contra a zombaria. Nelson Sargento, personagem e agente do instantâneo enredo, já havia trocado o nome da companheira pela palavra samba. “Acrescentei, em seguida, aqueles problemas do samba que a gente conhece”, conta. E, cadenciado, estava pronto o hino, transformado em sucesso pela voz de Beth Carvalho (*Samba inocente pé no chão/A fidalguia do salão/Te abençoou/Te envolveu*).

Esta composição, aliás, é o único protesto do LP SONHO DE UM SAMBISTA (Selo Eldorado), onde finalmente es-



Sargento: “Procuro fazer sempre o samba melhor e mais original”

tréia, quase aos 55 anos de idade (completa dia 25 de julho), perto dos quarenta de samba, o compositor Nelson Matos, o Nelson Sargento. É o bamba que restava no semi-anonimato (o público o viu pela primeira vez no musical “Rosa de Ouro”, em 1964) entre a confraria formada na Mangueira no final dos anos 30 e início da década de 40. O pintor de paredes Alfredo “Português” Lourenço, padrasto de Nelson — lisboeta fanático por samba —, reunia, entre outros, Geraldo Pereira, Nelson Cavaquinho e Cartola, em memoráveis fins de semana etílico-musicais. “Para se ter uma idéia do magnetismo do ambiente”, lembra Nelson Sargento, consultando inseparáveis álbuns de recortes que sempre carrega para as entrevistas, “basta dizer que Nelson Cavaquinho morou três meses em casa naquela época. Se hoje ainda é difícil segurar o homem muito tempo num lugar só, imagine como era há trinta anos atrás”.

ELÉTRICO — Criado no morro do Salgueiro, antes de mudar-se para a Mangueira, ainda aos 16 anos, Nelson aprendeu a viver com o samba. Saía de tamborim na bateria vermelha e branca do Salgueiro, mas, com a troca de morro, virou aluno de violão de Cartola e Aluísio Dias, mestre de Geraldo Pereira. Com o desafio de musicar algumas letras, o padrasto deu-lhe de presente o novo instrumento. Em 1948, a dupla estreou a parceria num samba-enredo, “Vale do São Francisco”, um dos primeiros a observar a associação dos versos com o tema do desfile.

A competição entre as escolas, nessa época, era acirrada, mas, ainda muito

amadora. Nelson mantinha-se como operário numa fábrica de vidros que faliu, o que o obrigou a alistar-se no Exército, onde ganhou o indelével apelido, apesar da “baixa sem rendimentos por excesso de contingente, em 1949”. Desde então, ganha a vida como pintor de paredes mas, ultimamente, já consegue equilibrar-se com a renda dos shows e os direitos autorais.

Miúdo, magro, elétrico, Nelson Sargento sai quase diariamente do subúrbio de Belfort Roxo, no Rio de Janeiro, equipado para divulgar suas músicas. Economiza para a lenta construção do barraco próprio, em prejuízo até mesmo das noites da Mangueira, que pouco frequenta desde seu desligamento da ala dos compositores há dez anos. Ex-integrante dos conjuntos A Voz do Morro, liderado por Zé Ketí, e Os Cinco Crioulos, por Elton Medeiros, Nelson Sargento em “Sonho de um Sambista” (“gravado só em dezessete horas de estúdio”) chega ao primeiro plano como um cantor apenas sóbrio.

Mas o compositor e poeta atinge a perfeição em sambas como “Falso Moralista”, “Minha Vez de Sorrir”, “Infra-Estrutura” e o reflexivo “Falso Amor Sincero” (*O nosso amor é tão bonito/Ela finge que me ama/E eu finjo que acredito*). Seu método submete-se ao prazer da inspiração, como no caso de “Agoniza mas Não Morre”. Isso porém não impede uma regra básica, utilizada para cantar a Mangueira como uma rival da mulher amada. É o caso de “Triângulo Amoroso”; como Nelson ensina: “Procuro sempre saber se o tema já foi cantado e procuro fazer melhor e mais original”.



Todos os
seus amigos
que vão à Europa,
pela Varig,
voltam falando
maravilhas da
Europa e da Varig.

Lisboa,
Porto,
Paris, Roma,
Madrid,
Londres,
Zürich,

Copenhague e Frankfurt...

Comissários atenciosos, drinks, canapés, cozinha internacional,
cinema, música estereofônica individual... Os imensos salões do
DC-10-30, a Mona Lisa no Louvre, o conforto do Boeing 707, o
Capitólio de Roma, as touradas de Madrid, o sorriso das
comissárias, a Torre de Londres, a neve dos Alpes
suíços... Seus amigos que vão à Europa,
pela Varig, não conseguem falar
noutra coisa.

E você, o que é que conversa com eles?



CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS IATA/EMBRATUR



FOTOS KEIJI KOBAYASHI

"Figura Maravilhosa", Horst Antes



"Cabeça", versão vermelha; Erhard



"A Morte e o Cego", Grieshaber



"Verão", Grieshaber

Arte

Recado humano

No Lasar Segall, vinte anos de figuração alemã

A mostra "Figuração Sintética" (Museu Lasar Segall, São Paulo) faz parte de um quadro amplo e muito bem organizado: um ciclo de doze exposições, planejado pelo Instituto Cultural de Relações Exteriores de Stuttgart, Alemanha, que circula no Brasil sob o patrocínio do Instituto Goethe, abrangendo todos os aspectos da gravura daquele país em duas décadas. "Figuração Sintética" é a nona exposição — e algumas das já vistas, ao longo dos últimos dois anos, incluem "Tendências Informais", "Gráficas de Escultores", "Estruturas" e assim por diante. Sem grandes pretensões em termos de *mise en scène*, a amostragem é sempre de uma eficiência exemplar.

Como no caso de qualquer rótulo, também este poderia ser reinventado ou discutido. O apresentador Jurgen Wissmann perde dois extensos parágrafos do catálogo tentando explicá-lo — sem grande resultado. Na prática, a mostra se compõe de trinta gravuras de dez artistas — todos mais ou menos desconhecidos fora da Europa, nascidos (com

uma exceção) entre 1935 e 1942, e nunca presentes a uma Bienal de São Paulo, por exemplo —, revelando apenas que também a Alemanha viveu uma ressurreição da figura após o frenesi da pintura abstrata gestual (ou "tachista", ou informal).

Basicamente, a abstração informal foi uma festa de formas e de cores, que deliciou (com justiça) um certo público mas foi aos poucos perdendo a densidade. Por seu intermédio, já não era possível à arte transmitir um recado humano, pessoal ou social. Seguiu-se então (ao longo de toda a década de 60) uma busca em todo o mundo no sentido de recuperar sugestões ou fragmentos de figuras, quer sob o nome de *pop-art* (nos Estados Unidos e Inglaterra), de *nouveau réalisme* (na França), ou mesmo de "nova objetividade brasileira" (1968).

A "Figuração Sintética" se distingue de seus contemporâneos dos Estados Unidos e Europa por ser bem menos literal. Isto é: com exceção de um velho mestre (Hap Grieshaber, nascido em 1909), todos os demais artistas que dela participam são figurativos dentro de limites muito amplos. Não concebem nenhuma de suas gravuras como qualquer tipo de "retrato" (embora uma ou outra área de um quadro possa ser até fotográfica, como ocorre no excelente Gerd

van Dulmen, de 41 anos). O conjunto é sempre ambíguo e permite as mais diversas interpretações. E a influência da linguagem agressiva dos cartazes pode-se combinar, por exemplo, com delicadíssimos desenhos ou exercícios absurdos, vistos nas escadas e caixas de Dieter Krieg ou nas figuras humanas articuladas como bonecos de Georg Meissner.

Num conjunto muito homogêneo, não cabe destacar um só artista. Mais impressionante, talvez, seja a qualidade técnica que permite a litografias e serigrafias uma impecável textura de desenho ou pintura a aerógrafo. Bem como a tradicional precisão germânica (se for um mito, costuma ser fundado), pela qual ninguém se perde em efeitos nem em jogos acessórios. Talvez falte aqui um grito forte — mas o coro é disciplinado e harmonioso.

OLÍVIO TAVARES DE ARAÚJO

Saldos do poder

Euro Brandão expõe telas e desenhos no MASP

Em outras circunstâncias, a exposição passaria provavelmente despercebida. Mas não se é impunemente ex-ministro de Estado. Por isso, as dezesseis telas e 32 desenhos ora reunidos pelo pintor E. Brandão no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP) podem atrair curiosos. O E. abreviado corresponde ao nome Euro. E com ele o pintor dirigiu os destinos da educação e cultura do Brasil, nos últimos meses do governo do presidente Ernesto Geisel.

Seria inexacto dizer que se trata de um rudimentar principiante. O currículo de Euro Brandão informa, no catálogo, que ele estudou e trabalhou com Guido Viaro (1897-1971), o mais importante nome da pintura moderna no Paraná. Por isso seus quadros revelam o domínio técnico de quem sabe dividir os espaços, dosar as tintas e distribuí-las com espátula em gestos caprichados. Mas isso não basta.

UM CONSOLO — Para fazer o prazer do próprio pintor e seus amigos, talvez fosse suficiente. Para participar de alguns salões e exposições estaduais, ainda dá. Mas, ao se propor num local como o MASP, o ex-ministro da Educação e Cultura deseja certamente ser julgado em nível profissional e nacional. E aí as coisas se complicam. Boa pintu-



Euro Brandão, "Casa sobre Azul"

ra não é bom comportamento — em geral é o contrário. Do trabalho de Euro Brandão pode-se dizer, a rigor, só que é bem-comportado e sem vida. Além de escorregar, com frequência, para um gosto duvidoso. Há uma série "Brasília" (que inclui uma "Casa sobre Azul", "Catedral no Fim do Dia", um "Dia de Parada", um "Os Ciclistas"), uma série "Folclore" (com "Descanso depois da Cavallhada", "Círio de Nazaré" e assim por diante) e seis cenas da "Vida de São Paulo". Acaba-se sem saber se estamos diante de um pintor religioso, de um cronista de costumes ou de um paisagista com saudade.

Estilisticamente, é uma figuração que nasce no século passado, ouviu falar em cubismo, viu algumas fases de Portinari, mas não soube se decidir por nada disso. Como colorista, Euro Brandão não é inspirado. Resta-lhe o consolo de estar em boa companhia. A pintura tem costas largas. É quase obrigatório tentar ser artista, a certa altura da vida e do sucesso. Para ficar só na área política, as telas de Sir Winston Churchill são hoje disputadas nos leilões. E as de Euro Brandão estão infinitamente acima dos desastrosos palhacinhos e meninos tristonhos do ex-presidente Jânio Quadros.

O.T.A



Euro Brandão, "Os Ciclistas"



Fon: um levantamento minucioso das estruturas da repressão

Literatura

Mapa do inferno

Um livro sobre a tortura no Brasil

Às 6 e meia da manhã do dia 29 de setembro de 1969, o jornalista Antonio Carlos Fon, à época repórter policial do *Jornal da Tarde*, acordou em seu apartamento, no centro de São Paulo, com o quarto cheio de homens e uma pistola calibre 45 encostada no nariz.

Procuravam seu irmão Aton Fon Filho, acusado de pertencer à Aliança Libertadora Nacional (ALN) e atualmente cumprindo pena no presídio político de São Paulo. Momentos depois — o jornalista conta neste recém-lançado livro *“Tortura — A História da Repressão Política no Brasil”* —, esse grupo, comandado pelo capitão do Exército Maurício Lopes Lima, conduziu-o às dependências da Operação Bandeirantes (Oban), na rua Tutóia, onde foi submetido a três horas de “pau-de-arara”, espancamentos e choques elétricos. As sessões de tortura renovaram-se muitas vezes nos 52 dias em que o repórter permaneceu na Oban, no DEOPS e no Presídio Tiradentes. Liberado a 19 de novembro, ouviu do delegado que o soltou: “Que bela reportagem, se você pudesse escrever, hein?”

Desafio supérfluo, pois Antonio Carlos Fon, hoje com 33 anos, já decidira passar para o papel o quadro de horrores de que fora vítima e testemunha. Mas sob o AI-5 esta era uma tarefa no

mínimo inócua, e só no ano passado, quando incumbido pela direção de VEJA (onde trabalha desde 1976) de preparar uma reportagem sobre a repressão política no Brasil, ele pôde executar seu projeto.

Essa reportagem, aproveitando parte das informações que Fon levantou em cinco meses de investigações e pesquisas em todo o país, foi publicada a 21 de fevereiro deste ano —

Uma reportagem levada aos tribunais

No dia 21 de março deste ano, exatamente um mês depois da publicação, em VEJA, de uma reportagem de nove páginas sob os títulos “Descendo aos porões” e “Um poder na sombra”, o promotor Darcy de Araújo Ribeiro, da 3.^a Auditoria da 2.^a Circunscrição Judiciária Militar, em São Paulo, ofereceu denúncia contra o jornalista Antonio Carlos Fon, pedindo seu enquadramento no artigo 14 da nova Lei de Segurança Nacional. Os termos por ele empregados eram o prosseguimento das declarações que fizera à imprensa, dias antes, em Brasília, o ministro do Exército, general Fernando Belfort Bethlem.

Vendo na reportagem propósitos extrajornalísticos, o promotor acusou Fon de apresentar “(...) fatos

e valeu a seu autor o enquadramento na Lei de Segurança Nacional, por iniciativa do próprio ministro do Exército do governo Geisel, general Fernando Bethlem (veja o quadro).

OSSOS ESMAGADOS — Uma versão ampliada da reportagem foi redigida para edição em livro — cujos direitos autorais o jornalista antecipadamente destinou, em partes iguais, ao Comitê Brasileiro pela Anistia e ao sindicato dos jornalistas de São Paulo.

Lançado nas bancas no início deste mês, o magro porém denso volume (Editora Global, 79 páginas, 70 cruzeiros) teve seus primeiros 6 000 exemplares esgotados em pouco mais de uma semana.

O relato da traumática experiência pessoal do autor funciona como preâmbulo à descrição pormenorizada, em linguagem direta e substantiva, das estruturas da repressão política edificadas no país, sobretudo após o AI-5. Fon toma como marco decisivo a criação, em julho de 1969, da Operação Bandeirantes (DOI-CODI, a partir de 1970), organismo catalisador de extremistas de

deturpados, conclusões tendenciosas, inverdades com o escopo único de atirar a opinião pública contra as autoridades constituídas, no indistigável trabalho de solapamento das instituições possibilitando a eclosão de uma luta fratricida”. O repórter teria, no entender de Ribeiro, infringido o artigo 14 da Lei n.º 6620/78 (“Divulgar, por qualquer meio de comunicação social, notícia falsa, tendenciosa ou fato verdadeiro truncado ou deturpado, de modo a indispor ou tentar indispor o povo com as autoridades constituídas”). Para este delito é prevista pena de seis meses a dois anos de detenção.

SUPREMACIA — Aceita a denúncia pelo juiz auditor Arylton da Cunha Henriques, abriu-se um processo cujo desfecho em primeira instância — o julgamento do jornalista na auditoria, em São Paulo — poderá ocorrer no próximo mês de setembro. A causa de Antonio Carlos Fon é patrocinada pelos advo-

direita, militares e civis, destinado a combater a subversão com base nos conceitos de segurança desenvolvidos pela Escola Superior de Guerra.

O histórico deste e de outros órgãos repressivos põe a nu uma tenebrosa galeria de corriqueiros métodos de tortura, fartamente ilustrados com casos como o de Aurora Maria Nascimento, morta no Rio de Janeiro em 1972 por dilaceração encefálica: seus algozes aplicaram-lhe o "torniquete", um metal que se fecha em torno do crânio provocando afundamento dos ossos. Ou o caso do capitão do Exército Carlos Cavalcante, que tentou recuperar o corpo de seu meio-irmão Manoel Lisboa de Moura, segundo as autoridades "morto em tiroteio": o cadáver lhe foi entregue sob a condição de que o caixão lacrado não fosse aberto; o capitão Cavalcante recusou-se a recebê-lo e pediu passagem para a reserva.

PRESSÕES E CHANTAGENS — O livro de Fon desvenda também as disputas entre esses órgãos, inclusive pelo direito de torturar um prisioneiro, e o esquema de corrupção que acabou constituindo parte inseparável do esquema repressivo.

Traz à tona, por exemplo, as pressões e chantagens exercidas sobre empresários que relutavam em contribuir

para os fundos de sustentação financeira dos aparelhos de segurança; acompanha o surgimento de grupos clandestinos em frontal desafio ao governo Ernesto Geisel, quando este iniciava o processo de distensão política — confronto do qual o episódio da morte do jornalista Vladimir Herzog e o afastamento do comandante do II Exército, general Eduardo d'Ávila Mello, em 1975, foram os momentos culminantes. O livro descreve, finalmente, a espiral antropofágica em que a partir de certo momento alguns torturadores acabaram como torturados.

Para a composição desse painel, Antonio Carlos Fon entrevistou centenas de pessoas. Muitas, explicavelmente, só aceitaram falar sob a garantia do anonimato. Neste caso estavam por exemplo, militares e policiais que não concordam com a violência. Os torturadores, de forma geral, não se negaram a falar — "muitos deles", diz o repórter, "estão certos de que são heróis a quem a nação tem a dever". Entre estes, um ex-delegado da Divisão de Ordem Social do DEOPS paulista, Firmiano José Pacheco, que não apenas depôs a descoberto como pediu a Fon que não o cortasse de uma lista de 233 torturadores elaborada por presos políticos de São Paulo, explicando que isso poderia prejudicar sua carreira.

gados Darci Arruda Miranda e Tales Castelo Branco. Na fase atual, estão sendo ouvidas as testemunhas de referência, isto é, arroladas pela auditoria.

Em audiência realizada dia 27 de junho, o delegado Josecyr Cuoco, que trabalhou no DEOPS de São Paulo, negou que tivesse concedido entrevista ao repórter. Também o major do Exército Maurício Lopes de Lima negou ter participado dos fatos a ele imputados na reportagem, embora seu depoimento contenha uma contradição: depois de afirmar que começou a trabalhar do DOI-CODI (ex-Oban) no dia 4 de outubro de 1969, admitiu ter prendido Fon em data anterior a esta (29 de setembro do mesmo ano).

A terceira testemunha, o delegado Firmiano Pacheco Neto, foi ouvida na última terça-feira. Pacheco também negou ter dado entrevista ao jornalista — mas confirmou todas suas declarações constantes na reportagem, inclusive o pedido que fez

para que seu nome não fosse excluído de uma lista de 233 torturadores. A quarta e última testemunha de referência, o general Hugo Abreu, será ouvida no Rio de Janeiro nos próximos dias, por carta precatória. Virão a seguir as testemunhas de defesa.

Se o anteprojeto de anistia for aprovado tal qual o governo o enviou ao Congresso Nacional, a medida não beneficiará o jornalista Antonio Carlos Fon, pois o alcance da medida não iria além de 31 de dezembro de 1978. O caso já transborda os limites habituais: em abril passado, em Pittsburgh, durante a reunião anual da Latin American Studies Association, a professora americana Joan Dassin, da Universidade de Columbia, apresentando um estudo sobre a situação dos direitos humanos no Brasil, vinculou o desfecho do processo movido contra o jornalista à efetiva supremacia da sociedade e das leis brasileiras sobre o aparelho de repressão política.



CARLOS CASTELA

Ribeiro: visão grega do nordeste

Alta tensão

VILA REAL, de João Ubaldo Ribeiro; Nova Fronteira; 177 páginas; 150 cruzeiros.

Diante desse quarto livro de ficção de João Ubaldo Ribeiro — o mais célebre, lançado em inglês nos Estados Unidos, é o romance épico sertanejo "Sargento Getúlio" — seja permitido meditar sobre o destino do bom escritor brasileiro. O pequeno público treinado para ler regularmente no país parece preferir obras de informação, tipo reportagens ou biografias, certo de que dados, estatísticas e datas proporcionam visão exata dos problemas nacionais. Quanto a obras de ficção, esse mesmo público tende a preferir romances estrangeiros, que lhe dão a visão da vivência desejada no futuro, quando o Brasil for um país desenvolvido.

De dois lados vê-se assim a ficção nacional em segundo plano. Com isso perde o público, pois têm surgido ficcionistas de alta qualidade, como João Ubaldo Ribeiro. Ele proporciona o que só a ficção pode dar: ao lado do prazer de ler, da fruição da palavra, também um comentário emotivo sobre a condição do homem, uma consciência sentimental de um modo de vida tão distante do leitor, num mundo criado pela arte em que mesmo assim o leitor se pode reconhecer.

RITMO CONSONANTAL — "Vila Real" é a história de uma empresa de mineração que expulsa posseiros de um trecho do sertão (aparentemente a obra se inspira na Boquira, mineradora baiana em que até o governo estadual tem

Clientes e amigos



seus clientes
os com as utilidades Tramontina.



Elas são como velhas amigas,
duráveis como o aço.



TRAMONTINA
a qualidade de aço

Fábrica: 95185 - Carlos Barbosa/RS
Escritórios: São Paulo, fone: 260.3378
Rio de Janeiro, fone: 224.5004

dificuldades de entrar para promover investigações). É também a história da tentativa de resistência desses posseiros. Mas, sem ser um simples pretexto, essa história, ou seja, o chamado "enredo", é na verdade oportunidade para exercícios de alta tensão literária.

Não há como esconder que o leitor acostumado ao português simples das reportagens, da maioria das biografias e da quase totalidade das traduções, vá sentir inicialmente dificuldade com a prosa poética de João Ubaldo Ribeiro. Ocorrerá compreensível estranheza com suas inovadoras concepções de forma e conteúdo.

Talvez algumas constatações facilitem o trabalho de leitura. Em primeiro lugar, a poesia de João Ubaldo Ribeiro, ao contrário do que aconteceu com a esmagadora maioria dos prosistas lusobrasileiros com pretensão à sonoridade, não está baseada na exploração dos jogos com as vogais, sejam tônicas ou átonas. Pelo contrário, ele parece seguir a tradição anglo-saxônica e dar precedência à sonoridade das consoantes, às aliterações e contrastes advindos da repetição e/ou alternância das consoantes. Assim, sua prosa, se perde em suavidade ganha em ossatura.

LUXO DE PALAVRAS — Ribeiro quase não emprega palavras iniciadas com vogal, muito menos ditongos, hiatos ou tritongos — suas vogais não têm vida própria, subordinadas quase sempre a uma consoante, em geral dura, dental ou gutural. Um exemplo citado ao acaso: "Este rio viaja devagar, gorgolhando nas raízes das gateiras, cachoando nas bases dos ingazeiros, transportando os sucos da terra e dos pés de pau, este rio é uma fita preta desnovelando os caminhos, porque todos podem acompanhar um rio de água doce e peixeira" (página 121).

Acostumado no máximo ao ritmo intencional, o leitor inexperiente pode

não aproveitar esse luxo consonantal.

UM ROMANCE-ENSAIO? — Mas a que vem essa forma requintada, se o próprio autor, como diz na contracapa, não se pretende um beletrista? Para que essa sonoridade rude e muitas vezes brutal? Ora, o romance lida com o sertão. E da mesma forma que, atrás da rudeza e brutalidade dos sons do texto, se esconde uma poesia que aspira à beleza, também por trás da paisagem rude do sertão — e do coração brutal do sertanejo (os revoltosos não hesitam em comer os cadáveres dos agentes da "ordem" que conseguem derrotar) — esconde-se uma certa beleza agreste bastante pungente. Ainda mais, Ribeiro não canta a ação — e isso tanto pode ser uma opção estética como um retrato da situação do povo brasileiro, que em cinco séculos de História nunca assumiu os comandos das ações. Em Vila Real temos uma espécie de romance-ensaio em que o importante não são os atos das personagens e, sim, suas meditações e pensamentos, sempre inseridos numa cultura sertaneja que chega a ser universal.

Particularmente belos são assim os capítulos 9 e 10. No primeiro, ocorrem ricos conceitos sobre a situação da mulher no sertão e no mundo, a partir de um dado encantador como a admiração, por parte de uma mulher, em relação a um homem muito hábil na pesca de camarões (isso gera ciúme em outro homem, que se julga capaz de ações mais nobres). No segundo, o sertanejo desenvolve complexo raciocínio sobre a importância da palavra em sua vida.

Pode-se chamar Ribeiro de "Heródototo do sertão"; pode-se, como se fez em relação a "Sargento Getúlio", especular sobre sua visão grega do nordeste. Mas é mais importante empreender uma investigação sobre a beleza difícil de seus escritos, uma beleza propriamente sertaneja.

RENATO POMPEU

Os mais vendidos

Ficção

- 1-O Colapso, Arthur Hailey (1-5)
- 2-Os Tolos Morrem Antes, Mario Puzo (2-24)
- 3-Os Três Ratos Cegos..., Agatha Christie (3-14)
- 4-Eu Confesso Tudo, J. M. Simmel (4-13)
- 5-O Cavaleiro Insone, Manuel Scorza (5-3)
- 6-O Bale Quebra-Nós, Carlos Eduardo Novaes (6-6)
- 7-O Delta de Vênus, Anais Nim (7-13)
- 8-Negras Raízes, Alex Haley (8-8)
- 9-Estado de Sítio, Costa-Gavras e Franco Solinas (9-2)
- 10-Tem Aquela do..., Chico Anísio (10-13)

Não-ficção

- 1-O Outro Lado do Poder, Hugo Abreu (1-12)
- 2-Memórias, general Olympio Mourão Filho (2-23)
- 3-Saúde Total, Kenneth Cooper (3-3)
- 4-Genocídio Americano, Julio J. Chiavenatto (4-8)
- 5-Loucura Nuclear, Kurt Mirow (5-13)
- 6-Memórias (1900-1945), Gregório Bezerra (6-4)
- 7-Brizola e o Trabalho, Moniz Bandeira (7-8)
- 8-Canto Geral, Pablo Neruda (8-3)
- 9-113 Dias de Angústia, Carlos Chagas (9-17)
- 10-Dossiê Herzog, Fernando Jordão (10-4)

Fonte: Livrarias Brasileira, Cultura, Siciliano Augusta, Siciliano D. José e Teixeira (SP); Entrelivros Leblon, Entrelivros Copacabana, Padrão e Freitas Bastos (RJ); Atalaia (MG); Lima (RS); Ghignone (PR); Casa do Livro (DF); Civilização Brasileira/Barra (BA); Editora do Nordeste (PE); Renascença (CE). Os números entre parênteses indicam: a) a colocação do livro na semana anterior; b) há quantas semanas consecutivas o livro aparece na lista. Obs.: esta lista não inclui os livros vendidos em banca.



CARRO USADO:

**DESCUBRA COMO FAZER
UM EXCELENTE NEGÓCIO.**

QUATRO RODAS de julho dá todas as dicas
- de mecânica, conservação,
documentação e preço - para
você comprar um carro usado
sem riscos de prejuízo.

E MAIS:

**CONHEÇA O NOVO FUSCA
SEM DISFARCES.**



QUATRO RODAS

DE JULHO

JÁ NAS BANCAS

Pele de crocodilo

Neste princípio de julho de 1979 acontecimentos diversos estão ocorrendo, talvez de algum modo correlatos. Em Londres, debaixo de forte pressão dos ecologistas e da opinião pública mundial, reúne-se pela trigésima-primeira vez a Comissão Baleeira Internacional, que anualmente distribui cotas aos países interessados, determinando o número de baleias que podem ser mortas por cada um deles.

Até aqui, as cotas costumavam ser generosas. Este ano, por exemplo, o total de baleias que podem ser legalmente mortas é superior a 20 000. Mas mesmo esses limites não são respeitados nem pelos soviéticos nem pelos japoneses, que são os dois grandes nessa indústria. Os cientistas temem a rápida extinção das espécies remanescentes de baleias, animais que, como se sabe, são mamíferos como o homem e dotados de cérebros maiores que os nossos, o que faz supor que sejam pelo menos tão inteligentes quanto os golfinhos. Além disso, as baleias são muito grandes e muito antigas. Estima-se que existam há 40 milhões de anos, e seria uma pena que devessem desaparecer agora, pela mão desses recém-chegados que somos nós, os seres ditos humanos.

No Brasil, o clima de anistia, embora restrita, e de incipiente conciliação geral está devolvendo à cena aberta figuras das quais só se falava, ainda há muito pouco tempo, em cochichos. Uma dessas figuras é o secretário geral do Partido Comunista Brasileiro, Luís Carlos Prestes. Prestes está com 82 anos. Desde 1972 recolheu-se ao santuário soviético, o que não o impede de viajar muito e constantemente, a serviço do seu partido. Ele pertence a uma espécie em extinção — a dos grandes monstros sagrados da Terceira Internacional Comunista, como a espanhola Dolores Ibarruri ou o búlgaro Dimitrov, acusado por Hitler de ter incendiado o Reichstag. Ibarruri vive ainda e, agora, em sua Espanha natal. De Dimitrov, que chegou a governar a Bulgária depois da guerra, já não se pode dizer outro tanto.

A julgar pela longa entrevista que concedeu à Televisão Bandeirantes em fins do ano passado, mas que só agora pôde ir ao ar, Prestes está em plena forma, nos seus rijos 82 anos, ágil, bem disposto, pronto nas respostas, a ponto de ter levado facilmente a melhor sobre os dois combativos repórteres que o entrevistaram. Sua técnica e seu estilo são os mesmos de há trinta anos. Ele reafirma com naturalidade e grande convicção as maiores barbaridades do seu imperturbável catecismo político. Apóia a invasão dos bairros populares de Budapeste, em 1956, pelos tanques soviéticos, que liquidaram a ferro e fogo a revolução húngara. Apóia igualmente o esmagamento da Primavera de Praga, obra dos mesmos autores, doze anos depois. As hesitações e contramarchas dos chefes comunistas franceses e italianos, diante



SÉRGIO SADE

desses temas escabrosos aos quais a opinião européia é tão sensível, apenas testemunham, para o nosso Prestes, a liberdade de divergir e discordar entre os vários partidos comunistas irmãos.

De Luís Carlos Prestes não se dirá nunca que ele é uma baleia, mas não há dúvida de que a sua sensibilidade política (e humana) é a de um crocodilo. Falando do Brasil e de episódios recentes da nossa história, ele reconhece que "graves erros" foram cometidos pelos comunistas, sob seu comando. Em 1964, por exemplo, diz ele que o partido tinha influência suficiente sobre o presidente João Goulart para impedir que fossem praticados os excessos (revoltas de sargentos e marinheiros, desordens, violências) que acabaram precipitando a deposição do governo. Assim, é o próprio chefe comunista que vem hoje a público reconhecer: (A) que o presidente João Goulart estava mesmo sob a influência do PC, e (B) que a deposição e a derrota foram provocadas por erros e excessos do governo, que o PC não soube ou não quis evitar, embora pudesse fazê-lo.

Em 1945, ainda na cadeia, Prestes entendeu-se com o ditador Vargas e foi solto para apoiá-lo e para dividir as forças que se contrapunham à ditadura e lutavam pela plena restauração democrática. Embora o ditador fosse afinal deposto pelos chefes militares, a 29 de outubro, não há dúvida de que foram a pregação de Prestes e a candidatura de Iedo Fiúza, lançada por ele, que enfraqueceram popularmente a frente oposicionista e a levaram à derrota diante do candidato da máquina oficial, apoiado por Vargas e pelos interventores do Estado Novo. Hoje, 34 anos depois, Prestes talvez já não tivesse autoridade moral e prestígio popular para repetir a façanha, embora não lhe falte a velha determinação, digamos, pragmática. Por outro lado, o governo e o país já não são mais aqueles de 1945, e o ditador sul-americano que está hoje em apuros não é mais Vargas, é Somoza.

Nem só de crocodilos, entretanto, faz-se uma anistia. Ao contrário, mesmo ainda avara e estreita, ela ajuda a abrir o país à luz do debate e da inteligência, como se pode ver do que disse aos jornais do Rio Celso Furtado, à saída da reunião recente do Clube de Roma. É pena que a abertura não seja ainda suficientemente ampla para que intelectuais como ele, industriais como Antônio Ermírio ou administradores como Olavo Setúbal possam ser chamados a participar dessa Comissão Nacional de Energia, criada pelo presidente Figueiredo. Ao lado de luminas como César Cals e Shigeaki Ueki, esteios do governo, eles certamente não fariam má figura.

FERNANDO PEDREIRA

Fernando Pedreira é colaborador dos jornais O Estado de S. Paulo e Jornal do Brasil

SEMPRE DOMEcq

Uma frase que traduz
todo o prazer de beber.
Toda a qualidade e
tradição do Conhaque
Domecq.



MINISTER. PARA QUEM SABE O QUE QUER.



Querer é uma coisa.
Saber querer é diferente.

É uma virtude dessas pessoas que escutam e sabem ouvir mais.

Que olham e sabem ver mais.

Que sabem, enfim, perceber diferenças onde outros estão vendo tudo igual.

Essas pessoas têm preferido Minister.

O fato é que só Minister tem o sabor Minister. Um sabor que corresponde.

Um sabor que você sabe.

E para quem sabe o que quer.



Qualidade Souza Cruz.



Minister

